

UNIVERSITY  
OF  
TORONTO  
LIBRARY







COLLECCÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

**T o m o I.**







*C. H. Smead & Co.*



635c.2

# CANTOS.

COLLECÇÃO DE POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS.

---

QUINTA EDIÇÃO.

---

TOMO PRIMEIRO.

COM O RETRATO DO AUTOR.



119449  
31/10/11

LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

—  
1877.

11. 11. 11.

AO SEU AMIGO

O

DR. G. S. DE CAPANEMA

OFFERECER ESTA EDIÇÃO  
DOS SEUS CANTOS

O AUTOR.



## SIRVA DE PROLOGO.

---

A collecção de poesias, que agora reimprimo, vac illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria.

Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim, uma simples menção do meo primeiro volume, rubricada com o seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devera, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo, — e, benevolamente indulgente, dirigio me algumas linhas, que me fizeram comprehender quão alto eu reputava a sua gloria, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuido.

O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não pèrdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, por que o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, previnindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquem do que devemos.

Ahi vae o artigo tal qual o transcreveo e remetteo-me de Lisboa o meo bom amigo Gomes de Amorim.

DRESDA 30 de Março de 1857.

## FUTURO LITTERARIO DE PORTUGAL E DO BRAZIL.\*

POR OCCASIÃO DA LEITURA DOS

PRIMEIROS CANTOS: POESIAS DO Sr. A. GONÇALVES  
DIAS.

---

Bem como a infancia do homem a infancia das nações é vivida e esperançosa: bem como a velhice humana a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe attribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri; Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperanza, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porem, ao povo infante, que cresce e se fortifica alem dos mares, que se atira

---

\* Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense. Tom. VII, pag. 5.  
— anno de 1847—1848.

ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do tumulto, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer!

Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*; aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi cada-ver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalhar-mos no estandarte de D. João I. ou na bandeira de Vasco da Gama e de irmos enfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porem, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. E' que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem refocilar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e attufando-se no charco, acceita as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

Que é feito de tantos engenhos, que despontaram nesta nossa terra, desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épochas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acerca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides



do entendimento? De tudo isso; de toda essa mocidade brilhante e esperançosa, que resta? Algum crente solitário que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, attiraram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato político, desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa, de feito, ha ali sobre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oigo a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lyra noviça, quizerá poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bella, cala-te, que estás n'um prostíbulo! Olha que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituíres.

O poeta portuguez d'hoje é a avezinha que, enlevada nos seus gorgeios, se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, deseconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, n'esta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deos. Ah! é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha de frente da meza nas philitias de Sparta, para servir de licção de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Sparta de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro. e intitulado: *Primeiros Cantos: Poemas por A. Gonçalves Dias*. N'aquelle paiz de esperanças, cheio de

viço e de vida. ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, desprezando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das-lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso ceu, que a allumina; prova forças emfim para algum dia renovar pelas ideias a sociedade, quando passar a geração dos homens *práticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; por que a sociedade brasileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!

E' geralmente sabido que o jovem imperador do Brazil dedica todos os momentos que pode salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá accomettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a ideia se encarnar na realidade, o seu espirito como as outras intelligencias que o rodeiam, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumniados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente. e uma prophecia consoladora acerca do porvir do Brazil?

A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. As publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desinvolve, começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajunte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

Por si sós esses factos provariam antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brazil. E' um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porem, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um bello livro: são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que já conta outros no sen seio, pode abençoar mais um illustre filho.

O auctor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificacão, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

Quizeramos que as *Poesias Americanas* que são como o portico do edificio occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o Canto do Guerreiro e um fragmento *Morro do Alecrim*.

(Aqui vem transcripta por inteiro a poesia intitulada «O canto do Guerreiro» (pag. 4) e as ultimas estrophes do «Morro do Alecrim».)

Abstendo-me de outras citações, que occupariam demasiado espaço, não posso resistir a tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida.

(Aqui vem transcripta a poesia intitulada «Seos olhos» Veja-se pag. 32.)

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coracão, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros*

*Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encommendados*, nem pedil-os para si.

LISBOA (Ajuda) 30 de Novembro de 1847.

A. HERCULANO.

## PRIMEIROS CANTOS.

### PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Dei o nome de «*Primeiros Cantos*» ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

Muitas dellas não tem uniformidade nas estrophes, porque menosprezo regras de mera convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificacão portugueza, e usei delles como me parecerão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em epochas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondego e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á lingoagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improvisos, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéa com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento

da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

RIO DE JANEIRO — Julho de 1846.

# INDICE.

---

	Pag.
Sirva de Prologo . . . . .	VII
Futuro litterario de Portugal e do Brazil, artigo do Sr. A. Herculano	IX
Prologo da primeira edição dos Primeiros Cantos	xv

## PRIMEIROS CANTOS.

### PÔESIAS AMERICANAS.

Canção do Exilio . . . . .	3
O Canto do Guerreiro . . . . .	4
O Canto do Piaga . . . . .	7
O Canto do Indio . . . . .	10
Caehias . . . . .	12
Deprecação . . . . .	13
O Soldado hespanhol . . . . .	15

### PÔESIAS DIVERSAS

A Leviana . . . . .	26
A minha Musa . . . . .	28
Desejo . . . . .	31
Seos olhos . . . . .	32
Innocencia . . . . .	34
Pedido . . . . .	35
O Desengano . . . . .	36
Minha vida e meos amores . . . . .	37
Recordação . . . . .	40
Tristesa . . . . .	41
O Trovador . . . . .	43
Amor! delirio — engano . . . . .	48
Delirio . . . . .	51
Epicedio . . . . .	53
Soffrimento . . . . .	54

### VISÕES.

I. Prodigio . . . . .	56
II. A Cruz . . . . .	57
III. Passamento . . . . .	59

	Pag.
IV. —	63
V. A Morte	66
O Vate	58
Á morte prematura da Ill <sup>ma</sup> S <sup>ra</sup> D....	70
A Mendiga	72
A Escrava	76
Ao Dr. J. D. Lisboa Serra	79
O Desterro de um pobre velho	81
O Orgulhoso	84
O Cometa	85
O Oiro	86
A um Menino	87
O Pirata	90
A Villa Maldicta	94
Quadros da minha vida. Recordação e desejo	100

## HYMNOS.

O Mar	108
Ideia de Deos	110
O romper d'alva	113
A tarde	116
O Templo	120
Te Deum	122
Adeos aos meos Amigos do Maranhão	123

## SEGUNDOS CANTOS.

Consolação nas lagrimas	129
Canção	130
Lyra	132
Agora e sempre	132
A virgem	134
Rosa no mar	135
O Amor	138
Sempre ella	139
Mimosa e bella	141
As duas amigas	143
Sonho	145
Solidão	147
A um Poeta exilado	150
Palinodia	151
Os suspiros	155
Queixumes	157
Ao Anniversario de um casamento	162
Canto inaugural. — A' memoria do Conego J. da C. Barbosa	164
Tabyra. Aos Pernambucanos	167
Tabyra (Poesia Americana)	169



## HYMNOS.

	Pag.
A Lua	176
A Noite	179
A Tempestade	181

## NOVOS CANTOS.

O homem forte	189
Dies irae	190
Espera!	193
A Saudade	194
Nao me deixes!	197
Zulmira . . . . .	198
A uma Poetiza	199
Angelina	199
Rola	201
Ainda uma vez — adeos!	202
O Somno . . . . .	207
Se eu fosse querido!	207
A flôr do amor	208
A sua voz	211
Se se morre de amor!	212
A morte é vária	214

---



## PRIMEIROS CANTOS.



## POESIAS AMERICANAS.

Les infortunes d'un obscur habitant des bois  
auraient-elles moins de droits à nos pleurs que  
celles des autres hommes?

CPATEAUBRIAND.

---

### CANÇÃO DO EXILIO.

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?  
Kennst Du es wohl? — Dahin, dahin!  
Mocht' ich . . . ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeião,  
Não gorjeião como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas varzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite!  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
 Que taes não encontro eu cá;  
 Em scismar — sósinho, á noite —  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que desfrute os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

COIMBRA — Julho 1843.

## O CANTO DO GUERREIRO.

### I.

Aquí na floresta  
 Dos ventos batida,  
 Façanhas de bravos  
 Não gerão escravos,  
 Que estimem a vida  
 Sem guerra e lidar.  
 — Ouvi-me, Guerreiros,  
 — Ouvi meo cantar.

### II.

Valente na guerra  
 Quem ha como eu sou?  
 Quem vibra o tacápe  
 Com mais valentia?  
 Quem golpes daria  
 Fataes, como eu dou?  
 — Guerreiros, ouvi-me;  
 — Quem ha, como eu sou?

## III.

Quem guia nos ares  
 A frexa implumada,  
 Ferindo uma preza,  
 Com tanta certeza;  
 Na altura arrojada  
 Onde eu a mandar?  
 — Guerreiros, ouvi-me,  
 — Ouvi meo cantar.

## IV.

Quem tantos inimigos  
 Em guerras preou?  
 Quem canta seos feitos  
 Com mais energia?  
 Quem golpes daria  
 Fataes, como eu dou?  
 — Guerreiros, ouvi-me:  
 Quem ha, como eu sou?

## V.

Na caça ou na lide,  
 Quem ha que me affronte?!  
 A onça raivosa  
 Meos passos conhece,  
 O inimigo estremece,  
 E a ave medrosa  
 Se esconde no céo.  
 — Quem ha mais valente,  
 — Mais dextro do que eu?

## VI.

Se as matas estrujo  
 Co'os sons do Boré,  
 Mil arcos se encurvão,  
 Mil setas lá vôão,  
 Mil gritos rebôão,  
 Mil homens de pé

Eis surgem, respondem  
 Aos sons do Boré!  
 — Quem é mais valente,  
 — Mais forte quem é?

## VII.

Lá vão pelas matas:  
 Não fazem ruído:  
 O vento gemendo  
 E as matas tremendo  
 E o triste carpido  
 D'uma ave a cantar,  
 São elles — guerreiros,  
 Que faço avançar.

## VIII.

E o Piaga se ruge  
 No seo Maracá,  
 A morte lá paira  
 Nos ares frexados.  
 Os campos juncados  
 De mortos são já:  
 Mil homens viverão,  
 Mil homens são lá.

## IX.

E então se de novo  
 Eu tóco o Boré:  
 Qual fonte que salta  
 De rocha empínada,  
 Que vai marulhosa,  
 Fremente e queixosa.  
 Que a raiva apagada  
 De todo não é,  
 Tal elles se escôão  
 Aos sons do Boré.  
 — Guerreiros, dizei-me,  
 — Tão forte quem é?

---



## O CANTO DO PIAGA.

## I.

O' Guerreiros da Taba sagrada,  
 O' Guerreiros da tribu Tupi.  
 Fallão Deoses nos cantos do Piaga,  
 O' Guerreiros, meos cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
 Anhangá me vedava sonhar;  
 Eis na horrivel caverna, que habito,  
 Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso.  
 Manitós! que prodigios que vi!  
 Arde o pão de resina fumosa.  
 Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meos pés um phantasma,  
 Um phantasma d'immensa extensão;  
 Liso craneo repousa a meo lado,  
 Feia cóbra se enrosca no chão.

O meo sangue gelou-se nas veias.  
 Todo inteiros — ossos, carnes — tremi,  
 Frio horror me còou pelos membros;  
 Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
 O' Guerreiros, o espectro que eu vi.  
 Fallão Deoses nos cantos do Piaga,  
 O' Guerreiros, meos cantos ouvi!

## II.

Porque dormes, ó Piaga divino?  
 Começou-me a Visão a fállar,  
 Porque dormes? O sacro instrumento  
 De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume  
 Toda a face do sol offuscar:  
 Não ouviste a coruja, de dia,  
 Seos estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma  
 Sem aragem — vergar-se e gemer.  
 Nem a lua de fogo entre nuvens,  
 Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!  
 E Anhangá te proíbe soubar!  
 E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
 E não pódes angurios contar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,  
 Ouve os sons do fiel Maracá;  
 Manitòs já fugirão da Taba!  
 O' desgraça! ó ruína! ó Tupá!

## III.

Pelas ondas do mar sem limites  
 Basta selva, sem folhas, hi vem;  
 Hartos troncos, robustos, gigantes:  
 Vossas matas taes monstros contêm.

Trás embira dos cimos pendente  
 — Brenha espessa de vario cipó —  
 Dessas brenhas contêm vossas matas,  
 Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
 Brancas azas abrindo ao tufão,  
 Como um bando de candidas garças,  
 Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,  
 O marimbo arcabouço arrancar?  
 Nossas terras demanda, fareja...  
 Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
 Não sabeis a que vem, o que quer?  
 Vem matar vossos bravos guerreiros,  
 Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —  
 Dons crueis do cruel Anhangá;  
 Vem quebrar-vos a maça valente,  
 Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
 Com que a tribu Tupi vai gemer;  
 Hão de os velhos servirem de escravos,  
 Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asilo,  
 Triste asilo por invio sertão;  
 Anhangá de prazer ha de rir-se,  
 Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piaga, conjura,  
 Susta as iras do féro Anhangá.  
 Manitôs já fugirão da Taba,  
 O' desgraça! ó ruína! ó Tupá!

---

## O CANTO DO INDIO.

Quando o sol vae dentro d'agoa  
 Seos ardores sepultar.  
 Quando os passaros nos bosques  
 Principão a trinar;

Eu a vi, que se banhava....  
 Era bella, ó Deoses, bella.  
 Como a fonte cristallina,  
 Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,  
 Porque en te visse assim, como te via.  
 Calcára agros espinhos sem queixar-me,  
 Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha  
 Sobre mim sem temor veria erguido;  
 Dessem-me a mim sómente vér teu rosto  
 Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seos loiros cabellos  
 Pelas agoas se espalhavão.  
 Pelas agoas, que de vel-os  
 Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo,  
 Porque melhor os colhesse:  
 Niveo collo, quem te visse,  
 Que de amores não morresse!

Passára a vida inteira a contemplar-te,  
 O' Virgem, loira Virgem tão formosa,  
 Sem que dos irmãos ouvisse o canto,  
 Sem que o som do Boré que incita á guerra  
 Me infiltrasse o valor que m'has roubado,  
 O' Virgem, loira Virgem tão formosa.

Ás vezes, quando um sorriso  
 Os labios seos entreabria,  
 Era bella, oh! mais que a aurora  
 Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seos labios  
 Uma voz se desprendia.  
 Terna voz, cheia de encantos,  
 Que eu entender não podia.

Que importa? Esse fallar deixou-me n'alma  
 Sentir d'amores tão sereno e fundo,  
 Que a vida me prendeo, vontade e força.  
 Ah! que não queiras tu viver commigo,  
 O' Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,  
 Ella surgio toda núa;  
 Onde ha, ó Virgem, na terra  
 Formosura como a tua?

Bem como gotas de orvalho  
 Nas folhas de flôr mimosa,  
 Do seo corpo a onda em fios  
 Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha  
 Aqui dos meos irmãos, qual sou rei delles!  
 Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa.  
 Odeio tanto aos teos, como te adóro;  
 Mas queiras tu ser minha, que eu prometto  
 Vencer por teu amor meo odio antigo,  
 Trocar a maça do poder por ferros  
 E ser, por te gozar, escravo delles.

## CACHIAS.

Quanto es bella, ó Cactíias! — no deserto,  
 Entre montanhas, derramada em valle  
     De flores perennaes,  
 Es qual tenue vapor que a brisa espalha  
 No frescor da manhã meiga soprando  
     Á flor de manso lago.

Tu es a flor que despontaste livre  
 Por entre os troncos de robustos cédros,  
     Forte — em gleba inculta:  
 Es qual gazella, que o deserto educa,  
 No ardor da sésta debruçada exangue  
     Á margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,  
 Não cinges d'ouro a fronte que descansas  
     Na base da montanha:  
 Es bella como a virgem das florestas,  
 Que no espelho das aguas se contempla,  
     Firmada em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes  
 Dos, que ora trajas, simplicies ornatos  
     E amavel desalinho:  
 Da pompa e luxo amiga, hão de cabir-te  
 Aos pés então — da poesia a c'roa  
     E da innocencia o cinto.

## DEPRECAÇÃO.

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teu rosto  
 Com denso velamen de pennas gentis:  
 E jazem teos filhos clamando vingança  
 Dos bens que lhes déste da perda infeliz!

Tupan, ó Deos grande! teu rosto descobre:  
 Bastante soffremos com tua vingança!  
 Já lagrimas tristes chorarão teos filhos,  
 Teos filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe  
 Os homens que o raio maneirão cruentos,  
 Que vivem sem patria, que vagão sem tino  
 Tras do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios  
 Que assaltão, são nossos; tu es nosso Deos:  
 Por que lhes concedes tão alta pujança,  
 Se os raios de morte, que vibrão, são teos?

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teu rosto  
 Com denso velamen de pennas gentis;  
 E jazem teos filhos clamando vingança  
 Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teos filhos valentes, temidos na guerra.  
 No albor da manhã quão fortes que os vi!  
 A morte pousava nas plumas da frexa,  
 No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio  
Cem vezes hei visto crescer e baixar...  
Já restão bem poucos dos teos, qu'inda possão  
Dos seos, que já dormem, -os ossos levar.

Teos filhos valentes causavão terror.  
Teos filhos enchião as bordas do mar,  
As ondas coalhavão de estreitas igáras,  
De frexas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas  
A corça ligeira, o trombudo coati...  
A morte pousava nas plumas da frexa,  
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,  
A que nos infliges cruel punição;  
E os teos inda vagão por serras, por valles,  
Buscando um asilo por invio sertão!

Tupan, ó Deos grande! descobre o teo rosto:  
Bastante soffremos com tua vingança!  
Já lagrimas tristes chorárão teos filhos,  
Teos filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teo rosto, resurjão os bravos,  
Que eu vi combatendo no albor da manhã;  
Conheção-te os féros, confessem vencidos  
Que es grande e te vingas, qu'es Deos, ó Tupan!

---



## O SOLDADO HESPAÑHOL.

Un soldat au dur visage.

V. Hugo.

## I.

Oh! qui révélera les troubles, les mystères  
 Que ressentent d'abord deux amans solitaires  
 Dans l'abandon d'un chaste amour?

AMOUR ET FOI.

O céu era azul, tão meigo e tão brando.  
 A terra tão erma, tão quieta e saudosa.  
 Que a mente exultava, mais longe escutando  
 O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na côr semelhava  
 Vestido sem nodoa de pura donzella:  
 E a terra era a noiva que bem se arreiava.  
 De flôres, matises: mas vária, mas bella.

Ella era brilhante,  
 Qual raio de sol;  
 E elle arrogante,  
 De sangue hespanhol.

E o hespanhol muito amava  
 A virgem mimosa e bella;  
 Ella amante, elle zeloso  
 Dos amores da donzella:  
 Elle tão nobre e folgando  
 De chamar-se escravo della!

E elle disse: — Vês o ceo? —  
 E ella disse: — Vejo. sim;  
 Mais polido que o polido  
 Do meo véo azul setim. —  
 Torna-lhe elle... (oh! quanto é doce  
 Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados  
 D'igreja antiga, a luzir  
 Não vês luz? — Vejo. — E não sentes  
 De a veres, meigo sentir?  
 — E' doce ver entre as sombras  
 A luz do templo a luzir!

— E o mar, alem, preguiçoso  
 Não vês tu em calmaria?  
 — E' bello o mar; porém sinto,  
 Só de o ver, melancholia.  
 — Que mais o teu rosto enfeita  
 Que um sorriso de alegria.

— E eu tão bem acho em ser triste  
 Do que alegre, mais praser:  
 Sou triste, quando em ti penso.  
 Que só me falta morrer;  
 Mesmo a tua voz saudosa  
 Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,  
 Quando me fallas assim;  
 Sou feliz quando se riem  
 Os labios teos de carmin;  
 Quando dises que me adoras.  
 Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meo Deos, meo tudo,  
 És tu só meo puro amar,

És tu só que o pranto podes  
 Dos meos olhos enxugar. —  
 Com ella repete o amante:  
 — És tu só meo puro amar! —

E o céo era azul tão meigo e tão brando  
 E a terra tão erma, tão só, tão saudosa  
 Que a mente exultava, mais longe escutando  
 O mar a quebrar-se na praia arenosa!

## II.

Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,  
 Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore!  
 V. Hugo.

E o hespanhol viril, nobre e formoso.  
 No bandolim  
 Seos amores disia mavioso,  
 Cantando assim:

«Já me vou por mar em fóra  
 Daqui longe a mover guerra,  
 Já me vou, deixando tudo,  
 Meos amores, minha terra.

«Já me vou lidar em guerras,  
 Vou-me á India occidental;  
 Hei de ter novos amores....  
 De guerras....não temas al.

«Não chores, não, tão coitada,  
 Não chores por t'en deixar;  
 Não chores, que assim me custa  
 O pranto meo soffrear.

«Não chores! — sou como o Cid  
 Partindo para a campanha;

Não ceifarei tantos louros,  
Mas terei pena tamanha.»

E a amante que assim o via  
Partir-se tão desditoso,  
— Vae, mas volta, lhe disia,  
Volta, sim, victorioso.

«Como o Cid, oh! crua sorte!  
Não me vou nesta campanha  
Guerrear contra o crescente,  
Porém sim contra os d'Hespanha!

«Não me aterrão; porém sinto  
Cerrar-se o meo coração,  
Sinto deixar-te, meo anjo,  
Meo praser, minha afeição.

«Como é doce o romper d'alva,  
E' me doce o teo sorrir,  
Doce e puro, qual d'estrella  
Da noite — o meigo luzir.

«Erão meos teos pensamentos  
Teo praser minha alegria,  
Doirada fonte d'encantos,  
Fonte da minha poesia.

«Vou-me longe, e o peito levo  
Rasgado de acerba dor,  
Mas commigo vão teos votos,  
Teos encantos, teo amor!

«Já me vou lidar em guerras,  
Vou-me á India occidental;  
Hei de ter novos amores....  
De guerras.... não temas al.»

Era esta a canção que acompanhava  
 No bandolim,  
 Tão triste, que de triste não chorava,  
 Dizendo assim.

## III.

O Conde deu o signal da partida!  
 — A' caça! meos amigos.

BÜRGER.

«Quero, pagens, sellado o ginete,  
 Quero em punho nebris e falcão,  
 Qu' é promessa de grande caçada  
 Fresea aurora d'amigo verão.

«Quero tudo lusindo, brilhante  
 — Curta espada e venab'le e punhal,  
 Cães e galgos farejem diante  
 Leve odor de sanhudo animal.

«E ai do gamo que eu vir na coutada,  
 Corça, onagro, que eu primo avistar!  
 Que o venab'lo nos ares voando  
 Lhe ha de o salto no meio quebrar.

«Eia, avante! — Disia folgando  
 O fidalgo mancebo, loução!  
 — Eia avante! — e já todos galopão  
 Tras do moço, soberbo infanção.

E partem, qual do arco arranca e vò  
 Nos amplos ares, mais veloz que a vista,  
 A plumca seta da entesada corda.  
 Longe o echo rebôa: — já mais fraco,  
 Mais fraco ainda, pelos ares vò.  
 Dos cães dubio o latir se escuta apenas,  
 Dos ginetes tropel, rinchar distante  
 Que em lufadas o vento traz por veses.

Já som nenhum se escuta. . . . Que! — latido  
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento  
Na torre castellã batendo acaso,  
Nas seteiras acaso sibilando  
Do castello feudal, deserto agora.

## IV.

Vois, à l'horizon  
Aucune maison?  
— Aucune.  
V. Ergo.

Já o sol se escondeo: cobre a terra  
Bello manto de frouxo luar;  
E o ginete, que esporas atracão,  
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas invias ramagens  
Vae sosinho o mancebô infanção;  
Vae sosinho, afanoso trotando  
Sem temores, sem pagens, sem cão.

Companheiros da caça ha perdido,  
Ha perdido no acceso caçar:  
Ha perdido, e não sente receio  
De sosinho, nas sombras trotar.

Corno eburneo embocou muitas vezes,  
Muitas vezes de si deo signal;  
Bebe attento a resposta, e não ouve  
Outro som responder-lhe; — inda mal!

E o ginete que esporas atracão,  
Nitre e corre sem nunca parar;  
Já o sol se escondeo, cobre a terra  
Bello manto de frouxo luar.

## V.

De rosée  
 Arrosée,  
 La rose a moins de fraîcheur.  
 HENRIQUE IV,

Silencio grato da noite  
 Quebrão sons d'uma canção,  
 Que vae dos labios de um anjo  
 Do que escuta ao coração.

Disia a lettra mimosa  
 Saudades de muito amar;  
 E o infanção enleiado,  
 Attento, poz-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,  
 Incentivo essa ternura,  
 Gerava delicias n'alma  
 Sonhar d'havel-a a ventura.

Queixosa cantava a esposa  
 Do guerreiro que partio,  
 Largos annos são passados,  
 Missiva delle não vio...

Parou!..escutando ao perto  
 Responder-lhe outra canção!..  
 Era terna a voz que ouvia,  
 Lisongeira — do infanção:

«Tenho castello soberbo  
 N'um monte, que beija um rio,  
 De terras tenho no Doiro  
 Geiras cem de lavradio;

«Tenho lindas haquenéas,  
 Tenho pagens e matilha,  
 Tenho os melhores ginetes  
 Dos ginetes de Sevilha;

«Tenho punhal, tenho espada  
 D'alfageme alta feitura,  
 Tenho lança, tenho adága,  
 Tenho completa armadura.

«Tenho fragatas que cingem  
 Dos mares a lympa clara,  
 Que vão preiando piratas  
 Pelas rochas de Megára.

«Dou-te o castello soberbo  
 E as terras do fertil Doiro,  
 Dou-te ginetes e pagens  
 E a espada de pomo d'oiro.

«Dera a completa armadura  
 E os meos barcos d'alto-mar,  
 Que nas rochas de Megára  
 Vão piratas captivar.

«Falla de amores teo canto,  
 Falla de accessa paixão....  
 Ah! senhora, quem tivera  
 Dos agrados teos condão!

«Eu sou mancebo, sou Nobre,  
 Sou nobre moço infanção;  
 Assim podesse o meo canto  
 Algemar-te o coração,  
 O' Dona, que eu dera tudo  
 Por vencer-te essa isenção!»



Attenta escutava a esposa  
 Do guerreiro que partio,  
 Largos annos são passados,  
 Missiva delle não vio;  
 Mas da lettra que escutava  
 Delicias n'alma sentio.

## VI.

Si tu voulais, Madeleine,  
 Je te ferais châtelaine;  
 Je suis le comte Rozer: —  
 Quitte pour moi ces chaumières,  
 A moins que tu ne préfères  
 Que je me fasse berger.

V. Hugo.

E n'outra noite saudosa  
 Bem junto della sentado,  
 Cantava brandas endechas  
 O gardingo namorado.

«Careço de ti, meo anjo,  
 Careço do teu amor,  
 Como da gota d'orvalho  
 Carece no prado a flôr.

«Praseres que eu nem sonhava  
 Teo amor me fez gosar;  
 Ah! que não queiras, senhora,  
 Minha dita rematar.

«O teu marido é já morto,  
 Noticia delle não sôa;  
 Pois desta gente guerreira  
 Bastos ceifa a morte á tóa.

«Ventura me fôra ver-te  
 Nos labios teos um sorriso,  
 Delicias me fora amar-te,  
 Gosar te meo paraíso.

«Sinto afflicção, quando choras;  
 Se te ris, sinto praser;  
 Se te ausentas, fico triste,  
 Que só me falta morrer.

«Careço de ti, meo anjo,  
 Careço do teu amor,  
 Como da gota d'orvalho  
 Carece no prado a flôr.»

## VII.

L'époux, dont nul ne se souvient,  
 Vient;  
 Il va punir ta vie infâme,  
 Femme!  
 V. HUGO.

Era noite hiberna; girava dentro  
 Da casa do guerreiro o riso, a dança,  
 E reflexos de luz, e sons, e vozes,  
 E deleite, e praser: e fóra a chuva,  
 A escuridão, a tempestade, e o vento,  
 Rugindo solto, indomito e terrível  
 Entre o negror do céu e o horror da terra.  
 Na geral confusão os céos e a terra  
 Horrenda sympathia alimentavam.

Ferve dentro o praser, reina o sorriso,  
 E fóra a teritar, fria, medonha,  
 Marcha a vingança pressurosa e torva:  
 Traz na dextra o punhal, no peito a raiva,  
 Nas faces pallidez, nos olhos morte.

O infanção extremoso enchia rasa  
 A taça de licor mimoso e velho,  
 Da usança ao brinde convidando a todos  
 Em honra da esposada: — A' noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre  
 Introduz o tufão, e um vulto assoma  
 Altivo e colossal. — Em honra, brada,  
 Do esposo deslebrado! — e a taça empunha,  
 Mas antes que o licor chegasse aos labios,  
 Desmaiada e por terra jaz a esposa,  
 E a dextra do infanção maneja o ferro,  
 Por que tão grande affronta lave o sangue,  
 Pouco, bem pouco para injúria tanta.  
 Debalde o fez, que lhe golfeja o sangue  
 D'ampla ferida no sinistro lado,  
 E ao pé da esposa o assassino surge  
 Co' o sangrento punhal na dextra alçada.

A flôr purpurea que matisa o prado,  
 Se o vento da manhã lhe entorna o calix,  
 Perde aroma talvez, porém mais bello  
 Colorido lhe vem do sol nos raios.  
 As fagueiras feições d'aquelle rosto  
 Assim forão tão bem; não foi do tempo  
 Fatal o perpassar ás faces lindas.

Nota-lhe elle as feições, nota-lhe os labios,  
 Os curtos labios que lhe derão vida,  
 Longa vida de amor em longos beijos,  
 Qual jamais não provou: e as iras todas  
 Dos zelos vingadores descancarão  
 No peito de soffrer cansado e cheio,  
 Cheio qual na praia fica a esponja,  
 Quando a vaga do mar passou sobre ella.

N'um relance fugio, minaz no vulto:  
 Como o raio que luz um breve instante,  
 Sobre a terra baixou, deixando a morte.

## POESIAS DIVERSAS.

---

### A LEVIANA.

*Souvent femme varie,  
Bien fol est qui s'y fie.*

FRANCISCO L.

Es engraçada e formosa  
    Como a rosa,  
Como a rosa em mez d'Abril;  
Es como a nuvem doirada  
    Deslisada,  
Deslisada em céos d'anil.

Tu es vária e melindrosa,  
    Qual formosa  
Borboleta n'um jardim,  
Que as flores todas afaga,  
    E divaga  
Em davaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella  
    Doce e bella,  
Que treme incerta no mar;  
Mostras nos olhos tua alma  
    Terna e calma,  
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,  
Tão airosas,  
Formas da terra não são;  
Pareces anjo formoso,  
Vaporoso,  
Vindo da etherea mansão.

Assim, beijar-te receio,  
Contra o seio  
Eu tremo de te apertar:  
Pois me parece que um beijo  
É sobejo  
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que es só minha!  
Passa azinha  
A vida, como a ventura,  
Que te não vejão brincando,  
E folgando  
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora  
Bella aurora  
De fulgores radiante;  
Tal a vaga maripôsa  
Brinca e pausa  
D'um cadaver no semblante.

## A MINHA MUSA.

*Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia praebes.*  
*OVIDIO.*

Minha musa não é como nympha  
 Que se eleva das agoas — gentil —  
 Co'um sorriso nos labios mimosos,  
 Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas  
 Dos fagueiros anhelos a cor;  
 N'esta terra não tem uma esp'rança,  
 N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,  
 Não habita um palacio encantado,  
 Quer em meio de matas sombrias,  
 Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,  
 De perfumes, de flores bem cheia,  
 Onde vague com passos incertos,  
 Quando o céo de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horacio a minha Musa;  
 Nos soberbos alpendres dos Senhores  
     Não é que ella reside;  
 Ao banquete do grande em lauta mesa,  
 Onde gira o falerno em taças d'oiro,  
     Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o silencio,  
 Ama o prado florido, a selva umbrosa  
     E da rola o carpir.

Ella ama a viração da tarde amena,  
 O susurro das agoas, os accentos  
 De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prazenteiro,  
 Que de flores cingia a fronte calva  
 Em brilhante festim,  
 Tomando inspirações á doce amada,  
 Que leda lh'enflorava a eburnea lyra:  
 De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta  
 Nas cordas magoadas me não pousão  
 Da lyra de marfim.  
 Correm meos dias, lacrimosos, tristes,  
 Como a noite que estende as negras azas  
 Por céo negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste  
 O sincero verter d'amargo pranto  
 D'orfã singela;  
 É triste como o som que a brisa espalha,  
 Que cicia nas folhas do arvoredo  
 Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe  
 Vai perder na extensão d'ameno prado  
 Da tarde no cahir,  
 Quando nasce o silencio involto em trevas.  
 Quando os astros derramão sobre a terra  
 Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles.  
 Erra por altos montes, onde a enchada  
 Fundo e fundo cavou;  
 E pára; perto, jovial pastora  
 Cantando passa — e ella scisma ainda  
 Depois que esta passou.

Alem — da chôça humilde s'ergue o fumo  
 Que em risonha spiral se eleva ás nuvens  
     Da noite entre os vapores;  
 Muge solto o rebanho; e lento o passo,  
 Cantando em voz sonora, porém baixa,  
     Vêm andando os pastores.

Outras vezes tambem, no cemiterio,  
 Incerta volve o passo, soletrando  
     Recordações da vida:  
 Rôça o negro cipreste, calca o musgo.  
 Que o tempo fez brotar por entre as fendas  
     Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito  
 Sobre as humidas cordas da minha harpa,  
     Que não resôão:  
 Não choro os mortos. não; choro os meos dias,  
 Tão sentidos, tão longos, tão amargos,  
     Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio  
     Quem já me dera um logar!  
 Esta vida mal vivida  
     Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,  
     Da pastora invejo a vida,  
 Invejo o somno dos mortos  
     Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentos o.  
     O sopro da desventura  
 Vae bater potente á porta  
     De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde.  
     Não lhe responde um gemido,  
 Não lhe responde uma prece.  
     Um ai — do peito sentido.



Já não têm voz com que fallem,  
 Já não têm que padecer;  
 No passar da vida á morte  
 Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?  
 Ella passou, qual gemido  
 Da brisa em meio da mata  
 De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!  
 Quem me dera descansar!  
 Nesse pobre cemiterio  
 Quem me dera o meo logar,  
 E co'os sons das Harpas d'anjos  
 Da minha Harpa os sons casar!

## DESEJO.

E poi morir.  
 METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos  
 Siquier por um instante, nesta vidar  
 Amor igual ao meo!  
 Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre  
 Um anjo, uma mulher, uma obra tua,  
 Que sinta o meo sentir;  
 Uma alma que me entenda, irmã da minha,  
 Que escute o meo silencio, que me siga  
 Dos ares na amplidão!  
 Que em laço estreito unidas, juntas, presas,  
 Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem  
 N'um extasis de amor!

## SEOS OLHOS.

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,  
 Tes yeux pleins de langueur;  
 Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!  
 Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble  
 Que tu fermes ton cœur.

TURQUEY.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 De vivo luzir,  
 Estrellas incertas, que as agoas dormentes  
 Do mar vão ferir;

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 Tem meiga expressão,  
 Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta  
 De noite cantando, — mais doce que a frauta  
 Quebrando a soidão.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 De vivo luzir,  
 São meigos infantes, gentis, engraçados  
 Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando  
 Em jogo infantil,  
 Inquietos, travessos; — causando tormento,  
 Com beijos nos págão a dôr de um momento,  
 Com modo gentil.

Seos olhos tão negros, tão bello, tão puros,  
 Assim é que são;  
 As vezes luzindo, serenos, tranquillos.  
 As vezes vulcão!

As vezes, oh! sim, derramão tão fraco,  
 Tão frouxo brilhar,  
 Que a mim me parece que o ar lhes fallece,  
 E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,  
 Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,  
 Desperta a chorar;  
 E mudo e sisudo, scismando mil coisas,  
 Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante  
 As vezes do céu  
 Cae doce harmonia d'uma Harpa celeste.  
 Um vago desejo; e a mente se véste  
 De pranto co'um véo.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
 Da patria melhor;  
 Eu amo seos olhos que chorão sem causa  
 Um pranto sem dór.

Eu amo seos olhos tão negros, tão puros,  
 De vivo fulgor;  
 Seos olhos que exprimem tão doce harmonia.  
 Que fallão de amores com tanta poesia,  
 Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros.  
 Assim é que são;  
 Eu amo esses olhos que fallão de amores  
 Com tanta paixão.

## INNOCENCIA.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire  
S. BEUVE.

O' meo anjo, vem correndo,  
Vem tremendo  
Lançar-te nos braços meos;  
Vem depressa, que a lembrança  
Da tardança  
Me aviva os rigores teos.

Do teu rosto, qual marfim,  
De carmin  
Tinge um nada a côr mimosa;  
É bello o pudor, mas choro,  
E deploro  
Que assim sejas tão medrosa.

Por inocente tens medo  
De tão cedo,  
De tão cedo ter amor;  
Mas sabe que a formosura  
Pouco dura,  
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,  
Como a rosa,  
Como a rosa na corrente.  
Amanhã terás amor?  
Como a flôr,  
Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda es tu donzella  
Pura e bella,  
Cheia de meigo pudor;  
Amanhã menos ardente  
De repente  
Talvez sintas meo amor.

---

## PEDIDO.

Hontem no baile  
Não me attendias!  
Não me attendias,  
Quando eu fallava.

De mim bem longe  
Teo pensamento!  
Teo pensamento,  
Bem longe errava.

Eu vi teos olhos  
Sobre outros olhos!  
Sobre outros olhos,  
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste  
Com tal sorriso!  
Com tal sorriso,  
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste  
Com voz tão doce!  
Com voz tão doce,  
Que me matava.

Oh! não lhe falles,  
Não lhe sorrias.  
Se então só qu'rias  
Exprimentar-me.

Oh! não lhe falles,  
Não lhe sorrias,  
Não lhe sorrias,  
Que era matar-me.

## O DESENGANO.

Já vigílias passei namorado.  
 Doces horas d'insomnia passei.  
 Já meos olhos, d'amor fascinado.  
 Em ver só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso.  
 Era amor que meo peito sentia;  
 Erão lavas de um fogo teimoso.  
 Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz.  
 Era ver seo sorriso harmonia:  
 E os seus modos e gestos e ditos  
 Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava  
 Mais do que meigos sons de meiga lyra?  
 Um dia o decifrou — não mais que um dia —  
 Fingimento e mentira!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,  
 Como uma flôr!  
 Porque tão cedo o talisman quebraste  
 Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste  
 Essa amosa cadeia?  
 De bom grado a soffreste! essa lembrança  
 Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza.  
 Qual em ondas de areia movediça,  
 Na mulher, — não achei!  
 E da esperança, que eu via tão donosa  
 Sorrir dentro em minha alma, as longas azas  
 Doido e nescio cortei!

E tu vás caprixosa proseguindo  
 Essa esteira de amor, que julgas cheia  
 De flôres bem gentis;  
 Pódes ir, que os meos olhos te não vejão;  
 Longe, longe de mim, mas que em minha alma  
 Eu sinta qu'es feliz.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço.  
 Pódes ir, que o teu nome nos meos lábios  
 Nunca mais soará!  
 Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,  
 Que tão grato me foi, que me é tão duro,  
 Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia  
 Como uma flôr!  
 Oh! que bem cedo o talisman quebraste  
 Do nosso amor!

## MINHA VIDA E MEOS AMORES.

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!  
 S. BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado  
 Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,  
 Vi o mundo sorrir-me esperançoso:  
 — Meu Deos, disse entre mim, oh! quanto é doce.  
 Quanto é bella esta vida assim vivida! —  
 Agora, logo, aqui, além, notando  
 Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,  
 Um seixo da corrente, uma conxinha  
 A beiramar colhida!

Foi esta a infancia minha; a juventude  
 Fallou-me ao coração: — amemos, disse,

Porque amar é viver.

E esta era linda, como é linda a aurora  
 No fresco da manhã tingindo as nuvens

De rosea côr fagueira:

Aquella tinha um quê de anhelos meigos

Artifice sublime:

Feiticeiro sorrir dos labios della

Prendeo-me o coração: — julguei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,

Como um anjo no exilio, ou como o calix

De flôr pendida e murcha e já sem brilho.

Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,

No seo deserto perfumando os ventos.

— Eu morrêra feliz, dizia eu d'alma.

Se pudesse enxertar uma esperança

N'aquella alma tão pura e tão formosa,

E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas

Elege, e liba e uma e outra, e fôge

Sempre em novos amores enlevada:

N'este meo paraíso fui como ella.

Inconstante vagando em mar de amores,

O amor sincero e fundo e firme e eterno,

Como o mar em bonança meigo e doce,

Do templo como a luz perenne e sancto,

Não, nunca o senti; — somente o viço

Tão forte dos meos annos, por amores

Tão facéis quanto ind'inos fui trocando.

Quanto fui louco, ó Deos! — Em vez do fructo

Sasonado e maduro, que eu podia

Como em jardim colher, mordi no fructo

Putrido e amargo e rebugado em cinzas,

Como infante glotão, que se não senta

À mesa de seus paes.



Dá, meo Deos, que eu possa amar,  
 Dá que eu sinta uma paixão,  
 Torna-me virgem minha alma,  
 E virgem meo coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto della,  
 Sua voz murmurou nos meos ouvidos,  
 — Eu te amo! — O' anjo; que não possa eu crer-te!  
 Ella, certo, não é mulher que vive  
 Nas fezes da deshonra, em cujos labios  
 Só mentira e traição eterno habitão.  
 Tem uma alma innocente, um rosto bello,  
 E amor nos olhos . . . — mas não posso crê-la.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,  
 Dá que eu sinta uma paixão;  
 Torna-me virgem minha alma,  
 E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo  
 Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo!  
 Ineffavel prazer bankou meo peito,  
 Senti delicias; mas a sós commigo  
 Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.  
 Ella tão meiga e tão cheia de encantos,  
 Ella tão nova, tão pura e tão bella . . .

Amar-me! — Eu que sou?  
 Meos olhos enxérgão: em quanto duvida  
 Minha alma sem crença, de força exaurida,  
 Já farta da vida,  
 Que amor não doireu.

Máo grado meo, crer não posso;  
 Máo grado meo que assim é;  
 Queres ligar-te commigo  
 Sem no amor ter crença e fê?

Antes vai collar teu rosto,  
 Collar teu scio nevado

Contra o rosto mudo e frio,  
Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo  
Que me dê uma paixão;  
Que me dê crença á minha alma,  
E vida ao meo coração.

## RECORDAÇÃO.

*Nessun maggior dolore . . .*

*DANTE.*

Quando em meo peito as afflicções rebentão  
Eivadas de soffrer acerbo e duro  
Quando a desgraça o coração me arrocha  
Em circulos de ferro, com tal força;  
Que delle o sangue em borbotões golfeja;  
Quando minha alma de soffrer cançada,  
Bem que affeita a soffrer, siquer não pode  
Clamar: Senhor piedade; — e que os meos olhos  
Rebeldes, uma lagrima não vertem  
Do mar d'angustias que meo peito opprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso  
Que a sós contigo, em pratica serena,  
Melhor futuro me augurava, as doces  
Palavras tuas, sofregos, attentos  
Sorvendo meos onvidos, — nos teos olhos  
Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida  
Longa, bem longa, não bastára ainda  
Porque de os ver me saciasse! . . . O pranto  
Então dos olhos meos corre espontaneo,  
Que não mais te verei. — Em tal pensando  
De martyrios calar sinto em meo peito  
Tão grande plenitude, que a minha alma  
Sente amargo prazer de quanto soffre.

## TRISTESA.

Que leda noite! — Este ar embalsamado  
 Este silencio harmonico da terra  
 Que sereno prazer n'alma cansada  
 Não expreme, não filtra, não diffunde?  
 A brisa lá susura na folhagem  
 D'espessas matas, d'arvores robustas,  
 Que velão sempre e sós, que a Deos elevão  
 Mysteroso côro, que do Bardo  
 A crença quasi morta inda alimenta.  
 É esta a hora magica de encantos,  
 Hora d'inspirações dos céos descidas,  
 Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,  
 Do myrrado egoismo a voz ruidosa  
 Não chegão; nem soluços, risos, festas,  
 — Hilaridade vã de turba incauta,  
 Nescia de ruim futuro; ou queixa amarga  
 Do decrepito velho, enfermo, exangue,  
 Nem do mancebo os ais doídos, preso  
 Ao leito do soffrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,  
 Morno socego, que povôa as ruinas,  
 E o mausoléo soberbo, carcomido,  
 E o templo magestoso, em cuja nave  
 Suspira ainda a nota maviosa,  
 O derradeiro arfar d'orgão solemne.

Em puro céo a lua resplandece,  
 Melancolica e pura, similhando  
 Gentil viuva que pranteia o extincto,  
 O bello esposo amado, e vem de noite,  
 Vivendo pelo amor, máo grado a morte,  
 Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim, sem uma estrella,  
 Azul sem mancha, — a lua equilibrada  
 N'um céo de nuvens, e o frescor da tarde,  
 E o silencio da noite adormecida,  
 Que imagens vagas de prazer desenha,  
 Amo tudo o que dá no peito e n'alma  
 Tregoa ao recordar, tregoa ao pranto,  
 Á v'hemencia da dôr, á pertinacia  
 Tenaz e acerba de crueis lembranças;  
 Amo estar só com Deos, porque nos homens  
 Achar não pude amor, nem pude ao menos  
 Signal de compaixão achar entre elles.

Menti! — um inda achei; mas este em ocio  
 Feliz descança agora, em quanto aos ventos  
 E ao cru furor das verde-negras ondas  
 Da minha vida a barca aventureira  
 Insano confiei; em céo diverso  
 Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.  
 Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava  
 As duas uma só, — co'o mesmo brilho  
 Uma e outra nos céos meigas brilhavão!  
 Hoje scintilla a delle, em quanto a minha  
 Entre nuvens, sem luz, se perde agora.  
 Meo Deos, foi bom assim! No immenso pégo  
 Mais uma gotta d'amargor que importa?  
 Que importa o fel na taça do absyntho,  
 Ou uma dôr de mais onde outras reinão?

---

## O TROVADOR.

Elle cantava tudo o que merece de  
ser cantado: o que ha na terra de grande  
e de sancto — o amor e a virtude —

N'uma terra antigamente  
Existia um Trovador;  
Na Lyra sua innocente  
Só cantava o seo amor.

Nenhum sarão se acabava  
Sem a Lyra de marfim.  
Pois cantar tão alto e doce  
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzella, quer donna.  
Que sentira commecção  
Pular-lhe n'alma, escutando  
Do Trovador a canção:

De jasmims e de acucenas  
A fronte sua adornou,  
Mas só a rosa da amada  
Na Lyra amante poison.

E o Trovador conhecco  
Que era trahido — por fim:  
Poz-se a andar, e só se ouvia  
Nos seus labios: ai de mim!

Enludou de negro fumo  
A rosa de seo amor.  
Que meia occulta se via  
Na gorra do Trovador;

Como virgem bella, morta  
Da idade na linda flôr,  
Que parece, o dó trajando,  
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seo caminho  
 Gentil donzella encontrou:  
 Canta — disse; e as cordas d'oiro  
 Vibrando, o triste cantou.

«Teo rosto engraçado e bello  
 «Tem a lindeza da flôr;  
 «Mas é risonho o teo rosto:  
 «Não tens de sentir amor!

«Mas tão bem por esse dia  
 «Que viverás, como a flôr,  
 «Mimosa, engraçada e bella!  
 «Não tens de sentir amor!

«Oh! não queiras, por Deos. homem que tenha  
 «Tingida a larga testa de pallor;  
 «Sente fundo a paixão, — e tu no mundo  
 «Não tens de sentir amor!

«Sorriso jovial te enfeita os labios,  
 «Nas faces de jasmim tens rosea côr:  
 «Fundo amor não se ri, não é corado...  
 «Não tens de sentir amor;

«Mas se queres amar, eu te aconselho,  
 «Que não guerreiro, escolhe um trovador,  
 «Que não tem um punhal, quando é trahido,  
 «Que vingue o seu amor.»

Do Trovador pelo rosto  
 Torva raiva se espalhou,  
 E a Lyra sua, tremendo,  
 Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seo caminho  
 Donzel garboso encontrou:  
 Canta — disse; e argenteas cordas  
 Pulsando, o triste cantou.

«Aos homens da mulher enganão sempre

«O sorriso. o amor;

«É este breve, como é breve aquelle

«Sorriso enganador.

«Teo peito por amor, Donzel, suspira.

«Que é de jovens amar a fôrmosura:

«Mas sabe que a mulher, que amor te jura,

«Dos lindos labios seos cospe a mentira!

«Já frenetico amor cantei na lyra.

«Delicias já sorvi n'um seo sorriso.

«Já venturas fruí do paraíso,

«Em terna voz de amor, que era mentira!

«O amor é como a aragem que murmura

«Da tarde no cahir — pela folhagem:

«Não volta o mesmo amor á fôrmosura.

«Bem como nunca volta a mesma aragem.

«Não queiras amar, não; pois que a 'sperança

«Se arroja além do amor por largo espaço.

«Tens, brillando ao sol, a forte lança,

«Tens longa espada scintillante d'aço.

«Tens a fina armadura de Milão,

«Tens luzente e brillante capacete:

«Tens adága e punhal e bracelete

«E, qual lúcido espelho, o morrião.

«Tens fogoso corsel todo arreiado.

«Que mais veloz que os ventos sorve a terra;

«Tens duellos, tens justas, tens torneios,

«Que os fracos corações de medo cerra:

«Tens pagens, tens varlettes e escudeiros

«E a marcha afoita, apercebida em guerra,

«Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

«Oh! não queiras amar! — Como entre a neve  
 «O gigante volcão berbulha e ferve  
 E sulturea chamma pelos ares lança.  
 Que após o seo cabir torna-se fria;  
 «Assim tu acharás petrificada,  
 «Bem como a lava ardente do volcão,  
 «A lava que teu peito consumia  
 «No peito da mulher — ou cinza ou nada —  
 «Não frio, mas gelado o coração!»

E o Trovador despeitoso  
 De prata as cordas quebrou.  
 E nas de chumbo seo fado  
 A lastimar começou.

«Que triste que é n'este mundo  
 «O fado d'um Trovador!  
 «Que triste que é! — bem que tenha  
 «Sua Lyra e seu amor.

«Quando em festejos descanta.  
 «Rasgado o peito com dôr,  
 «Mimoso tem de cantar  
 «Na sua Lyra — o amor!

«Como a um servo vil ordena  
 «Um orgulhoso Senhor.  
 «Canta, diz-lhe, quero ouvir-te:  
 «Quero descantes de amor!

«Diz-lhe o guerreiro, que apenas  
 «Lidou em justas de amor:  
 «— Minha dama quer ouvir-te,  
 «Canta, truão trovador! —



«Manda a mulher que nos deixa  
 «De beijos murchada flôr:  
 «— Canta, truão, quero ouvir-te,  
 «Um terno canto de amor!

«Mas se a mulher, que elle adora  
 «Atraicôa a seo amor:  
 «Embalde busca a seo lado  
 «Um punhal — o Trovador!

«Se escuta palavras della.  
 «Que a outros jurão amor;  
 «Embalde busca a seo lado  
 «Um punhal — o Trovador!

«Se vê luzir de alguns labios  
 «Um sorriso mofador;  
 «Embalde busca a seo lado  
 «Um punhal — o Trovador!

«Que triste que é n'este mundo  
 «O fado d'um Trovador!  
 «Pezar lhe dá sua Lyra,  
 «Dá-lhe pezar seo amor!»

E o Trovador n'este ponto  
 A corda extrema arrancou;  
 E n'um marco do caminho  
 A Lyra sua quebrou:  
 Ninguém mais a voz sentida  
 Do Trovador escutou!

---

## AMOR! DELIRIO — ENGANO.

Y el llanto que en su cólera derama ,  
La hoguera apaga del antiguo amor!

ZORRILLA.

Amor! delirio — engano . . . . Sobre a terra  
Amor tão bem fruí; a vida inteira  
Concentrei n'um só ponto — ama-la, e sempre.  
Amei! — dedicação, ternura, extremos  
Scismou meo coração, scismou minha alma,  
— Minha alma que na taça da ventura  
Vida breve d'amor sorveo gostosa.  
Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata  
Oásis, paraíso, eden ou templo  
Habitámos uma hora; e logo o tempo  
Com a foíce roaz quebrou-lhe o encanto,  
Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via! . . quer nas nuvens d'oiro,  
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,  
Ou quer na branca nuvem que velava  
O circulo da lua, — quer no manto  
D'alvacenta neblina que baixava  
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,  
Da tarde no cahir; nos céos, na terra,  
A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome, sua voz — ouvia eu sempre;  
Ouvia-os no gemer da parda rola,  
No trepido correr da veia argentea,  
No respirar da brisa, no susurro.  
Do arvoredó frondoso, na harmonia  
Dos astros ineffavel; — o seo nome!  
Nos fugitivos sons de alguma frauta,  
Que da noite o silencio realçavão,  
Os ares e a amplidão divinizando,  
Ouvião meos ouvidos; e de ouvil-o  
Arfava de prazer meo peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas; junto d'ella  
 Não senti sua mão tremer na minha;  
 Não lhe escutei um languido suspiro.  
 Que vinha lá do peito á flor dos labios  
 Deslisar-se e morrer?! Dos seos cabellos  
 A magica fragrancia respirando,  
 Escutando-lhe a voz doce e pausada,  
 Mil venturas colhi dos labios d'ella,  
 Que instantes de prazer me futuravão.  
 Cada sorriso seo era uma esp'rança,  
 E cada esp'rança enlouquecer de amores.  
 E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens  
 Saber que amor, á ingrata, havia eu dado;  
 Que affectos melindrosos, que em meo peito  
 Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!  
 Oh! não, — morra commigo o meo segredo;  
 Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo.  
 Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,  
 Da minha vida que farei, se acaso  
 Faltar-me o teu amor um só instante;  
 — Eu que só vivo por te amar, que apenas  
 O que sinto por ti a custo exprimo?  
 No mundo que farei, como estrangeiro  
 Pelas vagas crueis á praia inhóspita  
 Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,  
 Existo e penso — e não morri, — não morro  
 Do que outr'ora senti, do que ora sinto,  
 De pensar nella, de a revêr em sonhos,  
 Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!  
 Esquecida talvez de amor tamanho,  
 Derramando talvez n'outros ouvidos  
 Frases doces de amor, que dos seos labios  
 Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes  
 Em extasis divino aos céos me alçarão,

— Que dando á terra ingrata o que era terra  
 Minha alma além das nuvens transportarão.  
 Existo! como outr'ora, no meo peito  
 Férvido o coração pular sentindo,  
 Todo o fogo da vida derramando  
 Em queixas mulheris, em molles versos.  
 E ella!... ella talvez nos braços d'outrem  
 Com sua vida alimenta uma outra vida,  
 Com o seo coração o de outro amante,  
 Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.  
 Ella, que eu respeitei, que eu venerava  
 Como a reliquia sancta! — a quem meus olhos,  
 Receiando offendel-a, tantas vezes  
 De castos e de humildes se abaixarão!  
 Ella, perante quem sentia eu presa  
 A voz nos lábios e a paixão no peito!  
 Ella, idolo meo, a quem o orgulho,  
 A força d'homem, o sentir, vontade  
 Propria e minha dediquei, — sujeita  
 Á voz de alguém que não sou eu, — desperta,  
 Talvez no instante em que de mim se lembra.  
 Por um osculo frio, por caricias  
 Devidas d'um esposo!...

Oh! não poder-te,  
 Abutre roedor, cruel ciume,  
 Tua funda raiz e a imagem d'ella  
 No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que es meo rival, n'uma hora,  
 Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe  
 Um quebrado suspiro do imo peito,  
 Que d'éras ja passadas se recorda.  
 Has de escutal-o, e ver-lhe a cór do rosto  
 Eurubecer-se ao deparar contigo!  
 Preza serás tambem d'atros cuidados,  
 Terás ciume, e soffrerás qual soffro:  
 Nem menor que o meo mal quero a vingança.

---

## DELIRIO.

quando dormimos o nosso espirito vê  
ESCHYLUS.

A' noite quando durmo. esclarecendo  
 As trevas do meu somno,  
 Uma etherea visão vem assertar-se  
 Junto ao meu leito afflictio!  
 Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse  
 Um qual véo transparente,  
 Como que a alma pura alli se pinta  
 Ao travéz do semblante.  
 Eo a crêra mulher... — E tentas, louco,  
 Recordar o passado,  
 Transformando o prazer, que destructaste,  
 Em lentas agonias?!

Visão. fatal visão. porque derramas  
 Sobre o meo rosto pallido  
 A luz de um longo olhar, que amor exprime  
 E pede compaixão?  
 Porque teo coração exhala uns fundos.  
 Magoados suspiros,  
 Que eu não escuto; mas que vejo e sinto  
 Nos teos labios morrer?  
 Porque esse gesto e morbida postura  
 De macerado espirito,  
 Que vive entre afflicções, que já nem sabe  
 Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento.  
 Esta voz melindrosa.  
 N'outros tempos ouvi, porém mais leda  
 Era um hymno d'amor.  
 A voz, que escuto, é magoada e triste,  
 — Harmonia celeste,

Que á noite vem nas azas do silencio  
 Humedecer as faces  
 Do que enxerga outra vida além das nuvens.  
 Esta voz não é sua;  
 É accorde talvez d'harpa celeste,  
 Cahido sobre a terra!

Balbucias uns sons, que eu mal percebo,  
 Doridos, compassados.  
 Fracos, mais fracos; — lagrimas despontão  
 Nos teos olhos brilhantes...  
 Choras! tu choras!... Para mim teos braços  
 Por força irresistivel  
 Estendem-se, procurão-me; procuro-te  
 Em delirio afanoso.  
 Fatídico poder entre nós ambos  
 Ergueo alta barreira;  
 Elle te enlaça e prende... mal resistes...  
 Cêdes enfim...acórdo!

Acórdo do meo sonho tormentoso,  
 E choro o meo sonhar!  
 E fecho os olhos, e de novo intento  
 O sonho reatar.  
 Embalde! porque a vida me tem preso;  
 E eu sou escravo seo!  
 Acordado ou dormindo, é triste a vida  
 Desque o amor se perdeo.  
 Ha comtudo prazer em nos lembrarmos  
 Da passada ventura,  
 Como o que educa flôres vicejantes  
 Em triste sepultura.

## EPICEDIO.

Passa la bella donna e par che dorma.  
Tasso.

Seo rosto pallido e bello  
Já não tem vida nem còr!  
Sobre elle a morte descança;  
Involta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,  
Que tinham tanto fulgor;  
Coração que tanto amava  
Já hoje não sente amor;

Que o anjo bello da morte  
A par desse anjo baixou!  
Trocárão brandas palavras,  
Que Deos sómente escutou.

Ventura, prazer, ledice  
D'uma outra vida cantou:  
E o anjo puro da terra  
Prazer da terra engeitou.

Depois c'oas azas candelentes  
O formoso anjo do céu  
Roçou-lhe a face mimosa,  
Cubrio-lhe o rosto co'um véo.

Depois o corpo engraçado  
Deixou á terra sem vida,  
De tenue pallor coberto,  
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lirio  
Murcho da sésta ao ardor,  
Teve a innocencia dos aujos,  
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve! — mas a desgraça  
A testa não lhe enrugou,  
E aos pés do Deos que a creára  
Alma inda virgeão levou.

São da larva a borboleta,  
São da rocha o diamante.  
De um cadaver mudo e frio  
São uma alma radiante.

Não choremos essa morte,  
Não choremos casos taes;  
Quando a terra perde um justo,  
Conta um anjo o céu de mais.

### SOFFRIMENTO.

Meo Deos, Senhor meo Deos, ó que ha no mundo  
Que não seja soffrer?  
O homem nasce, e vive um só instante,  
E soffre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço  
Do seo doce viver,  
Encanta os ares com celeste aroma,  
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos  
Traz comsigo prazer:  
E o homem nasce e vive um só instante:  
E soffre até morrer!

Meo peito de gemer já está cançado.  
Meos olhos de chorar:  
E eu soffro ainda, e já não posso alivio  
Sequer no pranto achar!



Já farto de viver, em meia vida,  
 Quebrado pela dôr,  
 Meos annos hei passado, uns após outros  
 Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
 Que nunca pude achar.  
 Que em balde procurei, na flôr, na planta.  
 No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,  
 Que da campa fugio:  
 Flôr ceifada em botão; imagem triste  
 De um ente que existio...

Não escutes, meo Deos, esta blasfêmia;  
 Perdão, Senhor, perdão!  
 Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto  
 Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,  
 Quando me afflige a dôr,  
 Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,  
 Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,  
 Bemdigo a minha dôr,  
 Que vai além da terra aos céos infindos  
 Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teo, que uma outra vida  
 Me fez descortinar,  
 Uma outra vida, onde não ha só trevas,  
 E nem ha só penar.

# VISÕES.

---

## I.

### PRODIGIO.

N'aquelle instante em que vacilla a mente  
Do somno ao despertar, quando pejada  
Vem d'outros mundos de visões ethereas:  
Quando sobre a manhã surge brilhante  
A luz da madrugada, — eu vi!...nem sonhos  
Era a minha visão, real não era;  
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?  
Foi caprixo fallaz da phantasia,  
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda  
Sobre uma vasta capital! — em pedra  
Tornou-se a gente impura. Muitos homens  
A's portas ferreas, largas, vi sentados.  
Melhor do que um pintor ou statuário  
A morte, que de subito os colhera  
No ardor, no afan da vida, conservou-lhes  
A acção — partida em meio, com tal força,  
Que a mente seo máo grado a completava.  
Um tinha os labios entreabertos; outro  
Parecia sorrir; mais longe aquelle  
Derramava um segredo, baixo, a medo,  
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda  
Com rosto carregado e barba hirsuta,  
Nas mãos callosas sopesava a lança.

Dos mercadores na comprida rua  
 Passavão muitos compradores! — este  
 Contava montes d'oiro; — á luz aquelle  
 Expunha a seda do Indostão, de Tyro  
 A purpura brilhante, a damasquina  
 Custosa téla entretecida d'oiro.  
 Cortez sorrindo, o mercador gabava  
 As cores vivas, o tecido, o corpo  
 Do estofo que vendia. Nos serralhos  
 Era o Eunuchó imperfeito; das Mesquitas  
 Bradava á prece o Muezzin... — N'um largo,

Fofo e vasto divan sentado, um velho  
 Os versos lia do Alcorão; — só elle  
 D'entre tanto punir ficára illeso.

## II.

### A CRUZ.

Era um templo d'arabica structura,  
 Magestoso, elegante; — alem das nuvens  
 Se entranhava nos céos subtil a agulha;  
 Sobre o zimbório retumbante e vasto  
 Ondas e ondas de vapor crescião.  
 Dentro corrião tres compridas naves  
 Sobre dois renques de columnas, onde  
 Baixos relevos da sagrada historia  
 Da base ao capitel se enmaranhavão.  
 Ardia a luz na alampada sagrada;  
 No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —  
 Muitos homens eu vi de torvo aspecto;  
 Muitos outros, servís, com mão armada  
 Profundos golpes entalhavão nella.  
 Um daquelles no entanto assim fallava:

« Quando esta humilde cruz rojar por terra;  
 « Levando a crença de Jesus consigo  
 « Nós outros, da verdade Sacerdotes.  
 « Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros  
 « Que desvendamos a impostura, o erro,  
 « A mentira sagaz, a crença louca,  
 « Entrada facil da razão no templo  
 « Teremos todos; e de então no throno,  
 « Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,  
 « Sanctos juises da verdade sancta.  
 « Prégaremos o justo, a paz, concordia  
 « E os seus deveres que dimanão faceis  
 « Do amor do lucro e do interesse: todos  
 « — Vassallos da razão, nossos vassallos —  
 « Um eden terreal farão do mundo.»

No entanto aos crebros golpes do machado  
 A cruz pendia obliqua sobre a terra.  
 Creando novas forças com tal vista,  
 Os operarios mais frequentes golpes  
 Repetem, vibrão, continuão; — sóa  
 Por toda a parte o echo, — o som. mais longe,  
 Retumba, morre — e novamente echôa.  
 Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sóbe  
 Unisono e geral!...

Como sois grande,  
 Senhor, Senhor meo Deos! — Eu vi morrendo  
 Os obreiros cahir; e a cruz erguer-se,  
 Como aos raios do sol a flor mimosa  
 Que a raiva do tufão vergára insana.

## III.

## PASSAMENTO.

Era um quarto espaçoso; — alli se vião  
 Rojar no pavimento, ha pouco, as sedas,  
 Ricos tapetes multicolor bordados,  
 E franjas complicadas d'um céu d'ouro  
 Pendentes. — vastos rases narradores  
 De lenda pia ou de briosos feitos.  
 Mas de tanto luzir, de tanto ornato  
 Ora por mãos aváras depredado  
 O vasto d'área revelava aos olhos.  
 Tendo n'um canto escuro um leito apenas.  
 Do leito alguém rasgára o cortinado.  
 E da curva armação polida e bella  
 Aqui, alli, pendia a seda em fios.  
 Bem como tranças de mulher formosa  
 Por sobre o seio nú. — Alli no leito  
 Jazia um moribundo: em torno os olhos,  
 Cheios de pasmo e de terror volvia,  
 Bebendo pelos soffregos ouvidos  
 Mal sentido rumor d'outro aposento.  
 Confusas vozes, altercar ruidoso,  
 E o tinir de metal ouvia apenas!  
 Então por vezes tres no leito afflicto  
 Erguer-se maquinou de raiva insano!  
 Por tres vezes cahio, gemendo, sobre  
 O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios  
 Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso  
 Da vida o amor debate-se nas ancias  
 Desse passo fatal...

— Eis nisto á porta

Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas  
 Da hostia sancta resplendor luzia;  
 E palavras de paz, de amor, divinas,  
 Que nos labios do justo Deos entorna,

Abundantes soltava. Longos annos  
De piedoso soffrer o corpo enfermo  
Alquebrarão por fim; as cãs nevadas  
Raras tremião sobre a testã, como  
Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho: — «Irmão, nas ancias,  
«No extremo agonisar da morte amiga  
«Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha  
«Esse divino amor, que só lá mora,  
«Que filtra por nossa alma, que nos deixa  
«Mais celeste prazer, mais doce arroubo  
«Do que a terra sóe dar...

«Infames, tredos,  
«Butarinheiros de palavras, corvos  
«De negro, feio agoiro, que esvoação  
«Com grito grasnador por sobre o campo,  
«Onde a peleja de reinar começa:  
«Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao fóro  
«Caminho inda hoje entre alas de clientes,  
«Que só me visto de velludo e d'oiro,  
«Em quanto vives de burel coberto,  
«Co'os labios sobre o pó mordendo a terra!  
«Dizes-me *tu* — a mim!...

Ergueo-se, ... e o corpo  
Cahio de fraco sobre o leito; o velho  
No entanto humilde orava, que alma sancta  
Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas  
Vives de estrellas formosas,  
Que das flôres melindrosas  
Da terra — os anjos formaste;  
Jehovah, que pela agoa  
Lustrar quizeste o Messias,  
Que ao beato, ao sancto Elias  
Nas chammias purificaste;

Jehovah. que a mente apuras  
 No fogo do soffrimento,  
 Que divino, alto portento  
 Déste fazer á Moisés.  
 Quando a negra rocha dura  
 Tocando co'a tenue vara,  
 Rebentou a lymphá clara.  
 Lambendo-lhe mansa os pés;  
 Jehovah, que eterno existes,  
 Cujo ser em si se encerra,  
 Que formaste o céo e a terra,  
 Que te chamas — o que é, \*  
 — Faz, Senhor d'altos prodigios.  
 Com que a mente empedernida  
 Não se aparte desta vida  
 Sem sentir a sancta fé.  
 E tu, Christo, que soffreste  
 Martyrios por nosso amor,  
 Tu que foste o Salvador,  
 Salva-o, Senhor, por quem es.  
 Dá que em palavras piedosas  
 Se derrame contristado,  
 Como o rochedo tocado  
 Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento  
 Crescia mais e mais. — Do moribundo  
 Os cúpidos herdeiros dividião  
 Por si a vasta herança; os torvos olhos  
 Ião de rosto a rosto, fusilando  
     Ameaças de morte.  
 No emtanto o velho exanime e sem forças  
 Curtia amargos transes, que avarento,  
 E tendo a vida inutil presa á terra  
 Com toda a força d'alma, — agora em ancias  
 Sentia o halito vital fugir-lhe,  
     E a terra abandonal-o.

---

\* Ego sum qui sum.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto!...  
 Só não chorava, que do pranto a fonte  
 Jazia extincta; mas pensava triste:  
 — Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos  
 Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo  
 Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro  
 Lhe pintava os seos feitos; — a vingança,  
 Que tão grande prazer lhe tinha sido.  
 Ora em martyrios se tornava; a chusma  
 Dos homicídios seos crescia torva.  
 E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia: loucos, cegos  
 Prejuizos do vulgo: — e assim dizendo  
 Os vãos phantasmas repellir buscava  
 Mas a crença infantil, os prejuizos  
 Do nescio vulgo, rispídos tornavão.  
 Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,  
 Sobre os olhos debalde as mãos crusava,  
 Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,  
 E mais distinctas se pintavão n'alma  
 — Tão bem molesta, qual se pinta o corpo  
 Do espelho no polido.

E do seo passamento o caso infando  
 Narrava uma após outra, sobre o peito  
 Mostrando o golpe funebre e cruento;  
 Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo  
 Parecia sorrir!... era qual louco  
 Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja  
 De sobre o leito delirante; as sombras  
 Vão sobre elle, e em circulo se ordenão.  
 O moribundo a esta, a aquella, a todas  
 Volve o pavido rosto, no mover-se  
 Progressivo, incessante.



E preso ao duro embate da vergitem,  
 As mestas sombras ao redor com elle  
 Fugir sentia; o pavimento, a casa  
 Rapido rodava; a terra e tudo,  
 Como aos soluços d'um vulcão tremendo,  
     As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivera,  
 Movendo a seo bom grado mil escravos,  
 Querendo a terra dominar co'um gesto;  
 Ora mesquinho, solitario e louco,  
 Face a face lutando com seos crimes,  
     Morria impenitente.

---

#### IV.

Era o vulto de um homem morto que afastando  
 o sudario se hia erguer do tumulo para revelar  
 alguns dos temerosos mysterios, que encerra a  
 apparente quietação dos sepulchros.

O. PLENEYTERO.

O negrume da noite avulta; e cresce  
     Mais feia a escuridão  
 Á luz da sacra pyra que derrama  
     Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;  
     Apenas fraco sôa  
 Da torre o bronze, que a nocturna brisa  
     De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria  
     S'ergue e sobre ontras cáe.  
 Não se escuta rumor! — da campa livre  
     Medroso espectro sáe.

O rosto ossificado em torno volve,  
     Volve a suja caveira;  
 Do liso craneo os longos dedos varrem  
     A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via  
 Do peito nas cavernas,  
 Inda sangrento lagrimas chorava  
 Do negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,  
 Ao orgão se assentou!  
 Já não dormem os sons, não dormem echos...  
 — O triste assim cantou:

«Onde estás, meo amor, meos encantos,  
 Por quem só me pezava morrer,  
 Doce encanto que a vida me prendes,  
 Que inda em morto me fazes soffrer?

«Doce amor, minha vida no mundo,  
 Desse mundo em que parte serás;  
 Em que seismas, que pensas, que fazes,  
 Onde estás, meo amor, onde estás?

«Ah! debalde na campa gelada  
 Fria morte me poudedeitar!  
 Foi debalde, — que eu sinto, que eu ardo;  
 Foi debalde, que eu amo a penar.

«Ah! se eu triste no mundo pudesse  
 Como outr'ora viver, respirar...  
 Não soubera dizer-te os ardores  
 Que o sepulchro não poudede apagar.

«Onde estás? — Já da morte o bafejo  
 Por teo resto divino roçou;  
 Já na campa descansas finada,  
 Que o teo corpo sem vida tragou?

«Mas a morte não poudede impiedosa  
 Crua foice vibrar contra ti!  
 Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro  
 Crús ardores quaes sempre soffri.

«E eu não posso o teu nome á noitinha  
Entre as folhas saudoso cantar,  
Nem seguir-te nas azas da briza,  
Nem teu somno de sonhos doirar.

«Nem lembrar-te os queridos instantes  
Que a teu lado arroucado passei,  
Sem cuidados de incerto futuro,  
Só cuidados da vida que amei.

«Não te lembras da noite homicida  
Em que um ferro ao meu peito varou,  
Quando a fácil conversa de amores  
Teu marido cioso quebrou?!

«Desde então hei penado sózinho,  
Verte sangue ao meu peito — de então;  
Poude a morte acabar-me a existencia,  
Mas delir-me não poude a paixão!

«Nosso adultero affecto no mundo  
Não se acaba; — assim quiz o Senhor!  
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado  
Teus encantos gentis, teu amor.

«Por te amar outras fragoas soffrera,  
Outros transe e dor e penar:  
Oh! poder que eu pudesse outra vida  
E outro inferno soffrer por te amar!

Mas da aurora já raiava  
Macio e brando clarão;  
Macia e branda a canção  
Do negro espectro soava.

E medroso se collava  
Ao órgão ao negro véo,  
Que imiga não se ajuntava  
Ao seu vulto a luz do céo.

Pouco a pouco se perdia  
 O negro espectro; a canção  
 Pouco a pouco enfraquecia,  
 Do dia ao tenue clarão:

Era o cantar um sóido  
 Fraco, incerto e duvidoso;  
 Era o vulto pavoroso  
 D'uma sombra vão tremido.

## V.

## A MORTE.

Dans sa douleur elle se trouvait  
 malheureuse d'être immortelle.

FÉNÉLON.

Da aurora vinha nascendo  
 O grato e bello clarão;  
 Eu sonhava! já mais brandos  
 Erão meos sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,  
 Cresceo o subtil vapor:  
 Vi formada uma belleza.  
 Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto  
 Não se pintava o carmim:  
 Tinha um quê de cera juncto  
 A nitidez do marfim.

— Quem es tu, visão celeste.  
 Bello Archânjo do Senhor?  
 Respondeo-me: — Sou a Morte,  
 Crú phantasma de terror!

— Ah! lhe tornei: Es a morte,  
Tão formosa e tão cruel!  
— Correndo o mundo sósinha  
No meo pallido corsel,\*) —

Assim dizia — «Tu julgas  
Que não tenho coração.  
Que executo os meos deveres  
Sem pesar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arranco  
Ao joven, sem compaixão,  
Á donzella pudibunda  
Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrios  
Do que faço aos mais soffrer,  
Soffro dôr de que outros morrem,  
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dôr me cura  
Um pensamento, que é meo, —  
Lembro aos humanos que a terra  
É só passagem pr'a o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos  
Para a celeste mansão;  
Em labios que nunca orarão  
Derramo pia oração.

— É meo poder quem apura  
Os vícios que a mente encerra,  
Ao fogo da minha dôr:  
Sou quem prendo aos céos a terra,  
Sou quem prendo aos céos a terra,  
Ao ser do seo Creator.

\*) Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum  
nomen illi Mors.

— Mas qu'importa? Sem descanso  
É-me forçoso marchar,  
Abater impías frentes,  
Regias frentes decepar.

— Passar ao travez dos homens  
Como um vento abrasador:  
Como entre o feno maduro  
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra  
Geração e geração,  
Como peste que só reina  
Em meio da solidão.» —

Desponta o sol radioso  
Entre nuvens de carmin;  
Cessa o canto pesaroso,  
Como córda aurea de Lyra;  
Que se parte, que suspira  
Dando um gemido sem fim.

## O VATE.

### NO ALBUM DE UM POETA.

Moi . . . j'aimerai ta victoire;  
Pour mon cœur, ami de toute gloire,  
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.  
Poète, j'ens toujours un chant pour les poètes,  
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes  
Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. Hugo.

Vate! vate! que es tu? — Nos seos extremos  
Fadou-te Deos um coração de amores.  
Fadou-te uma alma accesa borbulhando  
Hardidos pensamentos, como a lava  
Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que es tu? -- Foste ao principio  
 Sacerdote e propheta;  
 Erão nos céos teos cantos uma prece,  
 Na terra um vaticínio.  
 E elle cantava então: --- Jehovah me disse,  
 Magestoso e terrivel:

«Vês tu Jerusalém como orgulhosa  
 «Campêa entre as nações, como no Libano  
 «Um cedro a cuja sombra a hyssope cresce?  
 «Breve a minha ira transformada em raios  
 «Sobre ella calirá;  
 «Um fero vencedor dentro em seos muros  
 «Tributaria a fará;  
 «E quando escravos seos filhos, sobre pedra  
 «Pedra não ficará.»

E os reprobos de sacco se vestião;  
 Em pó, em cinza involtos;  
 E collando co'a terra os torpes labios,  
 E açoitando co'as mãos o peito imbelle,  
 Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante  
 Meditabundo sobre as mãos firmava,  
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão sanctos então. — Homero o mundo  
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —  
 Milton o paraíso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,  
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando,  
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;  
 E o infeliz se consola, e o grande treme.  
 Damos ao infante aqui do pão que temos,  
 E o manto além ao misero rachitico;  
 Somos hoje Christãos.

À MORTE PREMATURA  
DA ILLma Sra D.....

(No album de seo Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux coeurs les plus magnanimes  
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade  
Qual flôr, que anticipada foi tolhida,  
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto*.

Lá bem longe d'aquí, em tarde amena,  
Gozando a viração das frescas auras,  
Que do Brazil os bosques brandamente  
Fazião balançar, — e que espalhavão  
No ether encantado odôr, pureza —  
Do que a rosa mais bella, — meiga e casta,  
Como as virgens do sol,  
Que de vezes não foi ella pendente  
Dos braços fraternaes em meigo abraço;  
Como mimosa flôr presa, enlaçada  
A tenro arbusto que a vergontea debil  
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só n'ella se revia,  
O Irmão que a adorava, qual se adora  
Um mimmo do Senhor:  
Que a tinha por pharol, conforto e guia,  
Os seos dias contava por encantos;  
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreo no viço de seos annos!...  
E a lagem fria e muda dos sepulchros  
Se fechou sobre o ente esmorecido  
Ao despontar de vida  
Tão rica de esperanças e tão cheia  
De formosura e graças!...



Campa! campá! que terror incutes;  
 Quanto esse teu silencio me horrorisa!  
 E quanto se assemelha a tua calma  
 A do cruel malvado que impassível  
 Contempla a sua victima torcer-se  
 Em convulsões horriveis, desesp'radas;  
     Cruas vascas da morte!...  
     Quem tão má te creou?  
 Tu que tragas o ente que esmorece  
     Ao despontar de vida  
 Tão rica de esperanças e tão cheia  
     De formosura e graças?!

O pharol se apagou! a luz sumio-se!  
 Como o fugaz clarão do meteóro,  
 Extinguio-se a esperança; — e o mal-fadado  
 Sobre a terra deserta em vão procura  
 Traços d'essa que amou, que tanto o amára;  
 Da joven companheira de seus brinços.

    Pezares e alegrias.  
 Elle a procura!... o viajor pasmado  
 Nos campos de Pompéia, alonga a vista  
     Pela amplidão do praino,  
 Destroços e ruínas encontrando,  
 Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue  
 Ponpar-te dessas lagrimas metade!  
 Oh! poder que eu podesse! e almo sorriso,  
 Que tanto me compraz ver-te nos lábios,  
     Inda uma vez brillhasse!  
     E essa existencia.

Que tão cara me é, t'a visse eu leda.  
 E feliz como a vida dos Archangjos!  
 Infeliz é quem chora: ella finou-se,  
 Porque os anjos á terra não pertencem;  
 Mas lá dos immortaes sobre os teos dias  
 A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rosas, açuças,  
 Vinde, roxas saudades;  
 Orvalhai, tristes lagrimas, as c'roas,  
 Que hão de a campa adornar por mim depostas  
 Em holocausto á victima da morte.  
 Innocencia, pudor, belleza e graça  
 Com ella n'essa campa adormecêrão.  
 Anjo no coração, anjo no rosto,  
 Devera o amor chorar sobre o teo seio,  
 Que não grinaldas funebres tecer-te;  
 Devera voz d'esposo acalentar-te  
 O somno da innocencia, — não grosseira  
 Canção de trovador não conhecido.

COIMBRA, Junho de 1841.

## A MENDIGA.

Donnez: —

Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,

Vous direz: J'ai connu la pite sur la terre,

Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

### I.

Eu sonhei durante a noite...

Que triste foi meo sonhar!

Era uma noite medonha,

Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro

Das trevas, meos olhos vião

Triste mendiga formosa,

Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,

Porém candida donzella;

Pudibunda, affavel, doce,

Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,  
 Que o seo corpo mal cubrião;  
 Por vergonha os olhos d'ella  
 Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas  
 Cortador o frio entrava;  
 Tinha fome e sede, — e o pranto  
 Nos seos olhos borbullava.

E qual vemos dos céos descendo rapido  
 Um fugaz meteóro, vi descendo  
 Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,  
 E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
 Sympathica, indizível pouco e pouco  
 Do anjo nas feições se foi pintando:  
 Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
 Conhece enferma e chóra. — Ella no peito  
 Menor sentio a dôr, e humilde orava.

## II.

De um vasto edificio nas frias escadas  
 Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião  
 Secreto concilio de socios piedosos  
 Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,  
 E d'elle partia confuso rumor:  
 — A dança girava, e a orchestra sonora  
 Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palazio um conviva chegava,  
 Rugindo se abria o ruidoso portão;  
 Effluvios de incenso nos ares corrião  
 Da rua estoirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli 'stava ao relento,  
 Com fome, com frio, com sede e com dôr;  
 E eu vi o seo anjo, mais triste no aspecto,  
 Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio

Um vulto chegou.

— Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga:

E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo!

Lhe disse: — O teu nome? —

Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,

Que eu morro de fome.

— Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.

— Sou orphã, sosinha;

Meo nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,

Se eu choro mesquinha!

Em vis meretrises não cabe esse orgulho,

Tornou-lhe o Senhor,

Que á noite, nas trevas, contractão no crime,

Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido á piedade

Com força batia:

Co'o peso do insulto accrescido a crueza

A triste gemia.

### III.

Ouvi depois um rodar que a todo o instante

Mais distincto se ouvia; e logo um forte,

Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infundos pagens

Ricas librés trajando, mil archotes

Nos ares revolvião; — fortes rapidos,

Fumegantes corseis, sorvendo a terra,

Tiravão rica sege melindrosa.

Sobre a terra saltou airosa e bella

A dona, em frente do festivo paço:

E a mendiga bradou: — Senhora minha,

Dai uma esmola, dai! — Á voz dorida

Volveo-se o rosto d'anjo, porém d'anjo

Não era o coração: — foi-lhe importuno.  
 Mais que importuno...da mesquinha o grito!  
 E da mendiga o protector celeste  
 Parecia fallar em favor d'ella;  
 E a rica dona o escutava, como  
 Se ouvisse a interna voz que dentro mora.  
 E eu dizia tambem: — O' bella Dona,  
 Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve  
 Um óbolo mesquinho, que não póde  
 Siquier um diche sem valor comprar-vos?  
 Ah! bella como sois, que vos importão  
 Custosas flôres, com que ornais a fronte?  
 Para a salvar do vortice do crime.  
 O preço d'ellas, de uma só, da coisa,  
 Que sem valor julgardes, é bastante.  
 Sabeis? — Além da vida, além da morte,  
 Quando deixardes o oiropel na campá,  
 Quando subirdes do Senhor ao throno,  
 Sem andrajos siquer, tambem mendiga.  
 Alli tereis as lagrimas do pobre.  
 A benção do affligido, a prece ardente  
 Do que soffrendo vos bemdice, — ó Dona...

.....  
 Fechou-se a porta festival sobre ella;  
 E a donzella se ergueo, córon de pejo,  
 Lançando os olhos pela rua escusa.  
 E segura no andar, e firma, á porta  
 Do palacio bateo — entron — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,  
 Um gemido soltou; era uma nota  
 Melancolica e triste, — era um suspiro  
 Mavioso de virgem, um soido  
 Subtil, mimoso, como d'Harpa Eolia,  
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

#### IV.

Dos muros ao travez meos olhos virão  
 Soberba roda de convivas, — todos

Velludos, sedas, e custosas galas  
 Trajavão senhoris. — Reinava o jogo  
 Aváro e grave, leda e viva a dança  
 Em vortices girava, a orquestra doce  
 Cantava occulta; condensados, bastos,  
 Em redor do banquete estavam muitos.  
 A mendiga alli estava, — não trajando  
 Sujos farrapos, mas delgadas telas.  
 Chovião brindes e canções e vivas  
 Á Deosa airosa do banquete; todos  
 Um volver dos seos olhos, um sorriso,  
 Uma voz de ternura, um mimo, um gesto  
 Cubicavão rivaes; — e alli com ella,  
 Como um raio do sol por entre as nuvens  
 Lá na quadra hibernal penetra a custo  
 Quasi sem vida, sem calor, sem força,  
 Menos brilhante vi seo anjo bello.  
 Nos curtos labios da feliz mendiga  
 Passava rapido um sorriso ás vezes;  
 Outras chorava, no volver do rosto,  
 Na taça do prazer sorvendo o pranto.  
 Encontradas paixões sentia o anjo:  
 Parecia chorar co'o seo sorriso,  
 Parecia sorrir co'o choro d'ella.

---

## A ESCRAVA.

Oh bien qu'aucun bien ne peut rendre,  
 Patrie, doux nom que l'exil fait comprendre!

MARINO FALLERO.

Oh doce paiz de Congo,  
 Doces terras d'além mar!  
 Oh! dias de sol formoso!  
 Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia  
 De vasta, immensa extensão,  
 Onde livre corre a mente,  
 Livro bate o coração!

Onde a leda caravana  
 Rasga o caminho passando,  
 Onde bem longe se escuta  
 As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista  
 O turbante musulmano,  
 O Yatagan recurvado,  
 Preso á cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente  
 Se espelha, como mar;  
 Oh! doces terras de Congo,  
 Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra  
 Desenrolava o seo véo,  
 Quando siquer uma estrella  
 Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro  
 De mansa brisa fagueira,  
 Eu o aguardava — sentada  
 Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,  
 D'elle á base uma corrente  
 Despenhada sobre pedras,  
 Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia:  
 — Minha Alsgá, não tenhas medo;  
 Vem commigo, vem sentar-te  
 Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:  
 — Irei contigo, onde fores! —  
 E tremendo e palpitando  
 Me cingia aos meos amores.

Elle depois me tornava  
Sobre o rochedo — sorrindo:  
— As agoas d'esta corrente  
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,  
Minha Alsgá! depois morrer  
Só nos resta!... — Pois a vida  
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves  
Espantados — Ah! tão bem  
Arfa o teu peito anciado!..  
Acaso temes alguém?

Não receies de ser vista,  
Tudo agora jaz dormente:  
Minha voz mesmo se perde  
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremeces  
Porque me foges assim?  
Não te partas, não me fujas  
Que a vida me foge a mim!

Outro beijo acaso temes,  
Expressão de amor ardente?  
Quem o ouviu? — o som perdeu-se  
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos  
A aurora nos vinha achar!  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar!

---

De rispido Senhor a voz irada,  
Rabida sôa,  
Sem o pranto enchugar a triste escrava  
Pavida vôa.



Mas era em mora por seismar na terra,  
 Onde nascera,  
 Onde vivera tão ditosa, e onde  
 Morrer devera!

Soffreo tormentos, porque tinha um peito,  
 Qu'inda sentia;  
 Misera escrava! no soffrer cruento,  
 Congo! dizia.

## AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,  
 Mais um canto de lagrimas ardentes,  
 Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meo amigo: da minha alma  
 Foi uma lyra outr'ora o instrumento;  
 Cantava n'ella amor, prazer, venturas,  
 Até que um dia a morte inexoravel  
 Triste pranto de irmão veio arrancar-te!  
 As lagrimas dos olhos me cahirão,  
 E a minha lyra emmudeceo de magoa!  
 Então aventei eu que a vida inteira  
 Do bardo, era um perenne sacerdocio  
 De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:  
 Na cerda da afflicção gmeo minha alma,  
 Foi meo primeiro canto um epicedio;  
 Minha alma baptizou-se em pranto amargo,  
 Na fragoa do soffrer purificou-se!  
 Lancei depois meos olhos sobre o mundo,  
 Cantor do soffrimento e da amargura;  
 E vi que a dôr aos homens circumdava,  
 Como em roda da terra o mar se estreita;

Que apenas desfructamos. — miserandos!  
 Desbotado prazer entre mil dôres.  
 — Uma rosa entre espinhos aguçados,  
 Um ramo entre mil vagas combatido!

Voltou-se então p'ra Deos o meo espirito,  
 E a minha voz queixosa perguntou-lhe:  
 — Senhor, porque do nada me tiraste.  
 Ou porque a tua voz omnipotente  
 Não fez secar da minha vida a seve.  
 Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeo-me dentro d'alma:  
 — Ardão teos dias como o feno, — ou durem  
 Como o fogo de tocha resinosa.  
 — Como rosa em jardim sejão brilhantes.  
 Ou baços como o cardo montesinho,  
 Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira  
 Á extrema — da maior á mais pequena.  
 Nas azas do tufão — entre perfumes,  
 Um cantico de amores exaltarão  
 Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:  
 — Elle nos faz gemer porque nos ama;  
 Vem o perdão nas lagrimas contritas,  
 Nas azas do soffrer desce a clemencia:  
 Sobre quem chora mais elle mais vela!  
 Seo amor divinal é como a lampada,  
 Na abobada d'um templo pendurada.  
 Mais luz filtrando em mais opáceas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo  
 É balsamo ao que morre, — é lenitivo.  
 Mas doloroso, mas funereo e triste  
 A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
 Mas quando a alma do justo, espedaçando  
 O envolvero de lodo, aos céos remonta,  
 Como estrada de luz correndo os astros,  
 Seguindo o som dos canticos dos anjos

Que na presença do Senhor se elevão;  
 Choro... tão bem Jesus chorou a Lazaro!  
 Mas na excelsa visão que se me antolha  
 Bebo consolações, — minha alma anseia  
 A hora em que tão bem ha de asilar-se  
 No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora amigo, porém quando sentires  
 O pranto nos teos olhos condensar-se,  
 Que já não pôde mais banhar-te as faces,  
 Ergue os olhos ao céu, onde a luz móra,  
 Onde o orvalho se cria, onde parece  
 Que a tímida esperança nasce e habita.  
 E se eu — feliz! — poder inda algum dia  
 Ferir por teu respeito na minha harpa  
 A leda corda onde o prazer palpita,  
 A corda do prazer que ainda inteira,  
 Que virgem de emoção inda conservo,  
 Suspenderei minha harpa d'algum tronco  
 Em off'renda á fortuna; — alli sosinha,  
 Tangida pelo sopro só do vento,  
 Ha de mysterios conversar co'a noite,  
 De acorde extreme perfumando as brisas;  
 Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
 Que não ha de contar a desventura,  
 Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

## O DESTERRO DE UM POBRE VELHO.

*Et dulces motiens reminiscitur Argos.*

VIRG.

*Oh! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweiht.*

S. RÜLLER.

A aurora vem despontando,  
 Não tarda o sol a raiar;  
 Cantão aves; — a natura  
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
 Onda queixosa murmura.  
 Bem mansa aragem fagueira  
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,  
 É hora cheia de amor;  
 A relva brilha enfeitada,  
 Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,  
 Como um corcel a nitrir;  
 Suspensa a amarra tem presa,  
 Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,  
 Leve barco vem vogando:  
 Nelle um velho cujas faces  
 Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
 Que chorava.  
 Por assim deixar seos lares,  
 Que deixava?

«Ancião, porque te ausentas?  
 Corres tu traz de ventura?  
 Louco! a morte já vem perto,  
 Tens aberta a sepultura.

«Louco velho, já não sentes  
 Bater frouxo o coração?  
 Oh! que o sente! — É lei d'exílio  
 A que o leva em tal sazão!

«Não ver mais a cara patria,  
 Não ver mais o que deixava.  
 Não ver nem filhos, nem filhas,  
 Nem o casal, que habitava!...

«Oh! que é má pena de morte,  
 A pena de proscricção;  
 Traz dôres que martyrisão,  
 Negra dôr de coração!

Pobre velho! — longe, longe  
 Vás sustento mendigar;  
 Tens de soffrer novas dôres;  
 Novos males que penar.

«Não t'ha de valer a idade,  
 Nem a dôr tamanha e nobre;  
 Tens de tragar vis affrontas,  
 — Insultos que soffre o pobre!

Nada acharás no degredo,  
 Que falle dos filhos teos;  
 Ninguém sente a dôr do pobre...  
 Só te fica a mão de Deos.

«O sol, que além vês raiando  
 Entre nuvens de carmim,  
 N'outros climas, n'outras terras  
 Não verás raiar assim.

«Não verás a rocha erguida,  
 Onde t'ias assentar,  
 Nem o som bem conhecido  
 Do teu sino has de escutar.

«Ha de cabir sobre as ondas  
 O pranto do teu soffrer,  
 E n'esse abysmo salgado,  
 Salgado, se ha de perder.»

Já chegou junto a fragata,  
 Já na escada se apoiou  
 Já com voz intercortada  
 Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sôlta as velas  
 Ao vento que o vai guiar;  
 E a fragata mui veleira  
 Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio  
 A calva testa dobrou,  
 E pranto mais abundante  
 O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
 Do navio, que partio;  
 Mais além — inda se avista!  
 Mais além — já se sumio!

### O ORGULHOSO.

Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
 Terrível seo olhar;  
 E o senho carregado pretendia  
 O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
 Fervia-lhe o rancor!  
 E aos demais homens, como um cedro á relva,  
 Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seos filhos,  
 Dentro do humilde lar,  
 Quizera, antes que os d'elle, ver de um tigre  
 Os olhos fusilar:

Que a um filho seo talvez quizera o nobre  
 Para um Executor;  
 Ou para o leito infesto alguma filha  
 Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
 Algum pobre ancião  
 Já sobre o seo sepulchro, desejando  
 A morte e a salvação.

---

Alguns dias apenas decorrerão;  
 E eis que elle se sumio!  
 E a lagem dos sepulchros fria e muda  
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião  
 Exulta com seo fim!  
 E a turba applaude; e ninguem chora a morte  
 De homem tão ruim.

---

## O COMETA.

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS.

*Non est potestas, quae comparatur ei  
 qui factus est ut nullum timeret.*  
 Job,

Eis nos céos rutilando ígneo cometa!  
 A immensa cabelleira o espaço alastra:  
 E o nucleo, como um sol tingido em sangue,  
 Alvacento luzir vérté agoireiro  
 Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
 Dos labios removei a taça ingente,  
 Que em vossas festas gyra; eis que rutila  
 O sanguineo cometa em céos infindos!...  
 Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;  
 Como indocil corsel que morde o freio,  
 Retinha-o só a mão do Omnipotente.  
 Alfim lhe disse: — Vai. Senhor dos Mundos,  
 Senhor do espaço intindo.

E qual louco temido, ardendo em furia!  
 Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
 E vai, nescio de si, livre de ferros,  
 De encontro ás duras rochas, — tal progride  
     O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
 O mundo em mil pedaços se converte;  
 Mil centelhas de luz brillão no espaço  
 A esmo, como um tronco pelas vagas  
     Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa.  
 Comsigo o arrastra e leva transformado;  
 A cauda portentosa o enlaça e prende,  
 E o astro vai com elle, como argueiro  
     Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,  
 Elle perturba o espaço; — como a lava,  
 Elle marcha incessante e sempre! — eterno,  
 Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,  
     — Ás vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!  
 E aos homens diz — e magestoso e grande —  
 Que jamais o verão; e passa, e longe  
 Se entranha em céos sem fim, como se perde  
     Um barco no horisonte!

### O OIRO.

Oiro, — poder, encanto ou maravilha  
 Da nossa idade. — regedor da terra.  
 Que dás honra e valor, virtude e força.  
 Que tens offertas, oblações e altares —  
 Embora teo louvor cante na lyra  
 Vendido Menestrel que pôde insano  
 Do grande á porta renegar seo genio!



Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
 Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite.  
 Meo corpo lanço, descançando a fronte  
 N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
 Sou mais que um rei co'o meo docel de nuvens  
 Que tem gravados scintillantes mundos!  
 Com a vista no céu percorro os astros,  
 Vagueia a minha mente além das nuvens,  
 Vagueia o meo pensar — alto, arrojado  
 Além de quanto o olhar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me calão n'alma  
 D'amor ardente enlevos indiziveis;  
 Se tento ás gentes redizer seo nome,  
 Queimadoras palavras se atropellão  
 Nos meos labios: — prophetica harmonia  
 Meo peito anceia, e em borbotões se expande.  
 Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes  
 Teos prodigios, teo poder immenso:  
 O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,  
 A terra ao céu, o tempo á eternidade!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,  
 Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
 Tudo esse nome arrastra, prostra e some;  
 Como aos raios do sol desfeito o gêlo,  
 Que em ondas corre no pendor do monte,  
 Precipite e ruidoso. — arbustos, troncos  
 Comsigo no passar rompidos leva.

## A UM MENINO.

OFFERECIDA A' EX<sup>ma</sup> Sra D. M. L. L. V.

### I.

Gentil, engraçado infante  
 Nos teos jogos inconstante,  
 Que tens tão bello semblante,

Que vives sempre a brincar,  
 — Dos teos brinquedos te esqueces  
 À noitinha, — e te enristeces  
 Como a bonina, — e adormeces,  
 Adormeces a sonhar!

## II.

Infante, serão as côres  
 De varias, viçosas flôres,  
 Ou são da aurora os fulgores  
 Que vem teos sonhos doirar?  
 Foi de algum ente celeste,  
 Que de luzeiros se veste,  
 Ou da brisa é que aprendeste,  
 Que aprendeste a suspirar?

## III.

Tens no rosto afogueado  
 Um qual retrato acabado  
 De um sentir aventurado,  
 Que te ri no coração:  
 É talvez a voz mimosa  
 De uma fada caprichosa,  
 Que te promette amorosa  
 Algum brilhante condão!

## IV.

Ou por ventura es contente,  
 Porque no sonho, que mente,  
 Phantasiaste innocente  
 Algum dos brinquedos teos! ..  
 Senhor, tens bondade infinda!  
 Fizeste a aurora bem linda,  
 Creaste na vida ainda  
 Um'outra aurora dos céos.

## V.

O som da corrente pura,  
 A folhagem que susurra,  
 Um accento de ternura,

De ternura divinal;  
 A indizível harmonia  
 Dos astros no fim do dia,  
 A voz que Memnon dizia,  
 Que dizia matinal;

## VI.

Nada d'isto tem o encanto,  
 Nada d'isto póde tanto  
 Como o risonho quebranto,  
 Divino — do seo dormir;  
 Que nada ha como a Donzella  
 Pensativa, doce e bella;  
 E a compararse com ella...  
 Só de um infante o sorrir.

## VII.

Mas de repente chorando  
 Despertas do somno brando  
 Assustado e soluçando...  
 Foi uma revelação!  
 Esta vida acerba e dura  
 Por um dia de ventura  
 Dá-nos annos de amargura  
 E fragoas do coração.

## VIII.

Só aquelle que da morte  
 Soffreo o terrível córte,  
 Não tem dôres que suporte,  
 Nem sonhos o acordarão:  
 Gentil infante, engraçado,  
 Que vives tão sem cuidado,  
 Serás homem — mal peccado!  
 F'indará teu sonho então.

## O PIRATÁ.

(EPISÓDIO)

Nas azas breves do tempo

Um anno e outro passou,

E Lia sempre formosa

Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,

De mimos cheia, lh'off'rece;

E bella, apesar de ingrata,

Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,

Do que a amou, que pensa n'ella,

Pensando encontrar firmeza

Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto

Já luzes se vêm luzir,

Que vem nas sedas, nos vidros

Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,

Sôa ruidosa harmonia,

Sôão vozes de ternura,

Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio

A face do mar desflora,

Á noite bella fragata

Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas

Inquieta, esguia falua,

Que resvala sobre as agoas

Na esteira que traça a lua.

Já na vacua praia toca;

Um vulto em terra saltou,

Que na longa escadaria

Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! por que aportas  
 A este sitio fatal!  
 Queres o brilho augmentar  
 Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range  
 Nos duros dentes cerrados,  
 Não, que a cabeça referve  
 Em mãos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem  
 O que diz seu coração;  
 Terriveis, como um espelho,  
 Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados  
 Vociferão seu rival;  
 Não, que a mão no peito aperta  
 Seu pontagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas  
 Não as sóe deixar impunes,  
 Quem tem ao lado um punhal,  
 Quem tem no peito ciumes!

Subio! - e viu com seus olhos  
 Ella a rir-se que dançava,  
 Folgando, infame! nos braços  
 Porque assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,  
 E viu... o leito fatal!  
 E viu... e cheio de raiva  
 Cravou no meio o punhal.

E avançou... e à janella  
 Sosinha a viu suspirar,  
 — Saudosa e bella encarando  
 A immensidade do mar.

Como se vira um espectro  
 De repente ella fugio!  
 Tal foge a corça nos bosques  
 Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?  
 Forão vislumbres de dôr;  
 Coração, que tem remorsos,  
 Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,  
 Horriavel nada encontrou...  
 Sómente, ao longe, nas sombras.  
 Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
 Nada mais de seo contava!  
 Nada mais que essa fragata!  
 Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava  
 De no mundo só se achar?  
 Inda muito lhe ficava —  
 Agoa e céos e vento e mar.

Assim pensava, mas n'isto  
 Descortina o seo rival,  
 Não visto; — a mão na cintura  
 Cingio raivosa o punhal!

Nada mais!... — não, seja d'ella,  
 E tenha zelos como eu! —  
 Larga o punhal, e um retrato  
 Na dextra mão estendeo.

Porém sentio que inda tinha  
 Mais que branda compaixão;  
 Miserando! inda guardava  
 Seo amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;  
 Foi culpa do fado meo!  
 Nada mais de pensar n'ella;  
 Finjamos que ella morreo.

Por entre a turba que alegre  
 No baile — a sorrir-se estava,  
 Mudo, triste, e pensativo  
 Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu  
 Apagava o seo rumor,  
 Chegava Lia á janella,  
 Mais formosa de pallor.

Chegou-se; e além — no horisonte  
 Uma vela inda avistou;  
 E co'a mão tremula e fria  
 O telescópio buscou!

Um pavilhão vio na pépa,  
 Que tinha um globo pintado;  
 E n'o mastro da mesena  
 Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seos olhos,  
 Os olhos seos enxugou;  
 E o telescópio de novo  
 Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste  
 Parece reconheceo:  
 Mas a vela no horisonte  
 Para sempre se perdeu.

## A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS.

AO SEO QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO

A T. DE CARVALHO LEAL.

*Peccata peccavit Jerusalem, et propter  
ea instabilis facta est: omnes qui glorifi-  
cabant eam, spreverunt illam, quia vide-  
runt ignominiam ejus ipsa autem gemens  
conversa est retrorsum.*

LAMENT.

## I.

O immenso aposento a luz alaga  
Com soberbo clarão,  
E as mezas do banquete se devolvem  
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes são  
Frenetica harmonia!  
E o còro dos convivas se levanta  
Pleno d'ebria alegria!

Alli se ostenta o nobre vicioso  
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,  
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,  
Immundo pobre no seo manto involto  
De miserias, torpeza e villanias;  
— A prostituta que alardêa os vícios,  
Menospresando a castidade e a honra,  
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,  
Os cantos immoraes, canções impudicas,  
Gritos e orgia involta em negro manto  
De fumo e vinho, — os ares aturdião;  
E muito além, no meio d'alta noite,  
Nos echos, ruas, praças rebatião.



## II.

Depois, ainda suja a bocca, as faces,  
 D'immundo vomitar,  
 Com vacillante pé calcando a terra  
 Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas  
 A nocturna cohorte;  
 Onvia-se depois por toda a parte  
 Gritos, horror de morte!

E ninguém vinha ao retinir de ferro,  
 Que assassinava;  
 Porque era d'um valente o punhal nobre  
 Que as leis dictava;

Outra vez a cabir se emmáranhavão  
 Da porta pelo umbral:  
 Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,  
 Em sangue tincto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores  
 Da noite derradeira;  
 E a morte vária revelava a furia  
 Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia  
 O tum'lo por dinheiro;  
 Vendia a terra aos mortos insepultos,  
 O vil interesseiro!

On al ficavão, como pasto aos corvos,  
 Por sobre a terra núa;  
 E ninguém de tal sorte se pesava,  
 Que ser podia a sua!

«E Deos maldisse a terra criminosa,  
 «Maldisse aos homens della,  
 «Maldisse a cobardia dos escravos  
 «D'essa terra tão bella.»

## III.

E a mortifera peste luctuosa  
     Do inferno rebentou,  
 E nas azas dos ventos pavorosa  
     Sobre todos passou.  
  
 E o mancebo que via esperançoso  
     Longa vida futura,  
 Doido sentio quebrar-lhe as esperanças  
     Pedra de sepultura.  
  
 E a donzella tão linda que vivia  
     Confiada no amor,  
 Entre os braços da mãe provou bem cedo  
     Da morte o dissabor.  
  
 E o tremulo ancião qu'inda esperava  
     Morrer assim  
 Como um fructo maduro destacado  
     D'arvore enfim,  
  
 Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,  
     Como um bulcão,  
 Que affronta o nanta quanto avista a terra  
     Da salvação.  
  
 Era deserta a villa, a casa, o templo —  
     Ar de morte soprou!  
 Mas a casa dos vis nos seos delirios  
     Ebria continuou!  
  
 «E Deos maldisse a terra criminosa,  
     «Maldisse os homens d'ella,  
 «Maldisse a cobardia dos escravos  
     «Dessa terra tão bella.»

## IV.

Eis o aço da guerra lampeja,  
 Do fogo do corcel o nitrido,  
 Eis o bronzeo canhão que rouqueja,  
 Eis da morte represso o gemido,

Já se aprestão guerreiros luzentes,  
 Já se enfreião corseis bellicosos,  
 Já mancebos se partem contentes,  
 Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos: — nas faces  
 O interno rancor pódes ler;  
 Eia, avante! — elamarão os bravos,  
 Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos  
 Na peleja o imigo bater;  
 Crua morte na espada levamos!  
 Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,  
 Do corsel bellicoso o nítrido,  
 Eis o bronzeo canhão que rouqueja  
 E da morte represso o gemido.

## V.

E a selva vomitou homens sem conto  
 À voz do omnipotente,  
 Como a neve hibernal que o sol derrete,  
 Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitarão,  
 Cingidos d'armadura;  
 E a villa se doeo no intimo seio  
 De tão acre amargura.

Mas os fortes bradarão: — Eia, avante!  
 Promptos a batalhar:  
 Mas o braço e valor ante os imigos  
 Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutarão,  
 Cheios de bizzarria,  
 Como dois crocodilos que brigassem  
 D'um rio a primazia!

E renderão-se enfim, mas de famintos  
De sequiosos;  
Valentes lidadores forão elles,  
Se não briosos.

## VI.

E o exercito contrario entra rugindo  
Na villa, que as suas portas lhe franqueia:  
Rasteiro corre o incendio e surdamente  
O custoso edificio ataca e mina.  
Eis que a chamma roaz amostra as fendas  
Das portas que se abrasão; descortina  
O torvo olhar do vencedor — apenas —  
Lá dentro o incendio só, fóra só trevas!  
Urros de frenesi, de dôr, de raiva  
Escutão dos que, ás subitas collidos,  
Contra os muros em brasa se arremeção;  
Dos que, perdido o tino, intentão loucos  
Achar a salvação, e a morte encontrão.  
Lá dentro confusão, silencio fóra!  
São carrascos aquí, victimas dentro.  
Geme o travejamento, estrala a pedra,  
Cresce horror sobre horror, desaba o tecto,  
E o fumo ennegrecido se ennovella  
Co'o vertice sublime os céos roçando.  
Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens,  
Como ignea columna que da terra  
Hiante rebentasse, — tal se eleva,  
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce  
A labareda portentosa; e baixa,  
E desce á terra, e o edificio enrola,  
E o sorve inteiro, qual se forão vagas  
Que a dura rocha do alicerce abalão,  
Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo  
Levão, deixando o mar branco d'espuma.  
No horror da noite, sibilando os ventos,  
Lingoas pyramidaes do atroz incendio,  
Fumosas pelas ruas estalando,

Tingem da côr do inferno a côr da noite,  
 Tingem da côr do sangue a côr do inferno!  
 — O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

## VII.

E aquelles que inda são e immunes erão,  
 Os que a peste engeitou,  
 Que fome e sede e privações soffrerão...  
 A espada decepon.

E a donzella tremeo, da mãi nos braços  
 Não salva ainda,  
 Que incitava os prazeres do soldado  
 A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella  
 Sentio prazer,  
 Sente martyrios por que a vê formosa  
 No seo morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,  
 Tudo destruição:  
 A columna, o palácio, a casa, o templo,  
 O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos  
 Já rojão sobre o pó;  
 Mas o Deos, o Deos bom já está vingado,  
 Por ella já sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,  
 Lá resurgio cidade;  
 Por que o Deos da justiça, o das armadas,  
 O Deos é de bondade.

## QUADRAS DA MINHA VIDA.

## RECORDAÇÃO E DESEJO.

AO MEU BOM AMIGO O DR. A. REGO.

*Sol chi non lascia eredità d'affetti.**Poca gioia ha dell'urna.*

FOSCOLO.

## I.

Houve tempo em que os meos olhos  
 Gostavão do sol brilhante,  
 E do negro véo da noite,  
 E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem  
 Em céu de azul espraçada,  
 Do terno gemer da fonte  
 Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres  
 De bella flôr vicejante,  
 E da voz immensa e forte  
 Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!  
 A luz brilhante, o susurrar da brisa,  
 O verde bosque, o rosicler d'aurora,  
 Estrellas, céos, e mar, e sol, e terra,  
 D'esperança e d'amor minha alma ardente,  
 De luz e de calor meu peito enchião.  
 Inteira a natureza parecia  
 Meos mais fundos, mais intimos desejos  
 Perscrutar e cumprir; — almo sorriso  
 Parecia enfeitar co'os seos encantos,  
 Com todo o seo amor compôr, doiral-o,  
 Porque os meos olhos deslumbrados vissem-no,  
 Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa  
 Nas folhas susurrando, o som das agoas,  
 Dos bosques o rugir; — se os desejava,  
 — O bosque, a brisa, a folha, o trepidante  
 Das agoas murmurar prestes ouvia.  
 Se o sol doirava os céos, se a lua casta,  
 Se as timidas estrellas scintillavão,  
 Se a flôr desabrochava involta em musgo,  
 — Era a flôr que eu amava, — erão estrellas  
 Meos amores sómente, o sol brilhante,  
 A lua merencoria — os meos amores!  
 Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,  
 Acordo extreme de vontade e força,  
 Que atava minha vida á natureza!  
 Ella era para mim bem como a esposa  
 Recem-casada, pudica sorrindo;  
 Alma de noiva — coração de virgem,  
 Que a minha vida inteira abrilhantava!  
 Quando um desejo me brotava n'alma.  
 Ella o desejo meo satisfazia;  
 E o quer que ella fizesse ou me dissesse,  
 Esse era o meo desejo, essa a voz minha,  
 Esse era o meo sentir do fundo d'alma,  
 Expresso pela voz que eu mais amava.

## II.

Agora a flôr que m'importa,  
     Ou a brisa perfumada,  
 Ou o som d'amiga fonte  
     Sobre pedras despenhada?  
 Que me importa a voz confusa  
     Do bosque verde-frondoso,  
 Que m'importa a branca lua,  
     Que m'importa o sol formoso?  
 Que m'importa a nova aurora,  
     Quando se pinta no céu;  
 Que m'importa a feia noite,  
     Quando desdobra o seo véo?

Estas scenas, que amei, já me não causão  
 Nem dôr e nem prazer! — Indifferente.  
 Minha alma um só desejo não concebe,  
 Nem vontade já tem!... Oh! Deos! quem pôde  
 Do meo imaginar as puras azas  
 Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,  
 Roja-las sobre o pó, calcal-as tristes?  
 Perante a criação tão vasta e bella  
 Minha alma é como a flôr que pende murcha:  
 E' qual profundo abysmo: — embalde estrellas  
 Brilhão no azul dos céos, embalde a noite  
 Estende sobre a terra o negro manto:  
 Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo,  
 Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face:  
 Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho,  
 Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

## III.

Houve tempo em que os meos olhos  
 Se extasiavão de ver  
 Agil donzella formosa  
 Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,  
 Que revelasse pudor;  
 Gostavão de uns olhos negros,  
 Que rutilassem de amor.

E gostavão meos ouvidos  
 De uma voz — toda harmonia, —  
 Quer pesares exprimisse,  
 Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem  
 Indolente ou fugaz — alegre ou triste.  
 Da vida a estreita senda desflorando  
 Com pé ligeiro e animo tranquillo;  
 Improvida e brilhante parecendo  
 Seos dias desfolhar, uns após outros,



Como folhas de rosa; — e no futuro —  
 Ver luzir-lhe sómente a luz d'anrora.  
 Era deleite e dôr vê-la tão leda  
 Do mundo as afflicções, angustias, prantos  
 Affrontar co'um sorriso; era um descanso  
 Interno e fundo, que sentia a mente,  
 Um quadro em que os meos olhos repousavão,  
 Ver tanta formosura e tal pureza  
 Em rosto de mulher com alma d'aujo!

## IV.

Houve tempo em que os meos olhos  
 Gostavão de lindo infante,  
 Com a candura e sorriso  
 Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto  
 De magestoso ancião,  
 Tendo nos labios conselhos,  
 Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,  
 Outro a verdade sem véo;  
 Ambos tão puros, tão graves,  
 Ambos tão perto do céo!

Infante e velho; — principio e fim da vida! —  
 Um entra neste mundo, outro sae delle,  
 Gozando ambos da aurora; — um sobre a terra.  
 E o outro lá nos céos. — O Deos, que é grande,  
 Do pobre velho compensando as dôres,  
 O chama para si; o Deos clemente  
 Sobre a innocencia de continuo vela.  
 Amei do velho o magestoso aspecto,  
 Amei o infante que não tem segredos,  
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.  
 Amei as doces vozes da innocencia,  
 A rispida franqueza amei do velho,  
 E as rigidas verdades mal sabidas.  
 Só por labios senis pronunciadas.

## V.

Houve tempo, em que possível  
 Eu julguei no mundo achar  
 Dois amigos extremosos,  
 Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'hesdessem  
 Meo prazer e minha dôr,  
 Dos meos labios o sorriso,  
 Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existencia  
 Vivesse eu co'o meo viver:  
 Unidos sempre na vida,  
 Unidos — té no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —  
 Consorcio do querer, de força e d'alma —  
 Dos grandes sentimentos cá da terra  
 Talvez o mais reciproco, o mais fundo!  
 Quem ha que diga: Eu sou feliz! se acaso  
 Um amigo lhe falta? — um doce amigo,  
 Que sinta o seo prazer como elle o sente,  
 Que soffra a sua dôr como elle a soffre?  
 Quando a ventura lhes sorri na vida,  
 Um a par d'outro — ei-los lá vão felizes;  
 Quando um sente afflicção, nos braços do outro  
 A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,  
 Encontra doce alivio o desditoso  
 No thesouro que encerra um peito amigo.  
 Candido par de cysnes, vão roçando  
 A face azul do mar co'as niveas azas  
 Em deleite amoroso; — acalentados  
 Pelo sereno espreguiçar das ondas,  
 Aspirando perfumes mal sentidos,  
 Por vesperina arajem bafejados,  
 É jogo o seo viver; — porém se o vento  
 No frondoso arvoredado ruge ao longe,  
 Se o mar, batendo irado as ermas praias,

Crusadas vagas em novello enrola,  
Com grito de terror o par candente  
Sacode as niveas azas, bate-as, fogem.

## VI.

Houve tempo em que eu pedia  
Uma mulher ao meo Deos,  
Uma mulher que eu amasse.  
Um dos bellos anjos seos.

Em que eu a Deos só pedia  
Com fervorosa oração  
Um amor sincero e fundo,  
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante  
Contra o meu peito bater,  
Sómente um dia . . sómente!  
E depois d'elle morrer.

Amei! e o meo amor foi vida insana!  
Um ardente anhelar, cauterio vivo,  
Posto no coração, a remorde-lo.  
Não tinha uma harmonia a natureza  
Comparada á sua voz; não tinha côres  
Formosas como as della, — nem perfumes  
Como esse puro odor qu'ella esparzia  
D'angelica pureza. — Meos ouvidos  
O feiticeiro som dos meigos labios  
Ouvião com prazer; meos olhos vagos  
De a ver não se cansavão; labios d'homens  
Não poderão dizer como eu a amava!  
E achei que o amor mentia, e que o meo anjo  
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!  
E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,  
A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,  
Bem longe quando eu perto os carecia.

Conclui que a amizade era um phantasma,  
 Na velhice prudente — habito apenas.  
 No joven — doudejar; em mim lembrança;  
 Lembrança! — porém tal que a não trocára  
 Pelos gozos da terra, — meos prazeres  
 Forão só meos amigos, — meos amores  
 Hão de ser neste mundo elles sómente.

## VII.

Houve tempo em que eu sentia  
 Grave e solemne afflicção,  
 Quando ouvia junto ao morto  
 Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro  
 Em sons pesados dobrar,  
 E os cantos do sacerdote  
 Erguidos junto do altar.

Quando via sobre um corpo  
 A fria lousa cahir:  
 Silencio debaixo della,  
 Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
 Tepida talvez com o pranto amargo  
 Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,  
 Ou se almas tem amor aos seos despojos,  
 Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,  
 E o gozo lá dos céos, e os córos d'anjos,  
 Hão de lembrar-se com prazer dos vivos.  
 Que chórão sobre a campa, onde já brota  
 O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera  
 Gozar do teu descanso, ir asilar-me

Sob o teo sancto horror, e nessas trevas  
Do bulicio do mundo ir esconder-me!  
Oh! lagem dos sepulchros! quem me dêsse  
No teo silencio fundo asilo eterno!  
Ahi não pulsa o coração, nem sente  
Martyrios de viver quem já não vive.

## HYMNOS.

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,  
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE  
AO DR. J. D. LISBOA SERRA.

## O M A R.

Frappé de ta grandeur farouche  
Je tremble . . . . est-ce bien toi, vieux lion que je touche?  
Océan, terrible océan!

TURQUETY.

Oceano terrível, mar immenso  
De vagas procellosas que se enrolão  
Floridas rebentando em branca espuma  
N'um pólo o n'outro pólo,  
Emfim . . . emfim te vejo; emfim meos olhos  
Na indomita cerviz tremulos cravo,  
E esse rugido teo sanhudo e forte  
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revoltó,  
Esse rugido teo? Em vão dos ventos  
Corre o insano pegão lascando os troncos,  
E do profundo abysmo  
Chamando á superficie infindas vagas,  
Que avaro encerras no teo seio undoso!  
Ao insano rugir dos ventos bravos  
Sobresáe teo rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta;  
 Essa voz do trovão, que os céos abala,  
 Não cobre a tua voz, — Ah! d'onde a houveste,  
     Magestoso oceano?

O' mar, o teu rugido é um echo incerto  
 Da creadora voz, de que surgiste:  
 Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas  
     As vagas compelliste.  
 E á noite, quando o céu é puro e limpo,  
 Teo chão tinges de azul, tuas ondas correm  
 Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos  
     Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto  
 Julgo ser teu rugir; mas só, perenne.  
 Imagem do infinito, retratando  
     As feitura de Deos.  
 Por isto, a sós contigo, a mente livre  
 Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,  
 E d'este lodo terreal se apura,  
     Bem como o bronze ao fogo.  
 Férvida a Musa, co'os teos sons casada,  
 Glorifica o Senhor de sobre os astros  
 Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,  
     E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se errigas  
 A coma perigosa, a não possante,  
 Extremo de artificio, em breve tempo  
     Se afunda e se anniquila.  
 És poderoso sem rival na terra;  
 Mas lá te vaes quebrar n'um grão d'areia,  
 Tão forte contra os homens, tão sem força  
     Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está mareado,  
 Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,  
 Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue  
     Teo sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minha alma,  
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará n'um relance o cirel'lo estreito  
Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,  
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,  
Mais forte soará que as tuas vagas,  
Mordendo a fulva areia;  
Inda mais doce que o singelo canto  
De merencoria virgem, quando a noite  
Occupa a terra. — e do que a mansa brisa,  
Que entre flôres suspira.

## IDEIA DE DEOS.

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl  
Sind seine Wohnungen!  
Seine Wagen die donnernden Gewölke,  
Und Blitze sein Gespann.

KLEIST.

### I.

Á voz de Jehovah intindos mundos  
Se formárão do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,  
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra  
Ronqueja o mar raivoso,  
E as espheras nos céos erguerão hymnos  
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a criação, que sôa  
Eternal, incessante,  
Da noite no remanso, no ruido  
Do dia scintillante:



A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,  
 O que é para o Senhor?  
 Eterno, immenso, que lh'importa a sanha  
 Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,  
 E tudo nota e vê —  
 O argueiro, os mundos, o universo, o justo;  
 E o homem que não crê.

E elle que póde anniquilar os mundos,  
 Tão forte como elle é,  
 E vê e passa, e não castiga o crime,  
 Nem o impio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro  
 O Nome seo maldiz,  
 Quando só vive de vingança e roubos,  
 Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo  
 Soffre as penas do mal,  
 E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,  
 E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,  
 Cheia de ingratição,  
 Que ha de ella mesma sugeitar seo collo  
 Á justa punição.

Ou já terrivel peste expande as azas,  
 Bem lenta a esvoaçar;  
 Vai de uns a outros, dos festins conviva,  
 Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accessa  
 Espalha a confusão;  
 E a esposa, e a filha, de terror oppressa,  
 Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,  
 Vomita o fel raivoso;  
 — Milhões de insectos vis que um pé gigante  
 Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
 Esperançoso e crente,  
 Como do podre e carunchoso tronco  
 Hastea forte e virente.

## II.

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos  
 Equilibra nos ares;  
 Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras  
 Do pelago fremente,  
 A cujo sopro a maquina estrellada  
 Vacilla nos seos eixos,  
 A cujo aceno os cherubins se movem  
 Humildes, respeitosos,  
 Cujo poder, que é sem igual, excede  
 A hyperbole arrojada!  
 Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,  
 O Senhor dos prodigios.

## III.

Elle mandou que o sol fosse principio,  
 E razão de existencia,  
 Que fosse a luz dos homens — olho eterno  
 Da sua providencia.  
 Mandou que a chuva refrescasse os membros,  
 Refizesse o vigor  
 Da terra hiante, do animal cansado  
 Em praino abrasador.  
 Mandou que a brisa susurrasse amiga,  
 Roubando aroma á flôr;  
 Que os rochedos tivessem longa vida,  
 E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda  
 Um sonho ao desgraçado,  
 Que vive agro viver entre misérias,  
 De ferros rodeado;

O Deos que manda ao infeliz que espere  
 Na sua providencia;  
 Que o justo durma, deescançado e forte  
 Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,  
 Que trema de morrer;  
 Em quanto lá nos céos, o que foi morto,  
 Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege  
 A maquina estrellada,  
 Que ao triste dá prazer; deescanço e vida  
 Á mente atribulada!

## O ROMPER D'ALVA.

Quand ta corde n'aurait qu'un son,  
 Harpe fidèle, chante encore  
 Le Dieu que ma jeunesse adore,  
 Car c'est un hymne que son nom  
 LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas  
 Varreo do immenso pego, — e o mar rugindo  
 Ás nuvens se elevou com furia insana;  
 Ennovelladas vagas se arrojárão  
 Ao céu co'a branca espuma!  
 Raivando em vão se encontrão soluçando  
 Na base d'erma rocha descalvada;  
 Em vão de furias crescem, que se quebra  
 A força enorme do impotente orgulho  
 Na rocha altiva ou na arenosa praia.

Da tormenta o furor lhe accende os brios,  
 Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,  
 Que em teimosos gemidos se descerrão;  
 Da quieta noite despertando os echos  
 Além, no valle humilde, onde não chega  
 Seo sauhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando  
 A face do céu varreo,  
 Tristes nuvens espalhando,  
 Que a noite em ondas verteo.

Além, atraz da montanha,  
 Branda luz se patenteia,  
 Que d'alma a dôr afugenta,  
 Se dentro sentida aneia.

Branda luz, que afaga a vista,  
 De que se ama o céu tingir,  
 Quando entre o azul transparente  
 Parece alegre sorrir;

Como es linda! — Como dobras  
 Da vida a força e do amor!  
 — Que tão bem luz dentro d'alma  
 Teo luzir encantador!

No teo ameno silencio  
 A tormenta se perdeo,  
 E do mar a forte vida  
 Nos abysmos se escondeo!

Porque assim de novo agora  
 Que o vento o não vem toldar,  
 Parece que vai queixoso  
 Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredó,  
 Bem como as ondas do mar,  
 Sem correr sopro de vento,  
 Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,  
— Rocio da madrugada —  
Destilla gotas de orvalho  
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza  
Parece sentir amor;  
Mais brilhante, mais viçosa  
O calix levanta a flôr.

Por entre as ramas occultas.  
Docemente a gorgear,  
Acordão trinando as aves,  
Alegres, no seo trinar.

O arvoredó n'essa lingoa  
Que diz, porque assim susurra?  
Que diz o cantar das aves?  
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,  
O nome do que é Senhor,  
Um nome que os anjos dizem,  
O nome do Creador.

Tão bem eu, Senhor, direi  
Teo nome — do coração,  
E ajuntarei o meo hymno  
Ao hymno da criação.

Quando a dôr meo peito acanha,  
Quanda me rala a afflicção;  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano  
Livras meo peito arquejante,  
Seccas-me o pranto que os olhos  
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,  
 Quando se rasga com pena,  
 Como a noite que se esconde  
 Na luz da manhã serena.

Tu es a luz do universo.  
 Tu es o ser creador.  
 Tu es o amor, es a vida.  
 Tu es meo Deos, meo Senhor.

Direi nas sombras da noite.  
 Direi ao romper da aurora:  
 — Tu es o Deos do universo,  
 O Deos que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi  
 Teo nome — do coração.  
 E ajuntarei o meo hymno  
 Ao hymno da criação.

## A T A R D E.

*Ave Maria! blessed be the hour!  
 The time, the clime, the spot where I so oft  
 Have felt that moment in its fullest power  
 Sink o'er the earth so beautiful and soft. . . .*

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,  
 Mãe da meditação, meo doce encanto!  
 Os rogos da minha alma enfim ouviste,  
 E grato refrigerio vens trazer-lhe  
 No teo remansear preenhe de enlevos!  
 Em quanto de te ver gostão meos olhos,  
 Em quanto sinto a minha voz nos labios,  
 Em quanto a morte me não rouba á vida,  
 Um hymno em teo louvor minha alma exhale,  
 Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,

## I.

É bella a noite, quando grave estende  
 Sobre a terra dormente o negro manto  
 De brilhantes estrellas recamado;  
 Mas nessa escuridão, nesse silencio  
 Que ella consigo traz, ha um quê de horrivel  
 Que espanta e desespera e geme n'alma;  
 Um quê de triste que nos lembra a morte!  
 No romper d'alva ha tanto amor, tal vida.  
 Ha tantas côres. brillantismo e pompa,  
 Que fascina. que attrahe. que a amar convida;  
 Não pode supportar-a homem que soffre.  
 Orfãos de coração não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!  
 A mente, o coração, sentidos, olhos,  
 A ledice e a dôr, o pranto e o riso.  
 Folgão de te avistar; — são teos, — es d'elles.  
 Homem que sente dôr folga contigo,  
 Homem que tem prazer folga de ver-te!  
 Contigo sympathisão, porque es bella,  
 Qu'es mãe de merencorios pensamentos.  
 Entre os céos e a terra extasis doce.  
 Entre dôr e prazer celeste arroubo.

## II.

A brisa que murmura na folhagem,  
 As aves que pipitão docemente,  
 A estrellas que desponta, que rutila,  
 Com duvidosa luz ferindo os mares,  
 O sol que vai nas agoas sepultar-se  
 Tingindo o azul dos céos de branco e d'oiro;  
 Perfumes, murmurar, vapores, brisa.  
 Estrellas, céos e mar, e sol e terra,  
 Tudo existe contigo, e tu es tudo.

## III.

Homem que vive agro viver de côrte,  
 Indifferente olhar derrama a custo

Sobre os fulgores teos; — homem do mundo  
 Mal pode o desbotado pensamento  
 Revolver sobre o pó, mas nũaca, oh nunca!  
 Ha de elevar-se a Deos, e nunca ha de elle  
 Na abobada celeste ir pendurar-se,  
 Como de rosea flôr pendente abelha.  
 Homem da natureza, esse contemple  
 De purpura tingir a luz que morre  
 As nuvens lá no occaso vacillantes!  
 Ha de vida melhor sentir no peito,  
 Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,  
 E fonte de ternura inexgotavel  
 Do fundo coração brotar-lhe em ondas.  
 Hora do pôr do sol! — hora fagueira,  
 Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!  
 Quem ha que de te ver não sinta enlevos,  
 Quem ha na terra que não sinta as fibras  
 Todas do coração pulsar-lhe amigas,  
 Quando d'esse teo manto as pardas franjas  
 Soltas, roçando a habitação dos homens?  
 Ha hi prazer tamanho que embriaga,  
 Ha hi prazer tão puro, que parece  
 Haver anjos dos céos com seos acordes  
 A misera existencia acalentado!

## IV.

Socia do forasteiro, tu, saudade,  
 N'esta hora os teos espinhos mais pungentes  
 Cravas no coração do que anda errante.  
 Só elle. o peregrino, onde acolher-se,  
 Não tem tugurio seo, nem pae, nem 'sposa.  
 Ninguém que o espere com sorrir nos labios  
 E paz no coração, — ninguém que estranhe,  
 Que aneie afflicto de o não ver comsigo!  
 Cravas então, saudade, os teos espinhos:  
 E elles, tão pungentes, tão agudos,  
 Varando o coração de um lado a outro,  
 Nem trazem dôr, nem desespero incitãe;



Mas remanso de dôr, mas um suave  
 Recordar do passado, — um quê de triste  
 Que ri ao coração, chamando aos olhos,  
 Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,  
 Que não fora prazer não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino  
 Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto  
 Sereno e brando deslizar-se o fumo  
 Sobre o tecto dos seos; e sobre os cumes  
 Que os seos olhos hão visto á luz primeira  
 Crescer branca neblina que se enrola,  
 Como incenso que aos céos a terra envia?  
 Tão feliz! quando a morte involta em pranto  
 Com gelado suor lh'enerva os membros.  
 Procura inda outra mão co'a mão sem vida,  
 E o extremo scintillar dos olhos baços,  
 De um ente amado procurando os olhos,  
 Sem prazer, mas sem dôr, alli se apaga.  
 O exilado! esse não; tão só na vida,  
 Como no passamento ermo e sosinho,  
 Sente dôres crueis, torvos pezares  
 Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno.  
 Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,  
 E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meo passar da vida á morte,  
 Possa co'a extrema luz d'estes meos olhos  
 Trocar ultimo adeos com os teos fulgores!  
 Ah! possa o teo alento perfumado,  
 Do que na terra estimo, docemente  
 Minha alma separar, e derramal-a  
 Como um vago perfume aos pés do Eterno.

## O TEMPLO.

. . . Jéhovah déploie autour de nos demeures  
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures  
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

## I.

Estou só n'este mudo sanctuario,  
Eu só, com minha dôr, com minhas penas!  
E o pranto nos meos olhos represado,  
Que nunca vio correr humana vista,  
Livrementemente o derramo aos pés de Christo,  
Que tão bem suspirou, gemeo sosinho,  
Que tão bem padeceo sem ter conforto,  
Como eu padeço, e soffro, e gemo, choro.

Remorso não me punge a consciencia,  
Vergonha não me tinge a côr do rosto,  
Nem crimes perpetrei: — porque assim choro?  
E direi eu por que? — Antes meu berço,  
Que vagidos de infante vividouro,  
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!  
Que esperanças que eu tinha tão formosas.  
Que mimosos enlevos de ternura,  
Não continha minha alma toda amores!  
Esperanças e amor, que é feito d'elles?  
Um dia me roubava uma esperança,  
E sosinho, uma e uma, me deixárão.  
Morrerão todas, como folhas verdes  
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos;  
Quando eu via a desdita de bem perto  
Co' um sorriso infernal no rosto squalido,  
Com fome e frio a tiritar demente,  
Acenando-me infausta? — quando vinda  
Minha hora já sentia, em que os meus labios,  
Tremendo de vergonha, soluçassem

Ao fliz com que eu na rua deparasse,  
 De mãos erguidas: Meo Senhor, piedade!  
 Eis porque soffro assim, porque assim gemo,  
 Porque meo rosto pallido se encova,  
 Porque somente a dôr me ri nos labios,  
 Porque meo coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro  
 No altar profano de belleza esquiva  
 Não queimo incenso vão; — tu só me occupas  
 O coração, que eu fiz hostia sagrada,  
 Apuro de elevados sentimentos,  
 Que o teo amor somente asilão, nutrem.  
 Quando ao sopé da cruz me chego afflicto,  
 Sinto que o meo soffrer se vae mingoando,  
 Sinto minha alma que de novo existe,  
 Sinto meo coração arder em chammas,  
 Arder meos labios ao dizer teo nome.  
 Assim a cada aurora, a cada noite,  
 Virei consolações beber sedento  
 Aos pés do meo Senhor; — virei meo peito  
 Encher de religião, de amor, de fogo,  
 Que além de infindos céos minha alma exalte.

## II.

Quem me dera nas azas d'este vento,  
 Que agora tão sandoso aqui murmura,  
 Agitando as cortinas, que me encobrem  
 Do teo rosto o fulgor, que me não cegue,  
 Subir além dos sóes, além das nvens  
 Ao teo throno, ó meo Deos; ou quem me dêsse  
 Ser este incenso que se arroja em ondas  
 A subir, a crescer, em rolo, em fumo,  
 Até perder-se na amplidão dos ares!  
 Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeco,  
 Surdez fingida á minha voz responde;  
 Não tenho voz de amor, que me console,

Corre o meo pranto sobre terra ingrata,  
 E dôr mortal meo coração fragôa.  
 Só tu, Senhor, só tu, no meo deserto  
 Escutas minha voz que te supplica;  
 Só tu nutres minha alma de esperança;  
 Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas  
 Torrentes de harmonia, que me abrasão.  
 Qual órgão, que resôa mavioso,  
 Quando segura mão lhe opprime as teclas,  
 Assim minha alma, quando a ti se achega,  
 Hymnos de ardente amor disfere grata:  
 E, quando mais serena, inda conserva  
 Effluvios d'esse canto, que me guia  
 No caminho da vida aspero e duro.  
 Assim por muito tempo reboando  
 Vão no recinto do sagrado templo  
 Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

## TE DEUM.

Nós, Senhor, nos te louvamos,  
 Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,  
 Immenso é o teo poder, tua força immensa,  
 Teos prodigios sem conta; — e os céos e a terra  
 Teo ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
 E o côro dos prophetas, e dos martyres  
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão  
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante es tu quem fallas;  
 A belleza, o pudor — es tu que as gravas  
 Nas faces da mulher, — es tu que ao velho  
 Prudencia dás, — e o que verdade e força  
 Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

Es tu quem dás rumor á quieta noite.  
 Es tu quem dás frescor á mansa brisa,  
 Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento.  
 Quem na voz do trovão longe ronquejas.

Es tu que do oceano á furia insana  
 Pões limites e cobro, — es tu que a terra  
 No seo vôo equilibras. — quem dos astros  
 Governas a harmonia, como notas  
 Acordes, simultaneas, palpitando  
 Nas cordas d'Harpa do teo Rei Propheta,  
 Quando elle em teo louvor hymnos soltava,  
 Qu' ião, cheios de amor, beijar teo solio.

Sancto! Sancto! Sancto! — teos prodigios  
 São grandes, como os astros, — são immensos,  
 Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
 E o côro dos prophetas, e dos martyres  
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão.  
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.

---

## A D E O S

### AOS MEOS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meos Amigos, Adeos! Já no horizonte  
 O fulgor da manhã se empurpurece:  
 É puro e branco o céo, — as ondas mansas,  
 — Favoravel a brisa; — irei de novo  
 Sorver o ar purissimo das ondas,  
 E na vasta amplidão dos céos e mares  
 De vago imaginar embriagar-me!  
 Meos Amigos, Adeos! — Verei fulgindo  
 A lua em campo azul. e o sol no occaso  
 Tingir de fogo a implacidez das agoas;

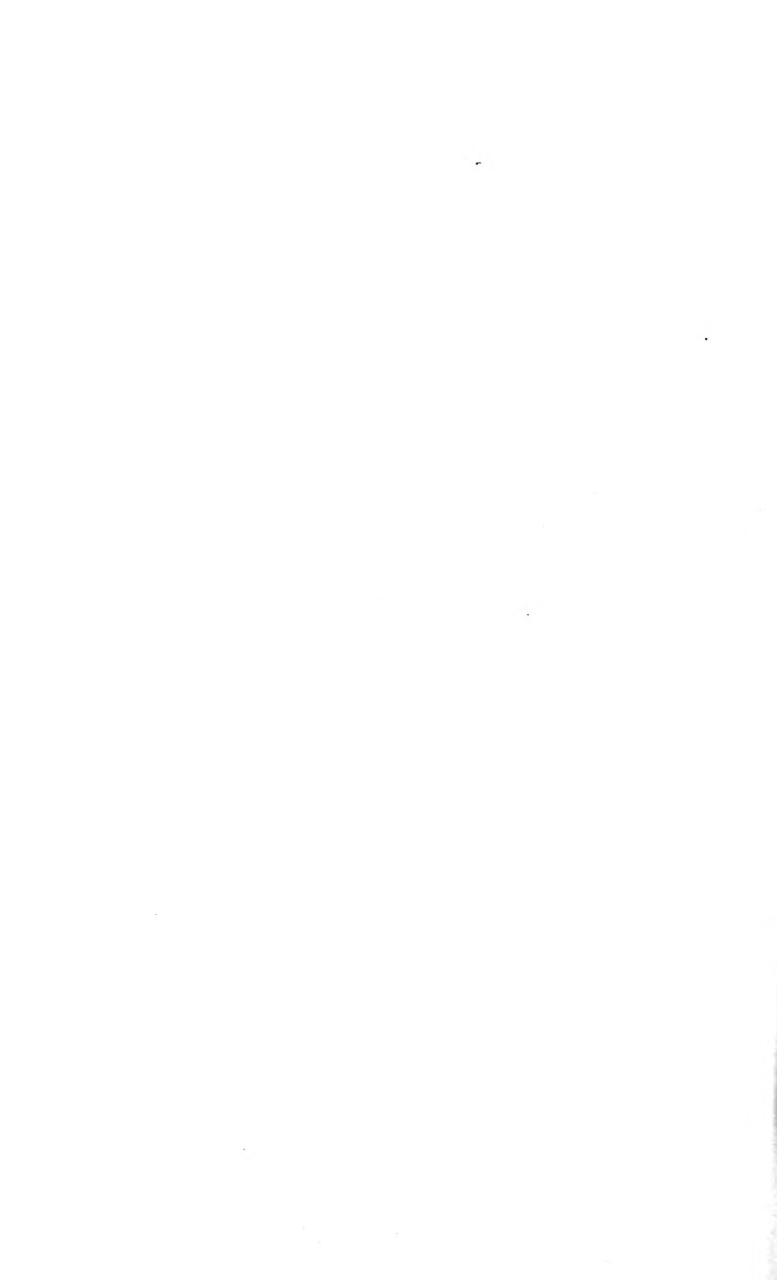
Verei horridas trevas lento e lento  
 Descerem, como um crépe funerario  
 Em negro esquife, onde repouisa a morte;  
 Verei a tempestade quando alarga  
 As negras azas de bulcões, e as vagas  
 Soberbas encastella, esporeando  
 O curto bojo de ligeiro barco,  
 Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido  
 Galgando os escarceos, — bem larga esteira  
 De phosphoro e de luz traz si deixando:  
 Generoso corsel, que sente as cruzes  
 Agudas de teimosos acicates  
 Lacerarem-lhe rabidas o ventre.

Inda uma vez. Adeos! Curtos instantes  
 De ineffavel prazer — horas bem curtas  
 De ventura e de paz frui comvosco:  
 Oasis que encontrei no meo deserto.  
 Tepido valle entre fragosas serras  
 Virente derramado, foi a quadra  
 Da minha vida, que passei comvosco.  
 Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,  
 De tudo quanto almejo, espero, ou temo  
 Deslebrado vivi! — Oh! quem me dera  
 Que entre vós outros me alvejasse a fronte,  
 E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,  
 Irresistivel, me persegue e impelle.  
 Qual folha instavel em ventoso estio  
 Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo:  
 Assim vou eu sem tino, — aqui pegadas  
 Mal firmes assentando — além pedaços  
 De mim mesmo deixando. Na floresta  
 O lasso viandante extraviado  
 Por todo o verde bosque estende os olhos,  
 E caçado esmorece, — cáe, medita,  
 Respira mais de espaço, cobra alento,  
 E nas solidões de novo eil- o se entranha.  
 Vestigios mal seguros sopra o vento,

Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre:  
 Talvez que folhas asperas de arbusto  
 Mordão vellos da tunica, e denotem  
 (Duvida o viajor, que os vê com pasmo)  
 Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meo pranto  
 A larga fonte jaz de ha muito exausta,  
 Ha muito que os meos olhos não gotejão  
 O repassado fel d'acre amargura;  
 E o pranto no meo peito represado  
 Em cinza o coração me ha convertido.  
 É assim que um vulcão se torna fonte  
 De lympha amarga e quente; e a fonte em ermo,  
 Onde não crescem perfumadas flôres,  
 Nem tenras aves seos gorgeios soltão,  
 Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,  
 Transido de afflicções, cheio de magoa,  
 Miserando parti! tal quando reprobó,  
 Adão. cobrindo os olhos co'as mãos ambas,  
 Em meio a sua dôr só descobria  
 Do Archanho os candidissimos vestidos,  
 E os lampejos da espada fulminante,  
 Que o Eden tão mimoso lhe vedava.  
 Porém quando algum dia o colorido  
 Das vivas illusões, que inda conservo,  
 Sem força esmorecer, — e as tão viçosas  
 Esp'ranças, que eu educo, se afundarem  
 Em mar de desenganos; — a desgraça  
 Do naufragio da vida ha de arrojarme  
 Á praia tão querida, que ora deixo.  
 Tal parte o desterrado: um dia as vagas  
 Ilão de os seos restos regeitar na praia,  
 D'onde tão novo se partira, e onde  
 Procura a cinza fria achar jazigo.





SEGUNDOS CANTOS.



## CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS.

Las lágrimas puras que entónces se vierten,  
Acaso divierten  
En vez de doler.

ZORILLA.

Como é bello á meia noite  
O azul do céu transparente,  
Quando a esphera d'alva lua  
Vagueia mui docemente,  
Quando a terra não ruidosa  
Toda se cala dormente,  
Quando o mar tranquillo e brando  
Na areia chora fremente!

Como é bello este silencio  
Da terra todo harmonia,  
Que aos céos a mente arrebatá  
Cheia de meiga poesia!  
Como é bella a luz que brilha  
Do mar na viva ardentia!  
Este pranto como é doce  
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda  
Que enruga a face do mar,  
Que na terra passa e morre  
Sem nas folhas susurrar.

Os sons d'aereo instrumento  
 Quizera agora escutar,  
 Quizera magoas pungentes  
 Neste silencio olvidar!

O azul do céu, nem da lua  
 A doce luz reflectida,  
 Nem o mar beijando a praia,  
 Nem a terra adormecida,  
 Nem meigos sons, nem perfumes,  
 Nem a brisa mal sentida,  
 Nem quanto agrada e deleita,  
 Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto  
 Em silencio gotejado,  
 Meigo e doce, e pouco e pouco  
 Do coração despegado;  
 Não soro de fel, mas sancto  
 Frescor em peito chagado;  
 Não espremido entre dores,  
 Mas quasi em prazer coado!

### CANÇÃO.

Yo no soy mas que uu poeta  
 Sin otro bien que mi lira.  
 ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,  
 Toda inteira fabricada  
 De madeira preciosa  
 Sobre o Libano cortada.

Foi o Senhor quem m'a deo,  
De sanctas palmas coberta,  
Que as notas suas concerta  
Aos sons do salterio hebreo!

Tenho alaúde polido  
Em que antigos Trovadores,  
Em tom de guerra atrevido,  
Cantavão trovas de amores.

Mas chegando a Sancta Cruz,  
De volta do meo desterro,  
Cortei-lhe as cordas de ferro,  
Cortas de prata lhe puz.

Tenho tão bem uma lyra  
De festões engrinaldada,  
Onde minha alma afinada  
Melindres d'amor suspira.

Nas grinaldas, nos festões,  
Nas rosas com que s'inflora,  
Goteja o orvalho da aurora  
Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,  
Só harpa, alaúde e lyra;  
Nem vejo sorte mais bella,  
Nem coisa que lhe eu prefira.

Votei assim ao meo Deos  
A minha harpa religiosa,  
A ti a lyra mimosa,  
O grave alaúde aos meos!

## LYRA.

*Cœur sans amour est un jardin sans fleur.*  
L. HALLEVY.

Se me queres a teos pés ajoelhado,  
Ufano de me ver por ti rendido,  
Ou já em mudas lagrimas banhado;  
Volve. impiedosa,  
Volve-me os olhos;  
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,  
Beijando a fimbria dos vestidos teos,  
Calando as queixas que meo peito encerra,  
Dize-me, ingrata,  
Dize-me: eu quero!  
Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra  
Louvor singelo dos amores meos,  
Por que minha alma ha tanto em vão suspira,  
Dize-me, ó bella,  
Dize-me: eu te amo!  
Basta uma vez!

## AGORA E SEMPRE.

*Pone me pigris ubi nulla campis  
Arbor aestiva recreatur aura,  
.....  
Dulce ridentem Lalagen amabo,  
Dulce loquentem.*

HORACIO. OD.

Ponhão-me embora na crestada Libia,  
Ou lá nas zonas em que o gelo mora,  
Alli tua alma viverá commigo,  
Alli teo nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,  
 Nas altas serras que o condor habita;  
 Alli ainda viverá contigo  
     Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,  
 Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.  
 Cortado o rosto de gelado vento,  
     Madida a coma:

Alli aos urros do leão sedento,  
 Aos crebros gritos do condor alpestre,  
 Ardendo em chamas deste amor sem termo,  
     Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha  
 Escute embora sepultar-me em vida;  
 Embora sinta roxear-me os pulsos  
     Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame  
 Quebrem-me os ossos no medroso equuleo;  
 Agudos dentes de tenaz raivosa  
     Mordão-me as carnes:

Nas feias sombras da cruel masmorra,  
 Nos duros tratos da tortura bruta,  
 Quer só commigo, quer em meio á gente  
     Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a fragoa ardente,  
 Nem brutas feras, nem crueza humana  
 Farão que eu soffra mais agudas dôres,  
     Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,  
 Cinge-te o corpo em divinaes caricias,  
 Beija-te o collo, beija-te o sorriso,  
     Goza-te e vive!

E eu no entanto extorso com dores!  
 Praguejo o inferno que nos poz tão longe,  
 Louco bravejo, misero soluço . .  
 Desejo e morro!

## A VIRGEM.

— Tiene mas de vaporosa sombra,  
 De ineñable vision que de mujer.  
 ZORRILLA.

Linda virgem simelha a linda rosa,  
 Que se abre ao romper d'alva;  
 Encapellão-se as petalas mimosas,  
 Lacradas de pudor com rubro sello:  
 Cego mortal só lhe respira o incenso;  
 Mas della a abelha extrahe seo mel mais puro.

Seo nobre coração é como um templo,  
 Onde só Deos habita;  
 Alli reina o misterio involto em sombras,  
 E maga placidez involta em cantos:  
 Só vê isto o profano; mas o antiste  
 De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

E' como um lago de marmoreo leito  
 Sua alma ingenua e bella:  
 No fundo não se enxerga o verde limo,  
 E a lisa face nos amostra os astros.  
 E onde o humilde pastor só vê luzeiros,  
 Os anjos lá dos céos contemplão mundos.



E se eu a vejo nos sarãos ruidosos,  
 C'roada de belleza,  
 E a sombra da tristeza irresistivel  
 Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso!  
 Na mulher, que outros vêem. descubro o anjo,  
 Que as azas d'oiro. que perdeo. lamenta!

Então como que sinto arrebatat-me:  
 Sympathica attracção!  
 Quizera doces carmes de ternura  
 Nas mais delgadas cordas da minha Harpa  
 Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: «Um canto ao menos  
 O acerbo exilio teo torne mais brando!»

Baldado empenho! Começado apenas,  
 Afrouxa-se-me o canto:  
 Debaixo dos meos dedos mal palpita  
 A corda melindrosa da minha Harpa;  
 E como em espaço, que até d'ar carece,  
 Tangida. o extremo som morre sem echo!

## ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,  
 Quem entre os golivos te esfelhou da campã?  
 GARNETT.

Por uma praia arenosa,  
 Vagarosa  
 Divagava uma Donzella;  
 Dá largas ao pensamento,  
 Brinca o vento  
 Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante  
     Vem n'um instante,  
 Que n'outro instante se alisa;  
 Mais veloz que a sua ideia  
     Não voltaia.  
 Não gira, não foge a brisa.  
 No virginal devancio  
     Arfa o seio,  
 Pranto ao riso se mistura;  
 Doce rir dos céos encanto,  
     Leve pranto,  
 Que amargo não é, nem dura.  
 Nesse logar solitario,  
     — Seo fadario, —  
 De ver o mar se recreia;  
 De o ver, á tarde, dormente,  
     Docemente  
 Suspirar na branca areia.  
 Agora, qual sempre usava  
     Divagava  
 Em seo pensar embebida;  
 Tinha no seio uma rosa  
     Melindrosa,  
 De verde musgo vestida.  
 Ia a virgem descuidosa,  
     Quando a rosa  
 Do seio no chão lhe cahe:  
 Vem um'onda bonançosa,  
     Qu'impiedosa  
 A flôr comsigo retrahê.  
 A meiga flôr sobrenada;  
     De agastada,  
 A virge' a não quer deixar!  
 Bóia a flôr: a virgem bella,  
     Vai trás ella.  
 Rente, rente — á beiramar.

Vem a onda bonançosa,  
 Vem a rosa;  
 Foge a onda, a flôr tão bem.  
 Se a onda foge, a donzella  
 Vai sobre ella!  
 Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,  
 De enfadada  
 Não quer deixar de insistir;  
 Das vagas menos se espanta,  
 Nem com tanta  
 Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella  
 A virgem bella  
 Recolhe e leva comsigo;  
 Tão fallaz em calmaria,  
 Como a fria  
 Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,  
 Fluctuantes  
 Nadarão brancos vestidos:  
 Logo o mar todo bonança,  
 A praia cança  
 Com monotonos latidos.

Um doce nome querido  
 Foi ouvido,  
 Ia a noite em mais de meia:  
 Toda a praia perlustrarão,  
 Nem acharão  
 Mais que a flôr na branca areia.

## O A M O R.

Amare amabam.  
S. AGOST.

Amor! enlevo d'alma, arroubo. encanto  
Desta existencia misera, onde existes?  
Fino sentir ou magico transporte,  
(O quer que seja que nos leva a extremos,  
Aos quaes não basta a natureza humana;)  
Sympathica attracção d'almas sinceras  
Que unidas pelo amor, no amor se apurão,  
Por quem suspiro. serás nome apenas?

A inutil chamma reseccou meos labios,  
Mirrou-me o coração da vida em meio,  
E á terra fez baixar a mente errada  
Que entre nuvens, amor. por ti bradava!  
Não te pude encontrar! — em vão meos annos  
No louco intento esperdicei; gelados,  
Uns após outros á cabir precipites  
Na urna do passado os vi; eu triste,  
Amor. por ti clamava; — e o meo deserto  
Aos meos accentos reboava embalde.

Em vão meo coração por ti se fina,  
Em vão minha alma te compr'hende e busca,  
Em vão meos labios sofregos cubição  
Libar a taça que aos mortaes offreces!  
Dizem-na funda, inexgotavel, meiga;  
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!  
Dizem-na balsamo, eu veneno a sorvo:  
Prazer, doçura, — eu dôr e fel encontro!

Dobrei-me ás duras leis que me impozeste,  
Curvei ao jugo teo meo collo humilde,

Feri-me aos teos ardentes passadores,  
 Prendi-me aos teos grilhões, rojei por terra...  
 E o lucro?...forão lagrimas perdidas,  
 Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,  
 Desbotada a illusão e a vida exhausta!

Celeste emanção, gratos effluvios  
 Das roseiras do céo; bater macio  
 Das azas auri-brancas d'algum anjo,  
 Que roça em noite amiga a nossa esphera,  
 Centelha e luz do sol que nunca morre;  
 Es tudo, e mais do qu'isto: — es luz e vida.  
 Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,  
 Peregrinas essencias trescalando!..  
 Tão bem passas veloz, — breve te apagas,  
 Como d'uma ave a sombra fugitiva,  
 Desgarrada voando á flôr de um lago!

## SEMPRE ELLA.

*Per noctem quaesivi, quam diligit  
 anima mea, et non inveni illam.  
 CANT. CANT.*

Eu amo a doce virgem pensativa,  
 Em cujo rosto a pallidez se pinta,  
 Como nos céos a matutina estrella!  
 A dôr lhe ha desbotado a côr das faces,  
 E o sorriso que lhe roça os labios  
 Murcha ledô sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,  
 Tem expressões d'angelica doçura.

E a mente do que as ouve, se perfuma  
De amor profundo e de piedade sancta,  
E exhala effluvios d'um odôr suave  
De aloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente afflicta,  
De dôr occulta remordida, anceia  
Desabrochar-se em confidencia amiga,  
«Neste mundo o que sou? — triste clamava:  
«Pêrsica involta em pó, entre ruínas,  
«Erma e sosinha a resolver-me em pranto!

«Flôr desbotada em hastea já roída,  
«De cujo tronco as outras amarellas  
Já rójão sobre o pó, já murchas pendem!  
«E' sentir e soffrer a minha vida!»  
Merencoria dizia, erguendo os olhos  
Aos céos d'um claro azul, que lhes sorrião.

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,  
E proximo a seo fim desata o canto:  
A rosa do Sarão lá se despenha  
Nas agoas do Jordão: e como a rosa,  
Como o cysne, do mar entre os perfumes,  
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria!

E como o pastor que avista a linda rosa  
Nas agoas da corrente, e como o nauta  
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado  
Sobre as agoas do mar, cantando a morte;  
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,  
Que lá se foi sumir clima estranho.

E depois que os meos olhos a perdérão,  
Como se perde a estrella em céos infindos.  
Errei por sobre as ondas do oceano,  
Sentei-me á sombra das florestas virgens,  
Procurando apagar a imagem della,  
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos  
 Meo astro procurei entre os mais astros,  
 Qu'outr'ora amiga sina me fadára!  
 Com brilho embaciado e luz incerta  
 Nos ares se perdeu antes do occaso.  
 Deixando me sem norte em mar d'angustias

## MIMOSA E BELLA. NUM ALBUM.

De anno em anno se torna mais fortece,  
 E novo brilho, novas graças cria.  
 CALDAS.

### I.

Tão bella es, tão mimosa,  
 Qual viçosa  
 Fresca rosa,  
 Que em serena madrugada,  
 Despontada,  
 Rorejada  
 Foi pelo orvalho do céu;  
 E a aurora que tudo esmalta,  
 Brilha reflexos de prata  
 No orvalho que alli prendeo.

### II.

Quando um penar afflictivo,  
 Sem motivo,  
 D'improviso  
 Tua alma occupa e entristece,  
 Que padece,  
 Que esmorece

Com aquelle imaginar;  
 Augmenta a tua belleza  
 Languido véo de tristeza,  
 Pallor de quem sabe amar.

## III.

Assim murcha a sensitiva,  
     Sempre viva,  
     Sempre esquivã;  
 Assim perde o colorido  
 Por um toque irreflectido,  
     Mal sentido:  
 Assim vai o nenuphar,  
 Como quem soffre e tem magoas,  
 Esconder-se em fundas agoas,  
 Té que o sol torne a brilhar.

## IV.

Mas tão bem a flôr brincada,  
     Perfumada,  
     Debruçada  
 Sobre a tranquillã corrente;  
     Logo sente  
     Vir a enchente  
 Longe, longe a ronquejar,  
 Que a pobrezinha desfolha,  
 Sem lhe deixar uma folha,  
 Sem deixal-a em seo logar.

## V.

Não consintas pois que as magoas,  
     Como as agoas,  
     Que das fragas



Furiosas vem tombando,  
 Vão tomando,  
 Vão levando  
 A flôr do teu coração!  
 Ha na vida u'amor somente,  
 Um só amor innocente,  
 Uma só firme paixão.

## VI.

Sê antes flôr bemfadada,  
 Suspirada,  
 Bafejada  
 Pela brisa que a namora,  
 Pela frescura da aurora,  
 Que a colora:  
 Á luz do sol se recreia,  
 E de noite se retrata  
 Da fonte na lisa prata,  
 Quando o céu de luz se arreia.

## AS DUAS AMIGAS.

. . . . . Vivamos juntas  
 N'um só logar!  
 N'um só logar, ou sejam mansos ares,  
 Se alli te exaltas;  
 Ou sejam campos, se é alli que a relva  
 De prauto esmaltas.

V. HUGO. TRAD.

Já vistes sobre a flôr de manso lago  
 Duas aves brincando solitarias,  
 Já pousadas na lisa superficie,  
 Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horisonte,  
 Brancas, orladas com listões de fogo  
 A deslumbrante alvura cámbiando  
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,  
 Abrindo ao romper d'alva as longas azas,  
 Onde reflecte o sol, como um prisma,  
 Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,  
 Nem as nuvens do occaso, nem as vagas  
 Borboletas gentis que adejão livres  
 Em valle ajardinado;

Tanto não prazem, como doces virgens,  
 Airosas, bellas, com sorrir singelo,  
 Da vida negra e má duros abrólhos  
 Impróvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,  
 De perfume e de amor, guardão no peito,  
 Quanto ha de luz no céu mostrão nos olhos,  
 Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,  
 Seos olhos como um lago transparente,  
 Sua alma como uma harpa harmoniosa,  
 Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves,  
 Uma brisa ligeira as nuvens rasga,  
 E uma gota de orvalho ensopa as azas  
 Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,  
 Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,  
 Nem mais adejão borboletas vagas  
 Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?  
 Depois que derramou grato perfume  
 Sobre as azas dos ventos que a bafejão,  
 A flôr também definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza  
 No peito da mulher, que menos ame,  
 E' como essencia preciosa e grata,  
 Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o: depois, embora o esgotem;  
 Leves emanações, gratos effluvios  
 Ha de eterno verter da mesma essencia,  
 Talvez porêem mais doces.

## S O N H O.

Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow,  
 Nor deem me too happy in this!  
 If I sin in my dream, I atone for it now,  
 Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,  
 Já quando as estrellas tombavão no mar,  
 Que eu via a meu lado uma esbelta figura  
 Divina e mimosa....  
 Sonhar é ventura;  
 Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véo se cobria  
 D'estrellas fulgentes de brilho sem par;  
 O rosto era vosso, era vossa a estatura.  
 E o anjo dizia....  
 Sonhar é ventura;  
 Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um geito celeste:  
 «Affectos que em outro não pude encontrar  
 «Por fim me renderão, — paixão lisa e pura,  
     Que tanto soffreste...  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

Pois tanto soffreste, não devo impiedosa  
 «Fineza tão grande por fim mal pagar!»  
 Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,  
     E uns labios de rosa...  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte  
 Com tepidos beijos de férvido amar!  
 Prazer tão subido após tanta amargura,  
     Não sei como o conte!...  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos labios de rosa  
 Vivi encantado sem ver, nem pensar,  
 Em quanto apertava a ligeira cintura,  
     Cintura mimosa...  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia  
 Grinalda que a fronte vos fosse adornar,  
 E um cinto de amores com bróche esmaltado  
     De meiga poesia!...  
     Quem tão bem fadado  
     Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meo bem, minha amada,  
 Já pago de quanto me fazeis penar,  
 Então vos tangia descantes na lyra,  
     Na lyra afinada!  
     O sonho é mentira;  
     Não quero sonhar!

## S O L I D ã O .

*Selo e pensoso i più deserti campi  
 Vo misurando, a passi tardi e lenti,  
 E gli occhi porto per fuggire intenti:  
 Ove vestigio human l'arena stampi.*

PETRARCA. *Sonetti.*

Se queres saber o meio  
 Por que ás vezes me arrebatá  
 Nas azas do pensamento  
 A poesia tão grata;  
 Por que vejo nos meos sonhos  
 Tantos anjinhos dos céos;  
     Vem commigo, ó doce amada,  
     Que eu te direi os caminhos,  
     Donde se enxérgão anjinhos,  
     Donde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,  
 Das cidades populosas,  
 Do vegetar entre as vagas  
 Destas côrtes enganosas;  
 Fujamos longe, bem longe,  
 Deste viver cortesão!

Fujamos desta impureza,  
 Só vê cordura por fóra,  
 Mas nunca o vicio que mora  
 Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa  
 Rodar do carro que passa,  
 Esta orgulhosa vã glória,  
 Que se resolve em fumaça?  
 Estas vozes, estes gritos,  
 Este viver a mentir?

Fujamos, que em taes logares  
 Não ha prazer innocente,  
 Só alegria que mente,  
 Só labios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;  
 Vivamos alli sosinhos;  
 Sosinhos, mas descuidados  
 Destes cuidados mesquinhos;  
 Tu o azul do espaço olhando  
 E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos  
 A' terra serena e calma,  
 Aqui acharei tua alma,  
 E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano  
 Que d'immenso a vista cança;  
 Dormirei no teu regaço  
 Quando o tempo for bonança,  
 Quando o batel for jogando  
 Em leve ondular sem fim.

Mas nos roncoss da procella;  
 Nossos olhos encontrados,  
 Nossos braços enlaçados;  
 Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos  
 Das setas que arroja a sorte;  
 Vivamos nas minhas selvas,  
 Nas minhas selvas do norte,  
 Que gemem nenias sentidas  
 No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,  
 Não têm harmonia os mares,  
 Como o rugir dos palmares  
 No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca  
 Nas folhas de côr sombria;  
 Como o sol, pintor mimoso,  
 Seos accidentes varia;  
 Como é doce o romper d'alva,  
 Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida  
 Melhor, mais viva, mais pura,  
 N'aquella eterna verdura,  
 N'aquelle eterno gozar!

Vem commigo, oh! vem depressa,  
 Não se esgota a natureza;  
 Mas desbota-se a innocencia,  
 Divina e sancta pureza,  
 Que dá vida aos objectos,  
 Feituras da mão de Deos!

Vem commigo, ó doce amada,  
 Que são estes os caminhos,  
 Onde eu enxergo os anjinhos,  
 Que tu vês nos sonhos meus.

## A UM POETA EXILADO.

Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre,  
 Et la coupe enivrante où, trompant son délire,  
 La gloire verse tant de fiel,  
 Et ses vœux poursuivant des promesses funestes,  
 Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,  
 Hélas! qui ne sont pas le ciel!

V. HUGO.

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,  
 Vi novos valles, novas serranias,  
 Vi novos astros sobre mim luzindo;  
 E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo  
 Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo  
 Do misero proscripto repetirão  
 Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego;  
 Talvez em mais de um peito se gravarão,  
 Em mais de uns meigos labios murmurados,  
 Talvez soarão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes.  
 Que a fonte dos amores meigos cria,  
 E alguns de Lyzia sonorosos vates,  
 Sisudos mestres;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo  
 Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga  
 Rugindo, como o vento na floresta,  
 Prenhe d'augurios;

Benignos me olharão, e aos meos ensaios  
 Talvez sorrirão; porém mais predeo-me,  
 Quem soffrendo como eu, chorou commigo;  
 Quem me deo lagrimas!



Eu pois, que nesta vida hei aprendido  
 Só cantar e soffrer, não vejo embalde  
 Ao canto a dôr unida, — e os repassados  
     Versos de pranto.

De triste poleá choro a desdita;  
 Choro e digo entre mim: «Pobre Canario  
 Que fado máo cegou, por que soltasse  
     Mais doce canto;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,  
 Atraz d'un bem sonhado pelo mundo  
 A vagar com lyra — um bem que os homens  
     Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dôr te abrande:  
 A vida é breve, e o teo cantar simellha  
 Vagido fraco de menino enfermo,  
     Que Deos escuta.

## P A L I N O D I A.

O céo não te dotou de formosura,  
 De attractivo exterior, e a natureza  
 Teo peito inficionou co'a vil torpeza  
 D'ingrata condição fallaz e impura!  
     Bocace.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,  
 Apesar da aversão que tenho ao crime,  
 Inteiro me embucei nos seos andrajos,  
     Em tremedal de vicios;

Se só por vós descri do que era nobre,  
 Por que involto em torpeza immunda e feia,  
 As vestes da virtude immaculada  
     Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,  
 Que os dias da existencia me consome,  
 E entre angustias crueis minha alma aneia,  
 — Ludibrio dos meos erros:

Consenti que a moral os seos direitos  
 Reivendique uma vez, e que a minha alma  
 Das lições que bebo na pura infancia  
 Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meos labios,  
 Duras verdades trovejando em verso,  
 Fazer de vós, o que a razão não pôde,  
 — Mulher ou estatua!

Mentistes quando amor tinheis nos labios,  
 Mentistes a compor meigos sorrisos,  
 Mentistes no olhar, na voz, no gesto...  
 Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia  
 Finge extremos de amor que ella não sente,  
 E o rosto off'rece a osculos vendidos,  
 Ao sigillo da infamia.

Quantas vezes, Senhora, não cahistes  
 Humilhada, a meos pés, desfeita em pranto,  
 Chorando — e que choraveis? — a jurar-me...  
 — Que juraveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga  
 A cahir gota a gota dos meos labios  
 No que eu suppunha cicatriz recente,  
 E que era ulcera funda,

Se me vistes os olhos incendiados,  
 Sangrar-me o coração no peito afflicto  
 Ao fel das vossas dôres, que azedaveis  
 Co'o pranto refalsado.

Ouvi! — não creis bella, — nem minha alma  
 Vos amou, que um modello de virtudes,  
 — Um sublime ideal amou somente;  
     Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,  
 Aos negros vícios mais que muito affeita,  
 Já feia, já corrupta, já sem brilho...  
     Amal-a eu, Senhora!

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,  
 Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;  
 Recostar-me no seio onde outros dormem,  
     Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga  
 Visgo nojento d'oscuros comprados;  
 Crêr no que dizem olhos mentirosos,  
     Em prantos de loureira!

Antes curvar o collo envilecido  
 Ao jugo vil da escravidão nefanda;  
 Beijar humilde a mão que nos offende;  
     Que nos cobre de opprobrio!

Antes, possesso d'imprudencia estúpida,  
 Brincando remechar no açafate,  
 Onde por baixo de mimosas flores,  
     O aspide se esconde!

Mas eu, nos meos accessos de delirio,  
 Voz importuna de continuo ouvia,  
 Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre  
     De vos amar...tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,  
 Nos espasmos d'ascetica virtude,  
 De não amar assaz o vão phantasma,  
     De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,  
 Cóspe affronta e desdem, e á chamma entrega  
 O cepo vil, que não merece altares,  
 Nem d'offrendas é digno!

Releva-se á imprudencia feminina,  
 Inda nm erro, uma culpa se perdôa,  
 Se a desvaira a paixão, se amor a cega  
 No mar de escolhos cheio.

O Deos, que mais perdôa a quem mais ama,  
 Talvez da vida a negra mancha apaga  
 A quem as azas de algum anjo orvalha  
 De lagrimas contritas.

Mas não á aquella, em cujo peito móra  
 Torpeza só, — onde o amor se cobre  
 De vicios — a nutrir-se d'impurezas,  
 Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meo conselho,  
 A' quem, mais do que a mim tens offendido,  
 Que entre os risos do mundo, vê tua alma  
 E lê teos pensamentos;

Se não crês n'outra vida alem da morte,  
 Roga se quer a Deos, que te não rompa  
 A' luz do sol divino da Justiça  
 A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,  
 — A' dura opinião — te não entregue,  
 Sosinha, e núa, e d'irrisão coberta,  
 A' popular vindicta!

---

## OS SUSPIROS.

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura  
 Guardaba allá en sus senos escondida  
 A despedir-te el alma dolorida,  
 Hijo de su cariño y su ternura.

ROMÉA.

Muitas vezes tenho ouvido,  
 Como languidos gemidos,  
 Frouxos suspiros partidos  
 D'entre uns labios de coral:  
     A fina tez lhe deslustrão,  
     Bem como o alento que passa  
     Sobre o candor d'uma taça  
     De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes  
 Do coração arrancados,  
 Sobre labios desmaiados  
 Susurrando esvoaçar!  
     Como flôr submarinha  
     Da funda gleba arrancada,  
     De vaga em vaga arrastada,  
     Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,  
 Em quanto a lúá fulgura,  
 Quando a virgem d'alma pura  
 Fita seos olhos no céo:  
     Notas de mundo longinquo  
     Repassadas de harmonia,  
     Diamante que alumia  
     A tela de um fino véo!

Tu, virgem por que suspiras?  
 Quando suspiras que seismas?  
 Em que reflexões te abysmas?  
 — Do passado ou do porvir;

Mas não tens *passado* ainda,  
 Tudo é flôres no presente,  
 Brilha o porvir docemente,  
 Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?  
 — Murmura trepida a fonte,  
 De relva se cobre o monte,  
 As aves sabem cantar;  
     O ditoso tem sorrisos,  
     O desgraçado tem pranto,  
     A virgem tem mais encanto  
     No seo vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,  
 E' da alma a voz primeira,  
 A expressão mais verdadeira  
 Da sina e do fado teo!  
     Vago, incerto, indefinido,  
     Tem um quê de inexplicavel,  
     Como um desejo insondavel,  
     Como um reflexo do céo.

Eu amo ouvir teos suspiros,  
 O' doce virgem mimosa,  
 Como nota harmoniosa,  
 Como um cantico de amor;  
     Mais do que a flôr entre as vagas  
     Sem destino fluctuando,  
     Fólgo de os ver expirando  
     Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,  
 Que o alento fraco, incerto,  
 Que o diamante coberto,  
 Scintillando almo fulgor;  
     Fólgo de ouvir teos suspiros,  
     O' doce virgem mimosa,  
     Como nota harmoniosa,  
     Como um cantico de amor!

---

## Q U E I X U M E S.

## I.

Onde estás, meo senhor. meos amores?  
 A que terras — tão longes! — fugiste?  
 Onde agora teos dias se escoão?  
 Por que foi que de mim te partiste?

## II.

Não te lembras! quando eu te rogava  
 Não te fosses de mim tão azinha,  
 Prometteste-me breve ser minha  
 Tua vida, que o mar me roubava.

## III.

Tão amigo do mar foste sempre,  
 Por que amigos talvez não achaste!  
 Nem carinhos, nem prantos te ameigão?  
 Nem por mim, que te amava, o deixaste?

## IV.

Vejo além o lugar onde estava  
 Tua esbelta fragata ancorada,  
 Mal soffrida jogando afagada  
 Do galerno que amigo a chamava.

## V.

Da partida era o funebre instante,  
 Breve instante de afflictos terrores,  
 Quando o mar traçoeiro, inconstante,  
 Me roubava meos puros amores;

## VI.

Inda choro essa noite medonha,  
Longa noite de má despedida!  
Teo amor me deixaste nos braços,  
Nos teos braços levaste-me a vida!

## VII.

Oh! cruel, que então foste commigo,  
Que te hei feito que punes-me assim?  
Teo navio que tantos levava,  
Não podia levar mais a mim?

## VIII.

Mais a mim! — que importava que eu fosse?  
Não me ouvira a tormenta chorar,  
E morrer me seria mais doce  
Junto a tí, — que o meo triste penar!

## IX.

Junto a tí me era a vida bem cara,  
Oh! bem cara! — se ledo sorrias,  
Se pensavas sosinho e profundo,  
Se agras dôres contigo curtias;

## X.

Eu te amava, senhor! — Nem podia  
Dentro em mim, convencer-me que fosse  
Outra vida melhor, nem mais doce,  
Nem que o amor se acabasse algum dia!



## XI.

Mas o mar tem lindezas que encantão.  
Tem lindezas, que o nauta namora,  
Tão bem dizem que vozes descantão  
No silencio pacato d'esta hora!

## XII.

São de nymphas os mares pejados,  
Tão bem dizem, que sabem magia,  
Que suscitão cruel calmaria,  
Só d'em torno dos seos namorados!

## XIII.

Alta noite, bem perto, apparece,  
Como leiva juncada de flôres,  
Ilha fertil em faceis amores,  
Onde o nauta da vida se esquece!

## XIV.

Não te esqueças de mim; — Por Sevilla  
Quando o peito de pranco marfim  
Perceberes na preta mantilha,  
Sombreado por leve carmin;

## XV.

Quando vires passar a Andalusia  
Pelos montes, com ar magestoso,  
Decantando, nas modas de que usa,  
As loucuras do Cid amoroso;

## XVI.

Quando vires a molle Odalisca  
De belleza e de extremos fadada,  
Respirando perfumes da Arabia,  
Em sericos tapises deitada;

## XVII.

Quando a vires co'a fronte bem cheia  
De riquezas, de graças ornada,  
Pelo andar do elefante embalada,  
Que alta escolta de eunuchos rodeia;

## XVIII.

Quando vires a Grega vagando  
Pelas Ilhas de Cós ou Megára,  
Em sua lingua, tão doce, cantando  
Seos amores que o Turco roubara;

## XIX.

Quando a vires no Carro de Homero,  
Bella e grave e sisuda lavrando,  
Pelos montes melifluos do Hymeto  
A parelha de bois aguilhando;

## XX.

Não te esqueção meos duros pesares,  
Não te esqueças por ellas de mim,  
Não te esqueças de mim pelos mares,  
Não me esqueças na terra por fim!

## XXI.

Se eu fosse homem, tão bem desejára  
 Percorrer estes campos de prata,  
 E este mundo, na tua fragata,  
 Co'uma esteira cingir d'onda amara.

## XXII.

Qu'ria ver a andorinha coitada  
 Nos meos mastros fugida poisar,  
 E achar no convez abrigada,  
 Quando o vento começa a reinar!

## XXIII.

Ver o mar de toninhas coberto,  
 Ver milhares de peixes brincar,  
 Ver a vida nesse amplo deserto  
 Mais valente, mais forte pular!

---

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,  
 Ou fosse tempestade ou calmaria,  
 Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,  
 Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,  
 Sem que o seo curso o mesmo rumo leve,  
 Assim dos homens a paixão se move,  
 Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre  
 O mesmo que ao princípio ardente amava;  
 Oxalá não diga eu que me enganava,  
 Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,  
 Ou fosse tempestade ou calmaria,  
 Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,  
 Só de ti, só de ti me lembraria!

---

## AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja  
 Ao solo brasileiro!  
 Bem vinda seja ás margens florescentes  
 Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,  
 Que vejas incessante  
 As memorias, os templos, os palacios  
 Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos  
 Sem penar e sem dôr;  
 Onde rostos amigos nos rodeião;  
 Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolão  
 Na nossa desventura,  
 Onde alguns olhos chorarão doridos  
 Na erna sepultura;

A patria é onde a vida temos presa:  
 Aqui tão bem ha sol!  
 Tão bem a brisa corre fresca e leve  
 Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,  
 Tão bem os céos têm côr;  
 Tão bem murmura o rio, e corre a fonte  
 E os astros têm fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,  
 De mimoso tapiz;  
 Nas azas do silencio desce a noite  
 Tão bem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja  
 Ao solo brasileiro;  
 Bem vinda seja ás margens florescentes  
 Do Rio hospitaleiro!

Compridos annos e folgados viva  
 Neste ditoso clima,  
 E veja á par dos filhos seos queridos  
 Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seo feliz consorcio  
 De novo em cada anno  
 Soltar um hymno de amizade extreme,  
 Um canto mais que humano!

24 de Março.

## CANTO INAUGURAL.

À MEMORIA DO CONEGO JANUARIO DA  
CUNHA BARBOSA.

Onde essa voz ardente e sonora,  
Essa voz que escutámos tantas vezes,  
Polido como a lamina d'um gladio,  
Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,  
No pulpito serena, amiga e branda,  
Pelas naves do templo reboava,  
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,  
Onde um vulcão de ideias borbulhava,  
E o generoso ardor de uma alma nobre  
— Onde párao tão bem?

Novo Colombo andaz por novos mares,  
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,  
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas  
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,  
No manto do porvir bordava ufano,  
Sob os tropheos da liberdade sacra,  
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando  
A noite inteira, a revolver-se em trevas,  
Onde te foste, quando o sol roxeia,  
Nuvens de um céu mais puro?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,  
 Parou sem força o coração no peito,  
 Quando somente um pé firmava a custo  
 Na terra promettida!

E a mão cansada fraquejou...pendeo-lhe,  
 Inda a vejo pendente, sobre as paginas  
 Da patria historia, onde gravou seo nome  
 Tarjado em letras d'oiro.

Pendeo-lhe...quando a mente escandecida  
 Talvez quadro maior lhe affigurava  
 Que a luta acerba do Titan brioso,  
 Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel valido,  
 Que nos retrata o cataclysmo horrendo,  
 Que elle — poeta — não achou nos combros  
 Da ignivoma Tessalia!

Inveja!...mas ás formas do Gigante  
 Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo  
 Da verde Erin, entre os heróes famosos  
 Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!  
 Dorme agora no gelido sudario;  
 Foi duro o afan, asperrima a contenda,  
 Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu somno eterno;  
 Mas sobre a lonza do sepulchro humilde,  
 Como na vida foi, surja o teu busto  
 Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,  
Rolo encerado, que já beija as praias  
Do remoto porvir: — seguro e salvo  
    Dos naufragios d'um seculo;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,  
Meos versos... não serão; — palmas sem graça,  
Ou pobre rama d'arvore funerea,  
    Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um túmulo  
Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,  
Piedosa mão de peregrino extranho,  
    Que alli passou acaso!



# TABYRA.

---

DEDICATORIA.

AOS PERNAMBUCANOS.

Salve, terra formosa, ó Pernambuco.

Veneza Americana, transportada

Boiante sobre as agoas!

Amigo genio te formou na Europa.

Genio melhor te despertou sorrindo

Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teos montes

Arrelvados, innumeros teos valles,

Cujas veias são rios!

Doces teos prados, tuas varzeas ferteis,

Onde reluz o fructo sasonado

Entre o matiz das flores!

Outros, patria d'heroes, teos feitos cantem,

E a bella historia de colonia exaltem,

E os nomes forasteiros;

Não eu, que nada almejo senão ver-vos.

Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,

Expraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,  
Doces flores dos mares de Colombo,  
Filhas do norte ardente!  
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas  
Sorriram d'innocencia á propria imagem,  
Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós somente, em vossas matas,  
Collhendo agrestes flores na floresta,  
Não respiradas nunca,  
Singelas, como vós, — como vós, bellas,  
Ennastrei-as em forma de grinalda,  
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são meos versos  
Ephemeros como ellas; côr sem brilho,  
Ou perfume apagado,  
Ou trino fraco d'ave matutina,  
Ou echo de um baixel que passa ao longe  
Com descante saudoso.

---

## T A B Y R A.

(POESIA AMERICANA.)

*Les peaux rouges, plus nobles, mais plus infortunées que les peaux noires, qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se résout à la servitude.* \* \* \*

## I.

E' Tabyra guerreiro valente,  
 Cumpre as partes de chefe e soldado;  
 E' caudilho de tribu potente,  
 — Tobajaras — o povo senhor;  
 Ninguém mais observa o tratado,  
 Ninguém menos de p'rigos se aterra,  
 Ninguém corre aos acenos da guerra  
 Mais depressa que o bom lidador!

## II.

Seo viver é batalha aturada,  
 Dos contrarios a traça aventando,  
 E' dispor a cilada arriscada,  
 Onde o inimigo se venha metter!  
 Levão noites com elle sonhando  
 Potiguares, que o virão de perto;  
 Potiguares, que assellão por certo  
 Que Tabyra só sabe vencer!

## III.

Mil enganos lhe têm já tecido,  
 Mil ciladas lhe têm preparado;  
 Mas Tabyra, fatal, destemido,  
 Tem feitiço, ou encanto, ou condão!  
 Sempre o plano da guerra é frustrando,  
 Sempre bravo fronteiro apparece,  
 Que os enganos crueis lhes destece,  
 Face a face, arco e setas na mão.

## IV.

Já dos Luzos o troço apoucado,  
 Paz firmando com elle traidora,  
 Dorme illeso na fé do tratado,  
 Que Tabyra é valente e leal.  
 Sem Tabyra dos Luzos que fóra?  
 Sem Tabyra que os guarda e defende,  
 Que das pazes talvez se arrepende  
 Já feridas outr'ora em seo mal!

## V.

Chefe stulto d'um povo de bravos,  
 Mas que os piagas victorias te fadem,  
 Hão de os teos, miserandos escravos,  
 Taes triunfos um dia chorar!  
 Caraibas taes feitos applaudem,  
 Mas sorrindo vos forjão cadeias,  
 E pesadas algemas, e peias.  
 Que traidores vos hão de lançar!

## VI.

Chefe stolido, insano, imprudente.  
 Sangue e vida dos teos malbaratas?!  
 Mingua as forças da tribu potente,  
 Vencedora da raça Tupi!  
 Hão de os teos, acoçados nas matas  
 Mal feridos, sangrentos, ignavos,  
 Não podendo viver como escravos,  
 Dar o resto do sangue por ti!

## VII.

Vivem homens de pel' cór da noite  
 Neste solo, que a vida embelleza;  
 Podem, servos, debaixo do açoite,  
 Nenias tristes da patria cantar!  
 Mas o indio que a vida só préza  
 Por amor dos combates, e festas  
 Dos triunfos sangrentos, e sestas  
 Resguardadas do sol no palmar;

## VIII.

Ocioso, indolente, vadio,  
 Ou activo, incançavel, fragueiro,  
 Já nas matas, no bosque erradio,  
 Já disposto a lutar, a vencer:  
 Ama as selvas, e o vento palreiro,  
 Ama a gloria. ama a vida: mas antes  
 Que viver amargados instantes.  
 Quer e pode e bem sabe morrer!

## IX.

Eia. avante! ó caudilho valente!  
 Potiguares lá vêm denodados:  
 Tão cerrado concurso de gente.  
 Ninguém vio nestas partes assim!  
 Poucos são. mas briosos soldados:  
 Não são homens de aspecto jocundo!  
 Restos são, mas são restos d'um mundo;  
 Poucos são, mas soldados por fim!

## X.

Os seus velhos disserão comsigo,  
 Discutindo os motivos da guerra:  
 «E' Tabyra — cruel. inimigo,  
 Já nem crê, renegado. em Tupan!»  
 Pés robustos lá batem na terra,  
 Pó ligeiro se expande nos ares:  
 Era noite! millhar de milhares  
 São armados, mal rompe a manhã.

## XI.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!  
 Confiados, galhardos, lustrosos,  
 Vêm bizarros nas armas. nas pennas,  
 Atrevidos no accento e na voz!  
 Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,  
 Sóbe á pressa nas aspas d'um monte:  
 Dalli brada. postado defronte  
 De Tabyra — com geito feroz:

## XII.

«O' Tabyra, Tabyra! aqui somos  
 A provar nossas forças comtigo,  
 Dizes tu que vencidos já fomos!  
 Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguém.  
 Ora eu só a vós todos vos digo:  
 Sois cobardes, irmãos de Tabyra!  
 Propagastes solemne mentira,  
 Que vencer não sabemos tão bem.

## XIII.

«Para o vosso terreiro vos chamo,  
 Contra mim vinde todos, — sou forte:  
 Accorrei ao meo nobre reclamo!  
 Aqui sou, nem me parto daqui!  
 Vinde todos em densa cohorte:  
 Travaremos combate sangrento,  
 Mas por fim do triumpho cruento  
 Direis vós, se fui eu quem menti.»

## XIV.

Disse o arauto: eis a turba nfanosa  
 Lhe responde, arco e setas brandindo,  
 Pés batidos, voz alta e ruidosa:  
 — Bem fallado, ó guerreiro, mui bem!  
 Assim é; mas Tabyra rugindo,  
 Resentido de offensas tamanhas,  
 O rancor mal encobre das sanhas;  
 Que não lava no sangue de alguem.

## XV.

Raso onteiro alli perto se off'rece:  
 Vinga-o prestes, hardido, açodado!...  
 Como leiva de pallida messe,  
 Já madura, tremendo no pé;  
 Todo o campo descobre occupado  
 Por guerreiros, — no extremo horisonte  
 Não destingue nas faldas do monte,  
 O que é gente, o que gente não é.

## XVI.

Não se abala o preclaro guerreiro.  
Do que vê seo valor não fraqueia;  
Diz comsigo: «Um só golpe certo  
Vai de todo esta raça apagar!  
Juntos são, mas são meos!» — Já vozeia:  
Logo os seos lhe respondem gritando.  
Taes rugidos, taes roncossoltando,  
Que aos seus proprios deverão turbar!

## XVII.

Diz a fama que então de assustadas  
Muitas aves que o espaço crusavão,  
De pavor subitaneo tomadas,  
Descalhão pasmadas no chão:  
Já com silvos e atitos voavão  
Muitas outras, que o triste gemido  
No conflicto, abafado e sumido,  
Talvez derão. — mas fraco, mas vão!

## XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvão,  
Eis que as setas aladas já voão.  
Eis que os ares se cobrem, se turvão,  
De frexados, de surdos que são.  
Novos gritos mais altos reboão.  
Entre as hostes se apaga o terreno.  
Já tornado apoucado e pequeno,  
Já coberto de mortos o chão!

## XIX.

Peito a peito encontrados afoutos,  
Braço a braço travados briosos.  
Fervem todos inquietos, revoltos,  
Qu'indicisa a victoria inda está.  
Todos movem tacápes pesados;  
Qual resvala, qual todo se enterra  
No imigo que morde na terra,  
Que sepulcro talvez lhe será.

## XX.

«Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?  
 «Onde agora se esconde o pujante?»  
 — Não no vedes?! — Tabyra é aquelle  
 — Que sangrento, impiedoso la vai!  
 — Vel-o-heis andar sempre adiante,  
 — Larga esteira de mortos deixando  
 — Traz de si, como o raio cortando  
 — Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

## XXI.

«Foge! foge! leal Tobajara;  
 Quantos arcos que em ti fazem mira?!»  
 — Muitos são; porém medos encara  
 — Face a face, quem é como eu sou! —  
 Muitas setas cravejão Tabyra:  
 Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!  
 Porco-espím que sangrado e terrivel  
 Duras cerdas raivando espetou!

## XXII.

Tem um olho, d'um tiro frexado!  
 Quebra as setas quo os passos lh'impedem,  
 E do rosto, em seo sangue lavado,  
 Frexa e olho arrebatada sem do!  
 E aos inimigos que o campo não cedem,  
 Olho e frexa monstrando extorquidos  
 Diz, em voz que mais erão rugidos:  
 — Basta, vis, por vencer-vos um só!

## XXIII.

E com furia tão grande arremettem,  
 Com desprego tão nobre da vida;  
 Tantos golpes, tão fundos repetem,  
 Que senhores do campo já são!  
 Potiguares lá vão de fugida,  
 Inda á fera mais torva e bravia  
 Disputando guarida d'um dia  
 No mais fundo do vasto sertão!



## XXIV.

Potiguares, que a aurora risonha  
Vio nação numerosa e potente,  
Não já povo na tarde medonha,  
Mas só restos d'um povo infeliz!  
Insepultos na terra inclemente  
Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja  
Essa morte do bravo em peleja,  
Quem a vida do escravo maldiz!

## XXV.

«Este o conto que os Indios contavão,  
«A deshoras, na triste senzalia;  
«Outros homens alli descansavão,  
«Negra pel': mas escravos tão bem.  
«Não choravão; somente na falla  
«Era um quê da tristeza que mora  
«Dentro d'alma do homem que chora  
«O passado e o presente que tem!»

---

## HYMNOS.

### A' L U A.

Figlia del ciel, sei bella!  
Ma verra notte ancor, che tu, tu stessa  
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo  
Il tuo azzurro sentier!

CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,  
Que traz dos altos montes  
Erguendo a fronte pallida,  
Dos negros horisontes  
As sombras melancolicas  
Vens ora afugentar!

Salve, ó astro falgido,  
Que brilhas docemente,  
Melhor que o lume tremulo  
D'estrella inquieta, ardente,  
Melhor que o brilho esplendido  
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue  
Da eterna luz preclara  
Nas nossas noites horridas:  
Qual sol que em lymphá clara  
Desponta os raios vividos,  
Em tarja multicolor;

Es como a virgem púdica,  
 Que amor no peito encerra;  
 Mas só, mas solitária,  
 Vagando aqui na terra,  
 Treplica o sello mystico  
 Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida,  
 No gyro sommolento,  
 E o teu cortejo madido  
 De estrellas, e do vento  
 O sopro merencorio,  
 Que á noite dá frescor.

Por teos influxos magicos  
 Minha alma aos sons do canto  
 Revive; e os olhos humidos  
 Gotejão triste pranto,  
 Que orvalha a chaga tepido,  
 Que mingua a antiga dor!

Em gelido sudario  
 De neve alvi-nitente,  
 Por terras vi longinquas,  
 Durante a noite algente,  
 A tua luz benefica  
 Luzir meiga do céo.

Nos mares solitarios  
 Tão bem a vi! — nas vagas  
 Brincava o lune argenteo,  
 Cantava o nauta as magas  
 Canções, no voluntario,  
 Cançado exilio seo!

Tão bem a vi na limpida  
 Corrente vagarosa;  
 Tão bem nas densas arvores  
 De selva magestosa,  
 Coando os raios lubricos  
 No lobrego palmar.

E eu só e melancolico  
 Sentado ao pé da veia,  
 Que a deslizar-se tímida  
 Beijava a branca areia;  
 Ou já na sombra tetrica  
 Da mata secular;

Em devaneio placido  
 Velava, em quanto via  
 Ao longe — os altos pinheiros  
 Da negra serraia,  
 — Disformes atalaias,  
 Que sempre alli serão!

No rório silencio  
 Minha alma se exaltava;  
 E das visões phantasticas,  
 Que a lua desenhava,  
 Seguia os traços aureos,  
 Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,  
 Até que de repente  
 Da minha vida misera  
 Se me antolhava á mente  
 A quadra breve e rapida  
 Do malfadado amor.

Então fugia attonito  
 O bosque, a selva, a fonte,  
 E as sombras, e o silencio;  
 Bem como o cervo insonte,  
 Que ás setas foge pavido  
 Do fero caçador!

Salve, ó astro fulgido,  
 Que brillas docemente.  
 Melhor que o lume tremulo.  
 D'estrella inquieta, ardente.  
 Melhor que o brilho esplendido  
 Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, ó Lua pallida,  
 Vagando em noite bella,  
 Rompendo as nuvens turbidas  
 Da rispida procella;  
 Eu te amo até nas lagrimas  
 Que fazes derramar.

## A NOITE.

Noite, melhor que o quem, dia não te ama!  
 quem não vive mais brando em teu regaço?  
 FINIS.

Eu amo a noite solitaria e muda,  
 Quando no vasto céo fitando os olhos,  
 Alem do escuro, que lhe tinge a face,  
 Alcanço deslumbrado  
 Milhões de sóes a divagar no espaço,  
 Como em salas de esplendido banquete  
 Mil tochas aromaticas ardendo  
 Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quèda!  
 Amo a doce mudez que ella derrama,  
 E a fraca aragem pelas densas folhas  
 Do bosque murmurando:  
 Então, mão grado o véo que envolve a terra,  
 A vista do que vela enxerga mundos,  
 E apezar do silencio, o ouvido escuta  
 Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quèda!  
 Então parece que da vida as fontes  
 Mais faccis correm, mais sonoras soão.  
 Mais fundas se abrem;  
 Então parece que mais pura a brisa  
 Corre, — que então mais funda e leve a fonte  
 Mana, — e que os sons então mais doce e triste  
 Da musica se espargem.

O peito aspira soffregos ar de vida,  
 Que da terra não é; qual flôr nocturna,  
 Que bebe orvalho, elle se embebe e ensôpa

Em extasis de amor:

Mais directas então, mais puras devem,  
 Calada a natureza, a terra e os homens.  
 Subir as orações aos pés do Eterno  
 Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso  
 Rebôa pela nave o som mais alto,  
 Quando o sacro instrumento quebra a augusta  
 Mudez do sanctuario:

Assim é que o incenso mais direito  
 Se eleva na capella que o resguarda,  
 E na chave da abobada topando,  
 Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;  
 Como formosa dona em regios paços,  
 Trajando ao mesmo tempo luto e galas

Magestosa e sentida;

Se no dó attentais, de que se enluta,  
 Certo sentis pezar de a ver tão triste;  
 Se o rosto lhe fitais, sentis deleite

De a ver tão bella e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,  
 E o pôrte, e o garbo senhoril e altivo,  
 E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,

E a fronte levantada:

No silencio que a véste, adorna e honra,  
 Conhecendo por fim quanto ella é grande,  
 Com voz humilde a saudareis rainha,

Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,  
 Quando, bem como em salas de banquete  
 Mil tochas aromaticas ardendo,

Girão fúlgidos astros!

Eu amo o leve odor que ella diffunde,  
 E o rorante frescor cahindo em per'las,  
 E a magica mudez que tanto falla,  
     E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende.  
 Como em praia arenosa mansa vaga:  
 Ou quando, como a flôr d'entre o seo musgo,  
     A aurora desabrocha;  
 Mais forte e pura a voz humana sóa,  
 E mais se accôrda ao hymno harmonioso,  
 Que a natureza sem cessar repete,  
     E Deos gostoso escuta.

## A TEMPESTADE.

*Fervescere faciet, qua si ollum,  
 profundum mare.*

*Jon. 11, 42.*

### I.

De côr azul brilhante o espaço immenso  
 Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo  
 Do bosque a verde coma esmalta e doira,  
 E na corrente dardejando a prumo  
 Scintilla e fulge em laminas doiradas.  
 Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!  
 Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,  
 Brilha um clarão fugaz pallido e breve:  
 Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;  
 Succedem-se frequentes, — mais frequentes,  
 Assumem côr mais viva, — inda mais viva,  
 E em breve espaço conquistando os ares  
 Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada  
 Que os fios todos lhe repassa e embebe;  
 Ou qual abutre do palacio ãereo  
 Tombando acinte, — no descer sem azas  
 Um ponto só, — até que em meia altura  
 Abrindo-as, paira magestoso e horrendo:  
 Assim o negro ponto avulta e cresce,  
 E a cupola dos céos de côr medonha  
 Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.  
 A abobada de trevas fabricada  
 Decança em capiteis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta  
 Silva, rugge, e morre; e o vento ao longe  
 Ronqueja, e brama, e cava-se empolado,  
 E aos pinheiros da rocha ennegrecida  
 De iroso e mal soffrido a espuma arroja!  
 Raivoso turbilhão comsigo arrastra  
 O argueiro, a folha em vortice espantoso:  
 No valle arranca a flôr, sacode os troncos.  
 Na serra abala a rocha, e move as pedras,  
 No mar os vagalhões incita e erusa.

## II.

Os sons da tempestade ao longe escuto!  
 Concentra a natureza os seus esforços  
 Primeiro que entre em luta; não lampeja  
 Invio fogo nos céos; não sopra o vento:  
 E' tudo escuridão, silencio e trevas!  
 Somente o mar de soluçar não cessa,  
 Nem de rugir as ramas buliçosas,  
 Nem de soar confuso borborinho,  
 Incomprênsivel, como que sem causa,  
 Immenso como o echo de mil vozes  
 No céu de extensa gruta repulsando.

Silencio! perto vem a tempestade!  
 Gravidas nuvens de fataes coriscos,



Sem rumo, como não em mar desfeito,  
 Em muda escuridão negros phantasmas.  
 Indistinctos, sem forma, — ondulão, jogão.  
 Logo poder occulto impelle as nuvens,  
 Attrahem-se os castellos tenebrosos.  
 Embatem-se nos ares, — brilha o raio,  
 E o ronco do trovão após rimbomba!

## III.

Ruge e brame, sublime tempestade!  
 Desprende as azas do tufão que enfreias,  
 Despega os céos do veloz corisco  
 E as nuvens rasga em rubidas crateras.  
 Os fuzis da cadeia temerosa  
 Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens  
 Do teo açoite aos lategos bramindo,  
 Occupem de pavor os céos e a terra.  
 Ruge, e o teo poder mostra rugindo:  
 Que assim por teos influxos me commoves.  
 Que todo me electrisas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete  
 Por desertos, por syrtes arenosas  
 Jungido e preso e attonito levado;  
 Assim minha alma sobe e vai contigo,  
 E vinga os teos palacios mais subidos.  
 Contempla os teos horrores, e dos astros  
 No prazer, que lhe dás, toda embebida,  
 Mão grado teo horror, folga contigo!  
 Parece que alli tem a regia c'roa  
 Que o feliz condemnado achou na Ukraina.  
 Ruge, ruge embora, ó tempestade!

## IV.

Emfim descendo a chuva copiosa  
 Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,  
 De perolas a relva se matisa,  
 O céu de puro azul todo se arreia,  
 Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

## V.

Assim, meo Deos, assim será no dia  
Do final julgamento, quando o anjo  
Soprar a tromba que desfez os muros  
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,  
Com rancos temerosos, nunca ouvidos,  
Virá para sorver, com furia brava,  
Ilhas e continentes.

O sol. perdendo o brilho e a natureza,  
Não luz, mas puro fogo. ha de accender-se,  
Como o fogo sagrado, que se prende  
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,  
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,  
E, redomas de vidro. hão de partir-se  
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!  
Flammivomos vapores condensados,  
Té nós, e alem de nós, de elevar-se  
Em pavoroso incendio.

O ar ha de accender-se, a terra em fogo  
Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa.  
Coalhar-se o mar e em aspera seccura  
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,  
Neste cháos, que a mente mal alcança,  
Quando nada existir de quanto existe,  
Será vencida a morte.

Logo, a um só dizer do Omnipotente,  
O pó segunda vez ha de animar-se,  
E os mortos, mal soffrendo a luz da vida,  
Attonitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,  
 E como Adão, a tatear os membros,  
 Estranhos a existencia já vivida,  
     Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —  
 Virás cheio de gloria e magestade,  
 Em solio de luzeiros resplendente;  
     E em celeste cortejo!

Virás: sol da justiça, em fins do mundo  
 Acalmr a procella, e quando aos mortos  
 Disseres tu, quem es, — lembrar-nos-hemos,  
     Senhor; do que já fomos.

Feliz então quem só viveo contigo,  
 Quem n'ancora da fé prendeo sua alma,  
 Quem só em ti fundou sua esperanza,  
     Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,  
 Seos passos graduou nos teos caminhos;  
 Quem dia e noite revolveo comsigo,  
     Como aplacar-te.



# NOVOS CANTOS.

5

6

7



## O HOMEM FORTE.

Impavidum ferient . . .  
HORAT.

O modesto varão constante e justo  
Pensa e medita nas lições dos sábios  
E nos caminhos da justiça eterna  
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia  
A luz do sol, nem do carvão se tísna;  
Morre pelo dever, austero e crente,  
Confessando a virtude.

Pode a calúnnia denegrir seos feitos,  
Negar-lhe a inveja o merito subido;  
Pode em seo dammo conspirar-se o mundo  
E renegal-o a patria!

Tão modesto nos paços de Lucullo,  
Como encerrado no tonel do Grego,  
Nem o transtorna a aragem da ventura,  
Nem a desgraça o abate.

A tyranos preceitos não se humilha,  
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,  
Não faz callar da consciencia o grito.  
Não nega os seos principios.

Antes, seguro e firme e confiado  
 No tempo, vingador das injustiças,  
 Co'os pés no cadafalso e à vista erguida  
 Se mostra imperturbavel.

Soffre martyr e expira! A patria emtorno  
 Do seo sepulchro o chora, onde a virtude,  
 Affeita ao luto e á dor, de novo carpe  
 Do justo a flebil morte!

## D I E S I R A E.

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata  
 Fructos de maldicção produz somente;  
 E em quanto os homens ao mercado affluem,  
 Vazio o templo do Senhor se enluta,  
 Empoeira-se o altar, e pelas naves,  
 Gretadas, rotas pela mão do tempo,  
 De canticos e preces deslembradas,  
 A voz de Deos já não rebôa immensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto;  
 O sol gyrando, e na apparencia o mesmo,  
 Do anno as quadras compassado alterna;  
 E os astros, seos irmãos, gravitão sempre  
 D'abobada celeste. A terra é a mesma;  
 As agnas pelos valles se deslirão,  
 On d'alpestres montanhas se despanhão  
 Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas  
 Inda conversão nos soturnos bosques;  
 A mulher, a mais bella creatura,  
 Nas suas proprias perfeições compraz-se,  
 Como quando, no Eden, as pulchras formas  
 Pasmon de ver representadas n'agua,  
 E de as ver se ufanou. Inda conserva  
 O mesmo orgulho e intelligencia o homem,



O rei da creação, o deos creado,  
De quando vinhão, por pedir-lhe os nomes,  
Cetaceos, aves e os reptis e aquellas  
Creaturas-montanhas, que passárão  
Entre Adão e Noé á flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,  
Esse mundo interior, esse outro templo,  
Onde gravára o proprio Deos seo nome,  
Como os templos de pedra, jaz sem lume,  
Jaz como o predio a desfazer-se em ruinas,  
Onde um guarda sollicita não móra,  
E entregue as aves más, que em chilros pregão,  
Que alli na ausencia do senhor imperão.

Da divina bondade cheio o vaso  
Já transborda de cholera e justiça  
E o largo rio do perdão sandavel:  
Que mais não corra, impece: Sanctas agnas  
Por cuja causa os seculos já virão,  
Sem justa punição, offensas graves:  
Que o Senhor consentisse persistirem  
Os mãos no mal, á espera d'emmental-os;  
Que triumphasse a malvadeza; e o crime,  
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deos, que fôra outrora pae clemente,  
Dando começo ao reino da justiça,  
Em austero juiz se ha convertido.  
Como um carro, que vae d'encontro ao abysmo,  
Pertaz o sol precipite o seo gyro,  
Indo a tocar a temerosa méta  
Prevista dos prophetas. Um archanjo  
Com mão robusta inda retém os elos  
Da cadeia do tempo, em quanto a outra  
Da vida o livro volumoso sêlla  
Com sete bronzcos sellos. Deos offeso  
Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem podera pintar as discordancias  
 Em que labora a natureza! Crescem  
 Da terra igneos vapores, suffocando  
 O que respira, o que tem vida: os montes  
 Em crateras se rásão, que vomitão  
 Fumo e lava incessante, o mar s'empola  
 E em furia ardendo, arroja aos altos cimos  
 Crusados vagalhões, qual se tentára  
 Sôvertel-os: os ventos se contrastão!  
 Novos prodigios, novos monstros surgem!  
 O mar se torna em sangue, o sol em fogo.  
 O Universo em mansão d'afflictas dores,  
 O homem soffre, blasphema e desespera,  
 E vendo os mundos desabar precipites,  
 Um grito sóta d'horroroso transe,  
 Como de não, que em alto mar s'afunda  
 E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfiez-se o Senhor. Que resta? — O cháos,  
 O horror. a confusão, o vulto enorme  
 Do tempo, que escurece o fundo abyssmo,  
 Onde por todo o sempre jaz captivo;  
 E da morte o cadaver gigantesco  
 Quasi occupando a superficie inteira  
 D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.  
 Da gloria do Senhor um raio apenas,  
 Lá dos confins do espaço despedido,  
 Fere da morte o rosto macilento  
 De tudo quanto foi, e quanto existe!

## E S P E R A!

Quem ha no mundo que afflicções não passe,  
 Que dores não suporte?  
 Mais ou menos d'angustias cabe a todos,  
 A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras  
 E de longo soffrer:  
 Simelha a noite; mas fagueiros sonhos  
 Podem de noite haver.

Por que então maldiremos este mundo  
 E a vida que vivemos,  
 Se nos tornamos do Senhor mais dignos,  
 Quanto mais dôr soffremos?

Quantos cabellos temos, elle o sabe;  
 Elle póde contar  
 As folhas que ha no bosque. os grãos d'areia  
 Que sustentão o mar.

Como pois não será elle commosco  
 No dia da afflicção?  
 Como não ha de computar as dores  
 Do nosso coração?

Como ha de ver-nos. sem piedade, o rosto  
 Coberto d'amargura;  
 Elle, senhor e pae, conforto e guia  
 Da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,  
 Se iroso o mar fluctua:  
 Se o sol rutila. se as estrellas brilham,  
 Se gyra a branca lúia:

Deos o quiz, Deos que mede a intensidade  
 Da dôr e da alegria,  
 Que cada ser comporta — n'um momento  
 D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra  
 Alheia da ventura! —  
 Alem da terra ha céos, e Deos protege  
 A toda creatura!

Viajor perdido na floresta á noite,  
 Assim vago na vida;  
 Mas sinto a voz que me dirige os passos  
 E a luz que me convida.

### A S A U D A D E.

Saudade, ó bella flor, quando te faltem  
 Coração ou jardim, onde tu cresças;  
 Vem, vem ter commigo;  
 Deixa os que te não seguem,  
 Terás em peito amigo  
 Lagrimas, que te reguem,  
 Espaço, em que floresças.

Das pegadas da ausencia tu despontas,  
 Entre as memorias cresces do passado,  
 Quando um objecto amado,  
 Quando um logar distante,  
 Noite e dia,  
 Nos enluta e apouquenta a fantasia.  
 Vem, ó Saudade, vem  
 A mim tambem

Consolar de gemidos suspirosos  
 E de partidos ais!  
 Oh! seja a punição dos insensíveis  
 Não te sentir jamais!

Propicia Deosa, e se não fosse a esperança,  
 Deosa melhor da vida; qu'insensato,  
 A quem mitigas turbidos pezares  
 Haverá tão ingrato  
 Que te não queime incenso em teos altares?  
 O *presente* o que é? — Breve momento  
 D'incommodo ou desgraça  
 Ou de prazer, que passa  
 Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véo escuro,  
 Que nem sempre a illusão nos adelgaça,  
 Nos encobre os caminhos do futuro.  
 O que nos resta pois? — Resta a saudade,  
 Que dos passados dias  
 De magoas e alegrias  
 Balsamo saneto extrahe consolador!  
 Resta a sandade, que alimenta a vida  
 Á luz do facho que adormenta a dôr!

Hera do coração, memoria delle,  
 O' Saudade, ó rainha do passado,  
 Simelhas a romantica donzella  
 De roupas alvejantes  
 Nas ruínas de castello levantado:  
 Grinaldas fluctuantes,  
 Que das fendas brotarão,  
 Movem-se do nordeste  
 Ao sopro agudo e frio;  
 Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,  
 De posses decahido,  
 D'invernos alquebrado,  
 Recorda triste os annos que passarão!

Em que plagas inhospitas e duras  
 Não me tens sido companheira e amiga?  
     Em que hora, em qñe instante  
     De fólga ou de fadiga  
 Já deixei de sentir o penetrante  
 Espinho teo, a repassar-me todo  
 D'um prazer melancholico e suave?

Pois nasces nos desertos da tristeza,  
 O' Saudade, ó rainha do passado!  
 Quando te falte gleba, onde tu cresças,  
     Vem, vem ter commigo;  
     Deixa os que te não seguem,  
     Terás em peito amigo  
     Lagrimas, que te reguem,  
     Espaço, em que floresças!

Entra em meo coração, occupa-o todo,  
 Fibra por fibra enlaça-te com elle,  
 Desce com elle á sepultura; e quando  
     Jazer eu na eternidade,  
     Minha flôr, minha saudade,  
     Tu procura a aura celeste,  
 Rompe a terra, transforma-te em cypreste,  
     Qu'enlute o meo jazigo:  
 E ao meneio das ramas funerarias,  
     Meo derradeiro amigo,  
 Descance morto quem viveo contigo.

---

## NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas aguas d'um regato  
 A flôr dizia em vão  
 A corrente, onde bella se mirava...  
 «Ai, não me deixes, não!»

«Commigo fica ou leva-me contigo  
 «Dos mares á amplidão,  
 «Limpido ou turvo, te amarei constante:  
 «Mas não me deixes, não!»

E a corrente passava; novas aguas  
 Após as outras vão:  
 E a flôr sempre a dizer curva na fonte:  
 «Ai, não me deixes, não!»

E das aguas que fogem incessantes  
 Á eterna successão  
 Dizia sempre a flôr e sempre embalde:  
 «Ai, não me deixes, não!»

Por fim desfallecida e a côr murchada,  
 Quasi a lamber o chão,  
 Buscava inda a corrente por dizer-lhe  
 Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flôr enleia,  
 Leva-a do seo torrão:  
 A afundar-se dizia a pobrezinha:  
 «Não me deixaste, não!»

---

## Z U L M I R A.

Sonhara-te eu na veiga de Granada,  
 Tapetada de flores e verdura.  
 Onde o Darro e Xenil no lento gyro  
 Volvem a lympha pura.

Alli te vejo em leda comitiva  
 Dos gentis cavalleiros do oriente.  
 Quando, deposta a malha do combate,  
 Vestem da paz a seda reluzente.

Alli te vejo n'um balcão sentada.  
 Grande preço da maura architectura,  
 Pejando as azas das nocturnas brisas  
 D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim; mas mais me agrada  
 O que se m'afigura n'outro instante,  
 Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,  
 Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sequito pomposo  
 D'eunuchos a teo gesto vacillantes  
 Em cujas fronte negras se destacão  
 Alvissimos turbantes.

E pergunto quem es? — Então me dizem  
 Ciosos de guardar o seo thesouro,  
 Nome tão doce aos labios, que parece  
 Escrever-se em setim com letras d'ouro.



## A UMA POETIZA.

— Donde vens, viajor? —

— De longe venho.

— Que viste?

— Muitas terras.

— E qual dellas

Mais te soube agradar?

— São todas bellas;

Fundas recordações de todas tenho.

— E admiraste o que?

— Ah! onde as flores

Cada vez a manhã tornão mais linda,

Ondo gêmeo Paraguassú de amores

E os echos fallão de Moema ainda;

Alli, Sapho christã, virgem formosa,

A vida aos sons da lyra dulcifica:

D'escutar a sereia harmoniosa

Ou de vel-a, a vontade presa fica!

BAHIA — 1852.

## ANGELINA.

E' gentil e linda e bella,

E eu sei que m'arrouba o vel-a

Tão divina;

A lyra seos cantos cesse;

Mas minha alma não s'esquece

D'Angelina!

Outro louve os seus cabellos;  
 Cante a luz dos olhos bellos  
     Que fascina;  
 E o leve sorrir donoso  
 Que irradia o rosto airoso  
     D'Angelina!

Os dotes diga que apura,  
 Quando em languida postura  
     Se reclina;  
 Que s'ergue, se acaso passa  
 Susurro que applaude a graça  
     D'Angelina.

Que de amor quando suspira  
 O bardo quebrara a lyra,  
     De mofina:  
 Que jamais poderão cantos  
 Pintar ao vivo os encantos  
     D'Angelina.

Que da sua alma a pureza  
 Equipara-se á belleza  
     Peregrina;  
 Que amor seo throno tem posto  
 N'alma, no talhe e no rosto  
     D'Angelina.

Eu que não sei descrevel-a,  
 Só sei que me arrouba o vel-a  
     Tão divina;  
 A lyra seus cantos cesse,  
 Mas minha alma não s'esquece  
     D'Angelina!

---

## R O L A.

Desque amor me deo que eu lêsse  
Nos teos olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeu!  
Seja noite ou seja dia,  
Eu te procuro constante:  
Vem, oh! vem, ó meo amante.  
Tua sou e tu és meo!

Vem, oh vem; que por ti clamo;  
Vem contentar meos desejos,  
Vem faltar-me com teos beijos.  
Vem saciar-me de amor!  
Amo-te, quero-te, adoro-te.  
Abraço-me quando em ti penso.  
E em fogo voraz, intenso.  
Anceio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,  
Vem apertar-me em teos braços,  
Estreitar-me em doces laços,  
Vem pousar no peito meo!  
Que, se amor me deo que eu lêsse  
Nos teos olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeu.

---

## AINDA UMA VEZ — ADEOS! —

## I.

Emfim te vejo! — emfim posso,  
 Curvado a teos pés, dizer-te,  
 Que não cessei de querer-te,  
 Pesar de quanto soffri.  
 Muito penei! Crúas ancias,  
 Dos teos olhos afastado,  
 Houverão-me acabrunhado,  
 A não lembrar-me de ti!

## II.

D'um mundo a outro impellido,  
 Derramei os meos lamentos  
 Nas surdas azas dos ventos,  
 Do mar na crespia cerviz!  
 Baldão, indibrio da sorte  
 Em terra estranha, entre gente,  
 Que alheios males não sente,  
 Nem se condóe do infeliz!

## III.

Louco, afflicto, a saciar-me  
 D'aggravar minha ferida.  
 Tomou-me tédio da vida,  
 Passos da morte senti;  
 Mas quasi no passo extremo,  
 No ultimo arcar da esperança,  
 Tu me vieste á lembrança:  
 Quiz viver mais e vivi!

## IV.

Vivi; pois Deos me guardava  
 Para este logar e hora!  
 Depois de tanto, senhora,  
 Ver-te e fallar-te outra vez;  
 Rever-me em teu rosto amigo,  
 Pensar em quanto hei perdido,  
 E este pranto dolorido  
 Deixar correr a teos pés.

## V.

Mas que tens? Não me conheces?  
 De mim afastas teu rosto?  
 Pois tanto pôde o desgosto  
 Transformar o rosto meo?  
 Sei a afflicção quanto pôde.  
 Sei quanto ella desfigura.  
 E eu não vivi na ventura....  
 Olha-me bem, que sou eu!

## VI.

Nenhuma voz me diriges!...  
 Julgas-te acaso offendida?  
 Dêste-me amor, e a vida  
 Que m'a darias — bem sei:  
 Mas lembrem-te aquelles feros  
 Corações, que se metterão  
 Entre nós, e se vencerão,  
 Mal sabes quanto lutei!

## VII.

Oh! se lutei! mas devera  
 Expôr-te em publica praça,  
 Como um alvo á populaça,  
 Um alvo aos dicterios seos!  
 Devera, podia acaso  
 Tal sacrificio acceitar-te  
 Para no cabo pagar-te.  
 Meos dias unindo aos teos?

## VIII.

Devera, sim; mas pensava,  
 Que de mim t'esquecerias,  
 Que, sem mim, alegres dias  
 T'esperavão; e em favor  
 De minhas preces, contava  
 Que o bom Deos me acceitaria  
 O meo quinhão de alegria  
 Pelo teo quinhão de dôr!

## IX.

Que me enganei, ora o vejo;  
 Nadão-te os olhos em pranto.  
 Arfa-te o peito, e no entanto  
 Nem me podes encarar;  
 Erro foi, mas não foi crime,  
 Não te esqueci, eu t'o juro;  
 Sacrifiquei meo futuro,  
 Vida e gloria por te amar!

## X.

Tudo, tudo; e na miseria  
 D'um martyrio prolongado.  
 Lento, cruel, disfarçado,  
 Que eu nem a ti confiei;  
 «Ella é feliz (me dizia)  
 «Seo descanso é obra minha.»  
 Negou-m'o a sorte mesquinha  
 Perdôa, que me enganei!

## XI.

Tantos encantos me tinhamo.  
 Tanta illusão me afagava  
 De noite, quando acordava,  
 De dia em sonhos talvez!  
 Tudo isso agora onde para?  
 Onde a illusão dos meos sonhos?  
 Tantos projectos risonhos,  
 Tudo esse engano desfez!

## XII.

Enganei-me!... — Horrendo cháos  
 Nessas palavras se encerra,  
 Quando do engano, quem erra,  
 Não póde vóltar atraz!  
 Amarga irrisão! reflecte:  
 Quando eu gozar-te pudera,  
 Martyr quiz ser, cuidei qu'era...  
 E um louco fui, nada mais!

## XIII.

Louco, julguei adornar-me  
 Com palmas d'alta virtude!  
 Que tinha eu bronco e rude  
 Co'o que se chama ideal?  
 O meo eras tu, não outro;  
 Stava em deixar minha vida  
 Correr por ti conduzida,  
 Pura, na ausencia do mal.

## XIV.

Pensar en que o teu destino  
 Ligado ao meo, outro fôra,  
 Pensar que te vejo agora.  
 Por culpa minha, infeliz;  
 Pensar que a tua ventura  
 Deos *ab eterno* a fizera,  
 No meo caminho a puzera..  
 E eu! eu fui que a não quiz!

## XV.

Es d'outro agora, e p'ra sempre!  
 Eu a misero desterro  
 Vólto, chorando o meo erro,  
 Quazi descrendo dos céos!  
 Dóe-te de mim, pois me encontras  
 Em tanta miseria posto,  
 Que a expressão deste desgosto  
 Será um crime ante Deos!

## XVI.

Doe-te de mim, quẽ t'imploro  
 Perdão, a teos pés curvado;  
 Perdão! .. de não ter ousado  
 Viver contente e feliz!  
 Perdão da minha miseria,  
 Da dôr que me rala o peito,  
 E se do mal que te hei feito,  
 Tambem do mal que me fiz!

## XVII.

Adeos qu'eu parto, senhora;  
 Negou-me a fado inimigo  
 Passar a vida contigo,  
 Ter sepultura entre os meos:  
 Negou-me nesta hora oxtrema,  
 Por extrema despedida,  
 Ouvir-te a voz commovida  
 Soluçar um breve Adeos!

## XVIII.

Lerás porêm algum dia  
 Meos versos, d'alma arrancados.  
 D'amargo pranto banhados,  
 Com sangue escriptos. — e então  
 Confio que te commovas,  
 Que a minha dôr te apiade,  
 Que chores, não de saudade,  
 Nem de amor, — de compaixão.



## O S O M N O.

Nas horas da noite, se junto a meo leito  
 Houveres acaso, meo bem, de chegar,  
 Verás de repente que aspecto risonho  
     Que toma o meo sonho,  
     Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,  
 Ao anjo da terra não ceda o lugar;  
 Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meo leito,  
     Unir-me a seo peito,  
     D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes.  
 Os gozos, que os anjos só podem gozar.  
 Talvez tambem frúa, se ao meo peito unida  
     T'encontro, ó querida,  
     No meo acordar!

## SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,  
 Se um peito extremo — pudesse encontrar,  
 E uns labios macios, que expirão amores  
 E abrandão as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,  
 Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar:  
 Constante a seo lado, seos sonhos divinos  
 Aos sons dos meos hymnos — quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa  
 Da amante extremosa — meos dias privar.  
 De funda sandade minha alma rendida  
 Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

## A FLOR DO AMOR.

Já lento o passo, no cahir da tarde,  
 Lá nos desertos d'abrasada areia,  
 Que o vento agita, porém não recreia,  
 Da caravana o conductor parou.  
 Armão-se ápressa tendas alvejantes,  
 Rumina placido o frugal camêlo;  
 Porém a nuvem d'arabes errantes  
 Se achega á presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição nocturna,  
 Junto a fogueira, que derrama vida,  
 Descanção todos da penosa lida  
 Á voz canora, que o cantor alçou!  
 Confuso o ouvido um borborinho alcança,  
 As armas toma o arabe prudente;  
 Mas logo pensa, regeitando a lança:  
 «Foi o grunhido que o chacal soltou.»

Ouvidos todo e curioso enlevo,  
 Torna de novo a retomar seo posto;  
 Pela fogueira alumiado o rosto,  
 Bebendo as vozes que o cantor soltou;  
 Simelha a terra, quando aberta em fendas  
 Da noite o orvalho sequiosa espera,  
 E o corsel arabe encostado ás tendas  
 Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

«Algueres cresce (o trovador cantava)  
 Sempre fresca e virente e sempre bella,  
 Por influxo e poder de maga estrella,  
 Mimosa, pura e delicada fiôr!  
 Jazendo em sitio escuso e solitario,  
 Esforços é mister p'ra conhecel-a,  
 Que diz a forte lei do seo fadario  
 Que a não descubra acaso o viajor.

«Alva do albor dos lírios odorosos,  
 Tem a modestia da violeta esquiua,  
 E o prompto retrahir da sensitiva,  
 Que parece vestir-se de pudor!  
 Assim, á luz da cambiante aurora,  
 Mudando um pouco a resplendente alvura,  
 De uns toques de carmim s'esmalta e córa  
 A graciosa e pudibunda flôr.

«Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima.  
 Onde cresce: amenisção-se os logares,  
 Tornão se menos agros os pezares  
 E menos viva, e quasi nulla a dôr;  
 Fresca e branda alcatifa o chão matisa,  
 Com doce murmurio as aguas correm,  
 E o leve sopro do correr da brisa  
 Volupia embebe em magico frescor!

«Feliz aquelle que a encontrou na vida,  
 Que onde ella nasce timida e fagueira  
 Não s'ennovela a mó d'atra poeira,  
 Tangida pelo simún abrasador!  
 Alli sorri-se oasis venturoso,  
 Qu'entre deleites o viver matisa,  
 E ao que vai triste, afflicto e sem repouso  
 Chama a descanso do comprido error!

«Feliz e mais que se, perdido, achára  
 Conforto e auxilio no kathá, seo guia,  
 Que o leva a fonte perennal e fria  
 Onde se apaga o sitibundo ardor.  
 Tão feliz, qual talvez se o precedesse  
 Nos desertos a benção do propheta,  
 Que por fanal nocturno lhe accendesse  
 Maga estrella de limpido fulgor.

«Ai! porém do que a vê; e a não conhece,  
 Do que a suspira em vão, e a em vão procura,

Ou que achando-a, desiste da ventura  
 Por não entrar no oasis seductor.  
 Essa flôr descoberta por acerto  
 Nunca mais a verás! colhe, insensato.  
 Colhe abrolhos da vida no deserto;  
 Pois despresaste a que produz o amor!»

Assim cantava o trovador; e todos  
 Ouvem-no com prazer de dôr travado,  
 Que mais do que um talvez terá deixado  
 Atraz de si a pudibunda flôr!  
 No emtanto a nuvem d'arabes errantes  
 Chega-se á pressa, que avistou de longe;  
 E dos corseis, que alentão offegantes,  
 Precede a marcha turbido pavor!

E' nado o sol, aquelle que passava  
 Pelos desertos d'abrasada areia,  
 Que o rubro sangue de cruor rocheia,  
 A um lado o rosto, pallido, voltou!  
 Ninguem as mortes lastimaveis chora,  
 Ninguem recolhe os restos insepultos,  
 E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,  
 Sem borrifal-os, no areial ficou!

Quem saberá do seo destino agora?  
 Ninguem! Somente em climas apartados  
 Miseranda mulher lastima os fados  
 De filho ou esposo, que jamais tornou!  
 Talvez porém, traz de montões d'areia,  
 Nobre corsel sem cavalleiro assoma,  
 E alonga a vista, de pezares cheia,  
 Té onde a vida seo senhor deixou!

---

## A S U A V O Z.

Por que ficasse a vida  
 Por o mundo em pedaços repartida,  
 CAMOES, CANÇ. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava  
 Tudo quanto de bom conservo n'alma.  
 Retrato o pudor no rosto,  
 E um suave dizer, um timbre doce  
 De voz, uma piedade extreme e sancta,  
 Que as mais profundas chagas animava,  
 D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Onvi-a! A sua voz era mais branda,  
 Mais impressiva que o cantar das aves;  
 A aragem qu'entre flores se deslisa  
 E mal remeche a tímida folhagem,  
 A veia de chrystal que triste sôa,  
 O saudoso arrulhar de mansas pombas,  
 As proprias notas d'um cantar longinquo  
 Ou de instrumento a conversar co'a noite,  
 Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,  
 Os dois mais puros sentimentos nossos  
 — A saudade e o amor, — as mais profundas  
 Das merencorias solidões da terra  
 — As florestas e o mar, — um scismar vago,  
 Um devaneio, uns extasis sem termo  
 D'alma perdida por um céu de amores,  
 Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — somente o forão  
 Dulces notas de mysticos salterios  
 Té nós de um astro em outro repetidas.  
 Foi isto o que senti, quando a escutava,

Fluente, harmoniosa, discorrendo  
 Em pratica singela, sobre assumptos  
 Diversos, sobre flores, menos bellas  
 Do que o seo rosto, e céos, como ella, puros.  
 Mas quem n'a ouvira conversar de amores  
 Trouxera n'alma como uma harpa eolia,  
     Dia e noite vibrando,  
     Como um cantar dos anjos  
 Do coração a estremecer-lhe as fibras!

## SE SE MORRE DE AMOR!

Meere und Berge und Horizonte zwischen den Liebenden — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER. *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,  
 Quando é fascinação que nos surprende  
 De ruidoso saráu entre os festejos;  
 Quando luzes, calor, orchestra e flores  
 Assomos de prazer nos raião n'alma,  
 Que embelezada e solta em tal ambiente  
 No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,  
 Graciosa postura, porte airoso,  
 Uma fita, uma flor entre os cabellos, .  
 Um quê mal definido, acaso podem  
 N'um engano d'amor arrebatár-nos.  
 Mas isso amor não é; isso é delirio,  
 Devaneio, illusão, que se esvaece  
 Ao som final da orchestra, ao derradeiro  
 Clarão, que as luzes no morrer despedem!  
 Se outro nome lhe dão, se amor o chamão,  
 D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida; é ter constantemente  
 Alma, sentidos, coração — abertos,  
 Ao grande, ao bello; é ser capaz d'extremos,  
 D'altas virtudes, té capaz de crimes!  
 Compr'hender o infinito, a immensidade,  
 E a natureza e Deos; gostar dos campos,  
 D'aves, flores, murmurios solitarios;  
 Buscar tristeza, a soledade, o ermo,  
 E ter o coração em riso e festa;  
 E á branda festa, ao riso da nossa alma  
 Fontes de pranto intercalar sem custo;  
 Conhecer o prazer e a desventura  
 No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto  
 O ditoso, o miserrimo dos entes:  
 Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem  
 Para dizer que amor que em nós sentimos;  
 Temer qu'olhos profanos nos devassem  
 O templo, onde a melhor porção da vida  
 Se concentra; onde avaros recatamos  
 Essa fonte de amor, esses thesouros  
 Inexgotaveis, d'illusões floridas;  
 Sentir, sem que se veja, a quem se adora,  
 Compr'hender, sem lhe ouvir, seos pensamentos,  
 Seguil-a, sem poder fitar seos olhos,  
 Amal-a, sem ousar dizer que amamos,  
 E, temendo roçar os seos vestidos,  
 Arder por afogal-a em mil abraços:  
 Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porêem enfim transborda,  
 Se tem na terra o galardão devido  
 Em reciproco affecto; e unidos, unas,  
 Dois seres, duas vidas se procurão,  
 Entendem-se, confundem-se e penetrão  
 Juntas — em puro céo d'extasis puros:  
 Se logo a mão do fado as torna extranhas,

Se os duplica e separa, quando unidos  
 A mesma vida circulava em ambos;  
 Que será do que fica, e do que longe  
 Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?  
 Póde o raio n'um pincaro cabindo,  
 Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;  
 Póde rachar o tronco levantado  
 E dois cimos depois verem-se erguidos,  
 Signaes mostrando da alliança antiga;  
 Dois corações porém, que juntos batem,  
 Que juntos vivem, — se os separão, morrem;  
 Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,  
 Se apparencia de vida, em mal, conservão;  
 Ancias crúas resumem do proscripto,  
 Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive á propria ruina,  
 Ao seo viver do coração, — ás gratas  
 Illusões, quando em leito solitario,  
 Entre as sombras da noite, em larga insomnia,  
 Devaneando, a futurar venturas,  
 Mostra-se e brinca a apetevida imagem;  
 Esse, que á dôr tamanha não succumbe,  
 Inveja a quem na sepultura encontra  
 Dos males seos o desejado termo!

---

## A MORTE É VARIA.

(TRADUÇÃO.)

A morte é vária e multiforme, e mûda  
 De trajas e de máscaras mais vezes  
 Qu'uma cançada actriz;  
 Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro  
 D'ironico sorriso e brancos dentes,  
 E d'horrido nariz.



Nem todos seos vasallos são poeira  
 No resalto de pedra adormecidos  
     Por sob as arcarias;  
 A pallida libré nem todos vestem,  
 Nem sobre todos jaz murada a porta  
     Nas cryptas sombrias!

Diversa a natureza é d'outros mortos:  
 Nestes que a sanie e podridão consomem,  
     Vê-se o nada palpavel;  
 Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa  
 E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,  
     Qual monstro insaciavel!

Cabe a outros porêem que sem dôr vemos  
 Passar, gyrar no turbilhão dos vivos,  
     De carne inda vestidos,  
 O nada inda encuberto: cabe a interna  
 Morte, que ninguém sabe, nem chóra,  
     Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos a ver nos cymiterios  
 As campas, ou illustres ou sem nome,  
     De marmore ou torrão;  
 Ou tenhamos alli amiga palpebra,  
 Ou não, — do teixo á sombra descansada,  
     Quer choremos, quer não!

«Jazem» dizemos. Os nomes desaparecem  
 Sob a relva; o verme nesses olhos  
     Enréda a teia crúa!

Por entre as pranchas do caixão despontão  
 Hirtos cabellos, e em pó funereo envolta  
     Branqueja a ossada nua.

Os herdeiros não temem que mais vólte;  
 Esquecerão-n'o já: seos cães se lembrão,  
     Soltando uivos de dôr!

Acama-se a poeira em seos retractos:  
 Já não tem mais rivaes, não tem amigos,  
     Nem odios, nem amor!

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra  
Vemos sosinho e mudo a pranteal-o,

Estatua da afflicção:

A cova toma o corpo, o olvido o nome,  
Tem por lençóis seis pés d'humida terra....

Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se vos deslize  
O pranto sobre a relva, pelo orvalho

E chuva humedecida;

Que na triste mansão os regozije,

E por essa oblação enternecidos

Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chóra,  
Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:

«Seja o Senhor contigo.»

Curão do morto, lavão-lhe as feridas:

Mas a alma estala sem que alguém se dêa,

Nem mesmo o mais amigo!

Ha comtudo pungentes agonias

Nunca sabidas, dores horrorosas

Mais do que se não crê;

Almas ha que tem cruz e passamento.

Sem aureola d'oiro e a mulher pallida

E desgrenhada — ao pé.

# NOTAS.

---

## PRIMEIROS CANTOS.

### POESIAS AMERICANAS.

*Tacápe* (pag. 4), arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios endurecião o tacápe ao fogo, como costumavão fazer aos seus arcs: *Tata-pe* quer dizer «no fogo».

---

*Boré* (pag. 5), instrumento musico de guerra: dá apenas algumas notas, porém mais asperas, e talvez mais fortes que as da Trompa.

---

*Piápe* (pag. 7), piagé, piaches, piaves; os autores portuguezes escreverão *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e cantor dos indigenas do Brazil. (Veja-se a nota correspondente nos Ultimos Cantos, Tomo II, pag. 229.)

---

*Anhangá* (pag. 7). genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

---

*Manitós* (pag. 7), uns como penates que os indios da America do norte veneravão. O seu desaparecimento augurava grandes calamidades ás tribus, de que elles houvessem desertado.

---

## SEGUNDOS CANTOS.

TABYRA.

«Tobajaras — o povo senhor.»

(Pag. 169.)

Ces Tobatares qui reclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. Ferdinand Denis.

«Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomarão, o mostra; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pella fronteira do maritimo em comparação do sertão.» — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS. Noticias do Brazil. L. 1. n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a orthographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, «*Taba e Iara* ou *Yara*.» *Tabajaras* é litteralmente como se dissessemos, os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppor elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. E' isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias —de *Tabajaras*.

«Potiguares lá vê denodados.»

(Pag. 171.)

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. Delles escreve o Padre Vasconcellos:

«Em segundo lugar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos moverão contra os Tobajaras: nas quaes tiverão encontros dignos de historia; porem não me posso deter em contallos, . . . punhão em campo vinte até trinta mil arcos.» — Not. do Brazil. L. 1. n. 157.





Author Gonçalves Dias, Antonio

G635c.2

Title Contos... Vol.1.

UNIVERSITY OF TORONTO  
LIBRARY

Do not  
remove

the card  
from this

Pocket.

Acme Library Card Pocket

Under Pat. "Ref. Index File."

Made by LIBRARY BUREAU, Boston

